

Governadores civis do Norte do País contra contrabando do gado alentejano

PORTO, 26 (Da nossa delegação) — Segundo informação que nos deu esta manhã o próprio governador civil do Porto, dr. Cal Brandão, por nós contactado a propósito da preocupação que se verifica no norte do País com o problema do contrabando de gado nacional para Espanha, os governadores civis de Braga (autor da iniciativa), Viana do Castelo, Vila Real, Bragança e Porto vão reunir-se amanhã nesta cidade para estudo daquele grave problema que afecta a nossa economia e tomar as medidas convenientes. A reunião está marcada para as 15 horas. Recorde-se que, como tem sido detectado por autoridades daqueles distritos com áreas fronteiriças, o contrabando de gado, sobretudo bovino, tem vindo a verificar-se desde há vários meses, calculando-se que milhares de reses tenham assim abando-

nado criminosamente o País. Por outro lado, segundo dados já conhecidos, muito desse gado seria proveniente de zonas do Alentejo, onde se têm feito devoluções de propriedades a antigos donos ao abrigo da «Lei Barreto» e das medidas que os responsáveis pelo MAP têm posto em prática, apesar do protesto dos trabalhadores alentejanos que têm, como se sabe, aumentado grandemente a produção de gado nas zonas de intervenção da Reforma Agrária.

O gado passado em contrabando tem sido encaminhado por zonas fronteiriças das regiões de Melgaço, Montalegre e Chaves, nomeadamente em camionetas de carga que as pessoas da região têm visto passar, sendo depois transferido para outras viaturas pesadas que esperam em território espanhol.

Bebé Natal de Lisboa nasceu em Santa Maria



A meia-noite precisa de domingo nasceu um robusto bebé (com 3 kg e 380 gramas) no 5.º piso do Hospital de Santa Maria. É o terceiro rapaz de um casal que vive na Musgueira-Sul e ainda não tem nome. Maria Ondina Moraes Lopes, na cama 77 daquele piso, disse esta manhã à reportagem do «DL» que a equipa médica que a assistiu se decidiu a assinalar, com o seu acordo, o nascimento do filho às 00.01 do dia de Natal. Afirmou-nos também que o seu nome é questão a acertar pelo casal (o pai do rebento chama-se José Manuel dos Santos Marques), e não escondeu a sua alegria, a despeito de se tratar «de mais um rapaz».

Apesar da resistência do complexo industrial-militar

Novo acordo Salt vai ser realidade

As conversações de Genebra sobre limitação de armamentos estratégicos, travadas no passado fim-de-semana entre o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, ter-se-ão saldado por um êxito ou por um malogro? Segundo declarações inequívocas de fontes oficiais soviéticas e do próprio presidente dos EUA, James Carter, a última sessão de negociações Vance-Gromyko saldou-se por progressos substanciais, embora tivessem ficado ainda por resolver algumas questões importantes. O facto não é de estranhar, pois os dois políticos tiveram de debater questões muito complexas, directamente ligadas à segurança dos dois países, e nenhuma das partes quer, evidentemente, equivocar-se ou ficar a perder. Além disso, há dificuldades técnicas extremamente grandes para comparar os dois sistemas de armamentos estratégicos e para resolver as «assimetrias» existentes.

Isso explica que o final das conversações de Genebra não tenha trazido a notícia há tanto esperada: o acordo está concluído e no «dia X», os presidentes Carter dos EUA e Brejnev da URSS encontrar-se-ão para procederem à assinatura do SALT II. Baseando-se na relativa decepção causada pelos aparentemente magros resultados de Genebra, os conhecidos jornais norte-americanos «The New York Times» e «The Washington Post» afirmaram que à última hora os soviéticos tinham mostrado má vontade para concluir o segundo acordo sobre limitação de armas estratégicas. A imprensa soviética de hoje desmente tais afirmações, assevera que em Genebra se registaram francos progressos e reafirma que a URSS procura que

esse acordo de importância decisiva para a causa da paz seja assinado o mais cedo possível. Segundo o «Pravda», já se conseguiu chegar a acordo sobre as principais questões até agora litigiosas.

Do que não há dúvida é que estas negociações se andam a arrastar desde 1975, quando dificuldades porventura ainda maiores existiam em 1969, e, daí a três anos, foi possível assinar o SALT I para um prazo de validade de cinco anos. Este tratado — SALT I — foi o primeiro da História que fixou limitações materiais para os tipos mais complexos de armamentos e teve um importante papel na consolidação da paz mundial e na intensificação da cooperação entre a URSS e os EUA. No Verão de 1974 ficou decidido que até Ou-



Tudo indica que Brejnev e Carter se encontrarão em Fevereiro próximo na sequência das actuais conversações entre Vance e Gromyko

tubro de 1977 seria concluído um novo acordo SALT (II) o qual teria validade até 1985. As bases desse novo acordo foram estabelecidas em Vladivostok entre Leonid Brejnev e o então presidente dos EUA, Gerald Ford. Os princípios fundamentais que devem presidir à elaboração do futuro acordo são os da igualdade e da garantia de uma igual segurança de ambas as partes.

É fácil de ver que certas resistências tenazes se têm oposto à conclusão deste segundo acordo, do qual depende, em grande medida, a paz mundial, e o abrandamento da louca corrida aos armamentos. Donde vêm essas resistências? Se nos lembrarmos que de cada vez que o Pacto de Varsóvia se reúne, elabora uma proposta de desarmamento dirigida à NATO, en-

quanto este bloco, de cada uma das suas reuniões, decide armar-se cada vez mais, é fácil ver de que lado está o anseio de paz e de que lado está o anseio da escalada armamentista.

Para muitos, será um chavão falar do «complexo militar-industrial» dos EUA, mas ele existe e tem uma força que pesa sobre todos nós. Abrange um milhão de consórcios directos ou indirectamente ligados à produção militar, e cerca de 10 mil empresas intermediárias, grandes e pequenas. Vinte e duas mil empresas satisfazem encomendas do Pentágono. Dezenas de Universidades e centros de investigação científica entregam-se exclusivamente às mesmas tarefas. No plano militar, salienta-se

Continua na pág. 24

EXCLUSIVO



Os problemas da África Austral

vistos por Samora Machel - 1

HOJE HÁ «EXCLUSIVO»

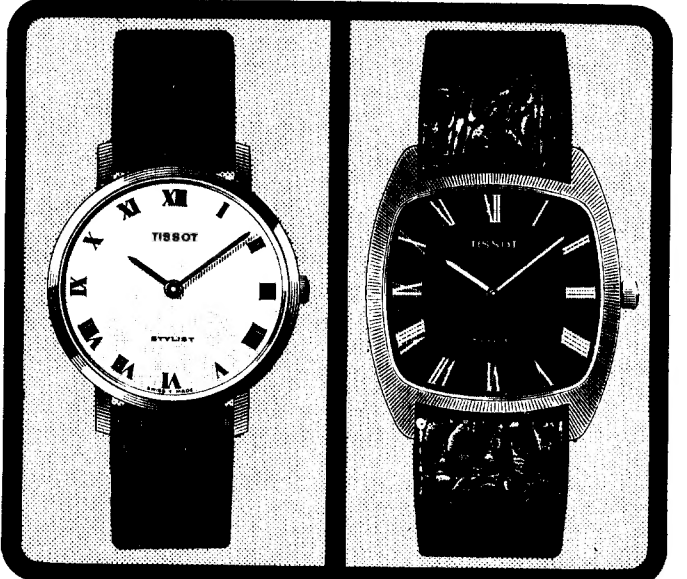
O nosso suplemento das terças-feiras dedicado à vida internacional insere hoje dois documentos do maior interesse: uma análise de Samora Machel sobre os problemas da África Austral e a «Acta de Madrid» sobre a situação no Chile. O «Exclusivo» publica ainda textos sobre as relações entre a Albânia, e a URSS, o desenvolvimento das pescas em Cuba e a continuação do estudo sobre o petróleo e o dólar.



Vida militar

Pág. 3

TISSOT STYLIST



Por que motivo tantas pessoas usam o Tissot?

Porque a colecção Tissot, pela sua qualidade causa admiração. São relógios feitos para durar.

Cada relógio Tissot é garantido em 153 países

TISSOT O RELÓGIO QUE CONQUISTOU O MUNDO INTEIRO

post-scriptum

Sobre a Pirâmide
uma reflexão que conserva actualidade

Muito se tem falado nestes últimos dias sobre um acontecimento (Operação Pirâmide), que está a concentrar as atenções de grande parte dos portugueses, desviando-os das verdadeiras causas dos seus problemas, e simultaneamente, a servir de propaganda comercial para algumas pessoas e seus produtos ou marcas. Para além disso tem-se feito um desvirtuamento do humano (por isso cristão) gesto de solidariedade transformado por certos «dinamizadores» em puro acto de egoísmo. Atente-se nas palavras daquele «artista», que recomenda que se dê porque não sabemos se um dia também vão viremos a precisar.

Pensamos que na verdade é necessário que todos os portugueses se encontrem lado a lado, mas na construção da sociedade verdadeiramente humana, igualitária e fraterna, onde:

- o emprego, será uma realização pessoal.
- a habitação, ao alcance de todos,
- a infância uma idade feliz,
- a velhice não será um susto,
- a cultura, acessível
- os bens materiais serão um meio e não um objectivo,
- a prostituição e a droga coisas do passado,
- a exploração estará de todo banida,
- a palavra «tréguas» não terá sentido por não existir a guerra.

Não estará com efeito, aqui, na construção dessa sociedade, a solução para todos os males que afligem os portugueses?

A «Operação Pirâmide» está em marcha... e será indubitavelmente um «êxito».

Mas será que:

- as profundas aspirações dos portugueses estão em vias de se concretizarem?
- o direito ao pleno emprego é uma realidade?
- a habitação é condigna?
- o acesso à cultura é igualitário? e o acesso aos bens materiais?

— para onde vai o aumento do custo de vida? e os salários comportam esse aumento?

— para onde vão os objectos e instrumentos de trabalho que são retirados das mãos dos trabalhadores?

Se, na verdade, a «Operação Pirâmide» for «um momento de reflexão» sobre as raízes profundas do nosso descontentamento e se todos soubermos tirar as conclusões necessárias, então a «Operação Pirâmide» atingirá um objectivo extraordinariamente válido. Caso contrário, não passará de umas «tréguas no Natal» (no dia seguinte haverá guerra) e de um adiamento de soluções.

Alertamos todos os portugueses para não se deixarem embalar por sentimentalismos estereis, mas façam do Natal de 1979, a festa do NASCIMENTO de um país, onde a justiça social não necessite de mais «operações pirâmide».

Um grupo de cristãos da Vigararia de Almada

«Exames, classificações
e o mais que esta carta vos dirá...»

Relativamente a uma carta publicada no «Post-Scriptum» da vossa edição, de 20 de Novembro último, sob o título «Exames, classificações e o mais que esta carta vos dirá...», subscrita pelo sr. Ângelo Gomes Furtado (estudante guineense) visando os docentes Carlos Reis e Clara Rocha, embora já tivesse dado uma primeira opinião sobre o assunto, se me permitem e não lhes tomo, muito tempo, sempre acrescentarei alguns tomates.

e Clara Rocha, e digo-lhes com a franqueza e coragem que me caracterizam que não me convenceram nem um bocadinho das suas razões.

Minha filha e eu tivemos problemas similares, na nossa vida, estudantil, nas Faculdades que frequentámos, não pelas classificações, que foram bastante altas (sem falsa modestia, roçando os 18, 17 valores), mas por via doutros problemas raciais, que não escreverei aqui porque não gosto de desventrar vexames antigos, concernentes à minha família. O que sabia desde os tempos da escola primária, e isso ensinei a minha filha, é que tinha de tirar notas altas, porque os negros não podem roçar o 10 tangencial, senão reprovam. E neste ponto é que o sr. Ângelo Furtado falhou: devia ter-se apercebido disso.

Com respeito ao «currículo» escolar tão vasculhado e acintosamente apresentado pelos docentes Carlos Reis e Clara Rocha, penso existir da parte desses professores muita falta de progressismo e de pedagogia activa (também já fui professor liceal e das Escolas Técnicas, em Matemática). Nem todos são filhos de burgueses endinheirados, jogam futebol na Académica, ou são filhos de classes médias não muito ricas mas de dinheirinho certinho, para se dedicarem completamente ao estudo, ou se aliviarem de outras preocupações ou prosseguirem, sem desistências, os seus estudos sem soluções de continuidade.

Dirão com certeza, aí no vosso jornal que só escrevo e falo de colonialismo e de racismo, mas reparem que não fui eu que fiz a História. Aliás, quem começou com o racismo? É preciso não esquecer ainda um passado recente e um presente infelizmente muito actual.

Portanto, conclusivamente, para mim a carta resposta de Carlos Reis e Clara Rocha, nada me responde...

Um leitor devidamente identificado

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contate a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Amanhã jornalistas e gráficos paralisam em hora de ponta

Os jornalistas vão paralisar duas horas amanhã, coordenando assim a sua luta com a dos restantes trabalhadores da Imprensa e agências noticiosas abrangidas pelo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (CCTV), em defesa das duas convenções do sector.

A assembleia geral do Sindicato dos Jornalistas aprovou ainda, por unanimidade, que «a manter-se a situação de indefinição patronal e o consequente bloqueamento da contratação colectiva, os jornalistas poderão ser forçados a adoptar formas de luta mais duras, que poderão ir

até à paralisação total».

Amanhã, os jornalistas paralisam entre as 11 e 30 e as 12 e 30 e entre as 21 e as 22 horas, enquanto os trabalhadores gráficos e administrativos terão paralisações de uma hora em cada turno, indo até à madrugada do dia 28.

«Sem prejuízo de eventuais formas de luta autónomas», a direcção e a Comissão Negociadora Sindical dos jornalistas foram mandatadas para «coordenar acções conjuntas com os restantes trabalhadores do sector». Trata-se da primeira vez desde há muitos anos que todos os trabalhadores da Imprensa

adoptam formas de luta comuns.

Os jornalistas protestam contra a «ameaça», por parte da Associação da Imprensa Diária (AID), da resolução por via administrativa da tabela salarial do CCT.

«Ao demitir-se das suas funções de entidade negociadora, uma vez não obtidas certas pretensões exigidas ao Governo, a AID está a atirar para o Ministério da Comunicação Social a responsabilidade do CCT. Está a transferir a condição de entidade patronal para o actual Ministério, que assim poderá surgir, com todos os riscos inerentes, como

o «patrão» da Informação estatizada e privada tanto escrita como radiodifundida», considera-se na proposta aprovada pela assembleia dos jornalistas.

«Os jornalistas não estão dispostos a serem jogados ao sabor dos interesses das entidades patronais e do Governo — prossegue o texto aprovado por unanimidade — e querem negociar as suas condições de trabalho com quem, representando os proprietários dos meios de Comunicação Social, tenha capacidade, competência, legitimidade e poderes para o fazer. As posições têm portanto que se definir».

Antes da análise da situação relativa ao CCT, a assembleia aprovou por unanimidade uma moção de repúdio «pelas ingerências do ministro Proença de Carvalho na RDP, e RTP» e «a sua apreensão face à actuação e declarações do ministro relativamente à contratação colectiva dos jornalistas».

A mesma moção manifestava ainda solidariedade com os trabalhadores do «Diário de Lisboa», na defesa dos seus postos de trabalho e do estatuto editorial do jornal, e protestava contra as medidas administrativas desencadeadas contra os semanários «Voz do Povo» e «Página Um».

Referindo-se à actuação e declarações do actual ministro da Comunicação Social, os jornalistas consideraram que «legitimamente se poderá perguntar se o MCS e o Governo não estarão, como executivos dos interesses políticos e económicos que servem, a utilizar as deficiências estruturais do sector, a apostar na sua degradação e a jogar com o justo descontentamento dos trabalhadores para vibrar um golpe político que conduzirá a uma maior limitação do direito à informação e da liberdade de expressão».

Alemanha Federal — jornalismo electrónico em fase de prática

As tipografias e casas editoras da Alemanha Federal estão a adquirir prática, desde há nove meses, com um novo convénio laboral, que regula as condições de trabalho na introdução e aplicação do jornalismo electrónico.

O texto do convénio é composto por vinte artigos e é conhecido nos meios laborais do sector simplesmente por convénio «Nova Técnica». Foi negociado após semanas de luta laboral e de «lock-out». É considerado o único no género da Alemanha Federal.

De momento, na Alemanha, há doze diários, e três agências noticiosas, que trabalham integralmente em função da nova técnica.

Os Sindicatos do sector centraram a sua negociação na consecução de uma meta: os operários qualificados da indústria impressora e de artes gráficas devem conservar os postos de trabalho e salários depois da introdução da nova técnica.

Desta forma pretendem evitar que, como consequência imediata da racionalização, se verifiquem despedimentos ou reestruturações salariais que resultassem em prejuízo do operariado qualificado.

Com o novo convénio ficou-se, principalmente, que o maneio dos novos aparelhos electrónicos é, essencialmente, tarefa de empregados não especializados.

Apesar disso, ficou assente que durante um período de 8 anos esses postos de trabalho devam ficar reservados à mão-de-obra especializada na indústria impressora.

'Sagres': objectivo é Nagasaki com "reveillon" a burdo

Será transmitido em directo pela televisão japonesa o «reveillon» a bordo da «Sagres», neste momento a caminho de Nagasaki.

A «Sagres», navio-escola português, iniciou a sua volta ao mundo no passado dia 23 de Junho, devendo regressar a Lisboa no fim de Abril de 1979.

Depois de breve estadia em Tóquio, última escala do navio, a «Sagres» navega agora em direcção ao porto de Nagasaki, onde é esperada no próximo dia 28.

Depois da festa do fim de ano, que será filmada por uma equipa da TV portuguesa, o veleiro fará-se de novo ao mar, a caminho de Hong Kong.

PASSAPORTES
OBTENHA COMODAMENTE
O SEU PASSAPORTE
DE TURISMO NA
EUROPEIA
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 - LISBOA 2 - Tel. 536121

Ministério da Habitação e Obras Públicas
Secretaria de Estado da Habitação
Fundo de Fomento da Habitação
DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL

ANÚNCIO

Para os devidos efeitos se faz saber que o acto público do concurso para a Empreitada n.º 15/DS/78. Construção de Infra-Estruturas em S. Pedro do Corval — Ruagengos de Monsaraz, publicado no «Diário da República» n.º 291, III série, de 20 de Dezembro de 1978, foi anulado.

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL
em Évora, aos 20 de Dezembro de 1978

O DIRECTOR DE HABITAÇÃO DO SUL
Mario Fernando Costa Santos de Sa
Engenheiro-Civil

António Carloto
TECIDOS, ESTOFOS E DECORAÇÕES
MÓVEIS
EM TODOS OS ESTILOS
CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS
Rua Serpa Pinto, 43 e 45 Tel. 2072448
Rua Miguel Bombarda, 1 e 222/222-A
BARREIRO

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO PRESIDÊNCIA COMUNICADO

A Câmara Municipal do Porto, na sequência da deliberação, por unanimidade, de 12 de Outubro último, no sentido de erguer nesta cidade um monumento em homenagem ao general Humberto Delgado, — que deu a vida em prol da liberdade e da democracia no nosso país —, monumento este a erigir através de subscrição pública de todos os cidadãos portugueses, comunica que fez seguir as respectivas listas, autenticadas e numeradas, para todas as câmaras do país, juntas de freguesia de Lisboa e Porto, Sindicatos, CGTP-Intersindical Nacional, Assembleias Regionais dos Açores, Madeira e Macau, Assembleia da República, exprimindo a sua convicção de que todos os que desejam que seja perpetuada a memória do grande democrata que foi o «general» sem medo — saberão corresponder a esta iniciativa.

Porto e Paços do Concelho, 22 de Dezembro de 1978.

Pela Câmara Municipal do Porto
Os Vereadores
Juvenal de Freitas
Raul de Castro
Alfredo Ângelo Magalhães

ponto a ponto



Carlos Rafael Rodríguez, vice-presidente do Conselho de Estado de Cuba, partiu no sábado de Lisboa, com destino a Madrid, após uma visita de três dias a Portugal. Estiveram no aeroporto, a apresentar cumprimentos de despedida, o brigadeiro Garcia dos Santos, em representação do Presidente da República, o brigadeiro Franco Charais, os majores Vitor Alves e Canto e Castro e o comandante Martins Guerreiro, em representação do Conselho da Revolução, o embaixador de Portugal em Cuba, Manuel João da Palma Carlos, o conselheiro Pinheiro Farinha, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, e Paulo Enes, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros.



Até às próximas eleições, vai ser formado na Madeira um partido a nível nacional. A nova organização política, que terá a sua sede no Funchal, chamar-se-á Partido Democrático do Atlântico (PDA) e entrará em actividade até às próximas eleições. Na base do PDA encontra-se um grupo de elementos da Associação Política do Arquipélago da Madeira (APAM).



O Primeiro-ministro, Mota Pinto, foi recebido, no sábado, no Palácio de Belém, pelo general Ramalho Eanes. No final do encontro, que durou cerca de duas horas, a Presidência da República emitiu um comunicado qualificando-o de «reunião normal de trabalho», sem especificar os temas abordados.



O conselho Nacional da Juventude Social-Democrata vai reunir-se, em Lisboa, nos dias 6 e 7 de Janeiro. A JSD aceitou, entretanto, fazer-se representar no I Congresso da Juventude da União do Centro Democrático de Espanha (JUCD), para o qual foi convidada na sequência da visita que representantes da JUCD fizeram a Portugal.



De acordo com um decreto-lei publicado no «Diário da República» do passado dia 23, o Estado vai investir 4025 mil contos no projecto de produção de adubos azotados da empresa pública Quimigal, a concretizar nos próximos quatro anos, com verbas que deverão advir de empréstimos a longo prazo por parte do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, do Banco Europeu de Investimentos e de outras instituições bancárias nacionais e estrangeiras.

Venezuela: as linhas da próxima política externa

Caracas (IPS). – Com o novo presidente e um novo partido político no poder a partir de Março, as linhas da política externa manter-se-ão contudo, na sua essência, mesmo quando, muito provavelmente se moderar o impulso em sectores tais, como participação no Terceiro Mundo e o Pacto Amazónico.

Observadores preconizam que a semelhança do que aconteceu no México, durante a última troca de governo, a gestão que o presidente democrata-cristão Luis Herrera Campins, inicie aqui, em Março, terá expressão prioritária nos problemas internos e irá atender no âmbito internacional — pelo menos numa primeira etapa — exclusivamente àqueles rotulados de interesse imediato ou que façam parte do consenso nacional já estabelecido ao longo do período democrático do país.

Neste último aspecto, cabe referir que a Venezuela manterá uma política progressista e conciliadora no seio da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e intercederá por melhores preços do petróleo em rama — como já foi anunciado pelo partido triunfador.

Será firme, ainda, a posição no Pacto Andino e confirmar-se-à a política em relação ao presidente nicaraguano Anastásio Somoza, ainda que deva esperar-se uma menor intervenção directa.

A partir de Março, a Venezuela deixará de lado o papel destacado em que se estava perfilando entre os países do Terceiro Mundo.

O novo presidente, por temperamento e definição política, mostrar-se-à menos inclinado a seguir a linha do actual mandatário, Carlos Andrés Pérez apesar que não abandonará o bloco dos países em desenvolvimento.

Quanto ao Pacto Amazônico, cabe recordar que um dos mais autorizados porta-vozes do partido Democrata-Cristão, o ex-chanceler Aristides Calvani, foi um crítico do acordo amazônico subscrito pelos países deste vale, em resposta à promoção brasileira. Calvani fez notar a discrepância do seu partido com uma série de artigos do Pacto, e em vários pontos mostrou o seu desacordo com o espírito do Acordo de Cooperação na mais vasta região natural da Terra.

A posição que o novo governo adopte, pode ser decisiva para o progresso do Pacto, uma vez que foi decisiva a adesão venezuelana para que vários países se acoplassem ao projecto exposto pelo Brasil.

Isto não afectaria outras áreas de aproximação com o Brasil, actualmente vinculado estreitamente com obras básicas e gigantescas que se realizam na Venezuela — a barragem do Guri, obras do metropolitano, etc.

Calvani é o principal mentor democrata-cristão, o ex-presidente Rafael Calderá, têm reiterado o interesse venezuelano em cultivar as melhores relações com o seu vizinho de maior extensão e principal economia da região.

A política venezuelana do petróleo manter-se-à inváriavel pelo menos nos seus compromissos e objetivos. Os diferentes partidos, através de todos os governos democráticos desde 1958, têm mantido sobre esta política um consenso nacional e a própria realidade da indústria, a ratifica.

Com uma produção e consequente exportação em níveis decrescentes a Venezuela deve tender a melhorar constantemente os preços do seu principal rótulo de exportação e base, sobre a qual, se verificou o vertiginoso processo de desenvolvimento industrial.

Este desenvolvimento, por outra parte, assegura o interesse governamental de consolidar o processo de integração andino. Cabe recordar, que o ingresso venezuelano no Pacto Andino se deu durante um governo democrata-cristão, depois de numerosas consultas ao empresariado nacional, que compreendeu a sua utilidade para a expansão do mercado. O Pacto é já parte dos planos industriais do país.

Luis Herrera, presidente da democracia-cristã latino-americano, ratificará a posição venezuelana de apoio ao derube do ditador nicaraguano Anastasio Somoza.

Contudo, evitará toda uma atitude que possa envolver o país em acusações de intervenção ou actos não amistosos. É de recordar que os democratas-cristãos apoiaram o envio de aviões à

Costa Rica, na ocasião em que acção do presidente Perez. quando porta-vozes da Acção Democrática deixaram entender que a Força Aérea poderia chegar a actuar.

Os democratas-cristãos parece que se inclinam para a pressão e dissuasão em vez da participação aberta contra o regime da Nicarágua.

Finalmente, a política de Luís Herrera, procurará evitar atritos desnecessários na frente externa, já que durante a sua gestão prosseguirão as negociações com a Colômbia para delimitar as áreas marinhas e submarinhas no golfo da Venezuela e num terreno mais delicado ainda se renovarão as conversações com a Guayana para esclarecer a marcação fronteiriça na zona de Esequibo. Uma ampla franja desta zona rica em minerais e madeiras, é reclamada pela Venezuela e a disputa tem-se mantido congelada, de comum acordo, por um período de dez anos, que termina em 1982.

A Venezuela manterá, com menor participação do presidente, a sua simpatia pela política dos direitos humanos propagada pela Casa Branca e, (tal como se iniciou a tradição durante o anterior governo democrata-cristão de 1969 – 73 o abandono da doutrina Betancourt de não reconhecimento a regimes de facto) sustentará uma política de amplas relações com todas as nações, independentemente dos seus regimes e sistemas sociais.

VIDA MILITAR

Encontro as duas palavras – Vida/Militar – juntas e destacadas como epígrafe, a páginas tantas do «Vale de Josafat». E logo Raul Brandão a dizer-nos: «Durante o tempo que fui tropa, vivi sempre enrascado, como se diz em calão militar». Daquela «tropa» do período em que como oficial percorreu a carreira das armas, escrevia Raul Brandão: «Era um exército de relojoaria inútil, com alguns oficiais modestos e pobres soldados bisonhos, que atravessavam o quartel sem entenderem nada, como eu, e, como eu aterrados». Aterrado, este Raul Brandão, escritor de talento, memorialista impiedoso. As suas «Memórias», em três tomos, são obra insubstituível para conhecermos o final da Monarquia, o dealbar e o estertor da República.

A «anedota» em Raul Brandão ganha a força de elemento fundamental para a reconstituição de um quadro: «Do cabo ao comandante, todos sentiam o mesmo horror da responsabilidade. — Meu coronel, amanhã é domingo, peço licença para ir ao Porto, ver a família. — Dou-lhe licença, mas se acontecer alguma coisa não tomo a responsabilidade». E aqui, adivinhamos o leitor a interrogar-se, a perguntar-se, a perguntar-nos, se tínhamos transcrito, letra por letra, do «Vale de Josafat», do Raul Brandão, ou se reproduzimos, por alto, algumas frases do «Walt», a noveleta (será só uma «noveleta»?) do Fernando Assis Pacheco?

Pois saiba o leitor que é do Raul Brandão o trecho transcrito. Poderá encontrá-lo no volume «Vale de Josafat», páginas 131. E não suponha que na evocação memorialística o pintor não nos deixou fixados outros aspectos, retratados outros homens, visionados outros problemas. A seguir, Raul Brandão dispara: «Quer isto dizer que não houvesse oficiais excelentes? Certamente havia. Havia-os, mas levaram uma vida ignorada ou uma vida dos diabos. Um comandante sério, digno-sabedor, que tive, logo no princípio da carreira (era um prático), foi reformado pelo Pimentel Pinto». Leia-se Fernando Santos Costa, José Esquivel, Kaulza de Arriaga, recorde-se Passos e Sousa, Vicente de Freitas, Lopes Mateus, e a página de Raul Brandão revela-se actual. Onde está «prático», ponha-se «miliciano», ou escreva-se «capitão de Abril».

O Raul Brandão militar era o Raul Brandão escritor. Antes das análises introspectivas da «Farsa» e do «Humus», das marinhas de «Os Pescadores», das paisagens de «As Ilhas Desconhecidas», do dostoievskiano «Pobres», Raul Brandão experimentara o ofício de jornalista. O ministro Pimentel Pinto, atento e desconfiado, chamou-o ao Ministério da Guerra: «O senhor sabe que o posso transferir para Bragança? Então continue a escrever em tal jornal...».

E Raul Brandão lastima-se: «Pobre de mim, pobre alferes com trinta mil réis por mês e descontos, diante de um oficial no acume do poder! Era ao tempo em que só os oficiais políticos ou do paço podiam levantar a cabeça...» Como é no nosso tempo? Como é «depois de Abril»?

Se compararmos o que se passou com o general António Spínola, ao regressar da aventura para o qual o empurraram, ainda ex-general para a Imprensa, e o que se passou, e passa, com o major Otelo; se pensarmos na licença de caluniar e de ameaçar conferida a alguns militares, o direito de palavra a outros recusado; se tivermos presente a benevolência para militares que juraram as fardas na Pide e a severidade para militares que honraram as fardas em Abril; — mergulharemos com alguma melancolia nas páginas do «Vale de Josafat» à **vida militar** dedicadas.

Claro que a situação de hoje não é comparável sobre muitos aspectos à dos dias em que Raul Brandão, mais vocacionado para as cores e para as palavras do que para os bélicos instrumentos, escrevia a página que, para comodidade do leitor, transcrevemos: «Estes oficiais não se tinham habituado a comandar homens (esse era o grande mal) – mas soldadoso analfabetos. Galão sobre galão, espada arrasto – às armas! – casernas espessas e homens mais espessos que as casernas. Para a tropa só iam, com excepção de um ano em que o serviço foi pessoal e obrigatório, os desgraçados que não podiam pagar e os que não tinham quem pedisse por eles. Do fundo das serras, das casas negras de fumo, do esterco dos eidos, vinham aqueles lapuzes espessos, brancos, mal sabendo falar e caíam nas mãos dos sargentos e dos cabos, que apenas exigiam deles movimentos automáticos. Que sabiam de Portugal?»

Bem diferente, a situação nos nossos dias. Quando os generais medalhados e gloriosos que levantaram os exércitos de África contra De Gaulle se viram desaprovados e abandonados pelos soldados e cabos do «contingente», na História Militar dos «golpes-de-Estado», dos «pronunciamentos», das «quarteladas», ficava escrita uma página de pleno significado democrático. Uma nova arma de guerra, e de paz, entrava na História: o «transistor». Nos «transistores» dos soldadinhos do «contingente», a voz do general De Gaulle. A voz da República condenando a rebelião dos generais facciosos, a voz da Democracia denunciando a aventura fascizante. E em Abril? Não foi pela rádio que a Revolução dirigiu os soldados e mobilizou os civis?

Não é possível nos nossos dias – nestes dias depois de Abril – dispor dos militares como de uma gente sem vontade, sem consciência cívica, espessa e bronce. Hoje os oficiais têm que merecer os soldados. Hoje, a subordinação da «instituição militar» ao «poder civil» tem que apoiar-se numa educação democrática dos militares. A democratização das Forças Armadas deverá principiar por uma pedagogia democrática, por uma formação democrática. A formação técnica é importante. A formação política é indispensável. Para defender a Democracia, a «instituição militar» terá que viver a Democracia e que viver em Democracia.

Já Raul Brandão valorizava a instrução do soldado. Tivesse ela sido feitas nos primeiros anos da República. «Era a transformação radical do exército português, porque no dia em que o soldado fosse mais instruído o oficial tinha de ser muito mais instruído ainda, e de saber impor-se para que o respeitassem. Em Portugal o oficial julga o soldado, mas o soldado também o julga, e às vezes com mais justiça. É raro enganar-se».

Por aqui ficamos. Com Raul Brandão, esse oficial do Exército cujo nome talvez seja ignorado pela História Militar, esse escritor que ficou e ficará na História da Literatura Portuguesa.

Ministério da Habitação e Obras Públicas
Secretaria de Estado da Habitação
Fundo de Fomento da Habitação

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL
ANÚNCIO

Para os devidos efeitos se faz saber que o acto publico do concurso para a Empreitada n.º 16/DHS/78, Construção de Infra-Estruturas em Monforte, publicado no «Diário da República» n.º 291, III Série, de 20 de Dezembro de 1978, foi anulado.

DIRECÇÃO DE HABITAÇÃO DO SUL,
 em Évora, aos 20 de Dezembro de 1978

O DIRECTOR DE HABITAÇÃO DO SUL
 Mário Fernando Costa S. de Sá
 Engenheiro Civil

FIM de ANO
STAR

MADEIRA-ACORES
 SERRA DA ESTRELA
 ALGARVE-NICE
 PARIS-MADRID

CONSULTE JA OS NOSSOS
 SERVICOS



STAR
 ESTORIL - FARO - PORTO - LISBOA

PODER LOCAL

Antifascistas na toponímica da cidade de Setúbal



Setúbal: nomes de democratas nas ruas para defesa da democracia. Do Castelo de S. Filipe, e com um pouco de generosa atenção, é possível contemplar-se as artérias que, a partir de agora, lembram vultos do passado, desde universitários a simples operários e infatigáveis sindicalistas

Setúbal vai ter nova toponímica.

Nomes com outro sentido, do País novo que queremos, vão figurar em ruas da cidade do Sado.

Ei-los:

Rua de Mário Sacramento, antifascista de formação marxista e neo-realista, que participou no Movimento de Unidade Democrática e foi impulsor do I Congresso Republicano de Aveiro, em 1957.

Temos, depois, a **Rua Dr. António Luís Pereira de Almeida**, médico, e também licenciado em Matemática, Física e Filosofia pela Universidade de Coimbra, cidadão afastado pelo regime fascista de professor do Liceu de Setúbal e da presidência da Câmara.

E ainda:

Alameda do Pinheiro (por no sítio existir um pinheiro velhíssimo, considerado como pinheiro histórico); **Largo de Valentim Adolfo João**, fundador do Sindicato dos Operários Mineiros de S. Domingos, e também de uma Associação de Socorros Mútuos que abrangia todos os operários da região e seus familiares, e que por isso e por outras coisas (integrou-se na resistência dos republicanos contra as milícias do ditador Franco), teve de se exilar, mais tarde, em Espanha, onde participou na preparação do atentado a Salazar, em Ruivo de 1937; **Largo de Eduardo Maria Duarte**, republicano e defensor das ideias liberais, presidente de várias agremiações locais, operários calceteiro da Câmara de carácter exemplar e honesto; **Largo de Afonso Ventura**, cidadão que foi um republicano convicto, romancista, crítico coerente da vida citadina desse tempo (1887/1967); **Largo de Francisco Pinhão**, republicano e sindicalista, impulsor do mutualismo, orador e fundador do jornal «Germinal»; **Travessa de João de Santarém**, navegador do século XV, a quem coube fazer a exploração da costa setentrional da Guiné; **Beco de Carlos Augusto Ferreira**, um dos principais fundadores da Associação Instrutiva de Beneficência Familiar;

A arruaamentos que não tinham ainda qualquer designação, foram dados os nomes de Praceta dos Açores, Praceta de Diu, Rua de Goa, Rua de S. Tomé e Príncipe, Rua de Cabo Verde, Rua da Doca, Delpeut e Praceta de Montalvão.

Esta nova toponímia foi aprovada por unanimidade pelos vereadores da Câmara Municipal de Setúbal.

NO CEMITÉRIO DE AGRAMONTE
"Caridade" em perigo

PORTO 26 - «Caridade», uma obra de Teixeira Lopes corre o risco de se perder se não se proceder, rapidamente, à sua remoção para local apropriado, já que exposta à intempérie no Cemitério de Agramonte está a ser corroída e deteriorada lentamente.

A obra, que data de 1902, representa uma mulher em tamanho natural com duas crianças ao colo. Foi esculpida em mármore e adorna o túmulo da família José Caetano de Carvalho. Foi com ela e com as «Portas Monumentais da Candelaria», «História», «Bebé» e «Santo Isidro de Sevilha» que o mestre Teixeira Lopes conquistou a Legião de Honra e o «Grand-Prix» no «Salon» de Paris.

Entretanto razões de ordem burocrática vêm impedindo que a «Caridade» seja removida daquele cemitério. Isto apesar dos esforços encetados pela escultora Teresa Lapa para que a estátua seja substituída por uma réplica em Bronze, recolhendo o original à Casa-Museu Teixeira Lopes, onde ficaria preservado da intempérie.

tora Teresa Lapa para que a estátua seja substituída por uma réplica em Bronze, recolhendo o original à Casa-Museu Teixeira Lopes, onde ficaria preservado da intempérie.

EVA, LDA



CABELEIREIRO
EM
PLENA ACTIVIDADE

MARQUÊS DE POMBAL, 1
 R. C. CASTELO BRANCO, 23

BANCO
DE PORTUGAL

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE EMISSÃO E TESOURARIA

AVISO

O Banco de Portugal leva ao conhecimento do público que, de harmonia com o disposto nos artigos 10.º e 11.º da Lei Orgânica, resolveu retirar da circulação, a partir de 2 de Janeiro de 1979 e até 30 de Junho de 1979, as seguintes notas:

MIL ESCUDOS, chapas 8 e 8A, efígie «D. Filipa de Lencastre»

QUINHENTOS ESCUDOS, chapa 8, efígie «D. João IV».

No decurso do prazo de retirada acima indicado, manter-se-á o poder liberatório das referidas notas, não podendo, portanto, ser recusadas nos pagamentos.

Expirado aquele prazo, as notas abrangidas por este aviso só poderão ser trocadas ou reembolsadas no Banco de Portugal, quer na Sede, em Lisboa, quer em qualquer das suas Delegações, até 30 de Junho de 1999, data a partir da qual aquelas notas deixam de ter qualquer valor fiduciário.

Lisboa, 26 de Dezembro de 1978

BANCO DE PORTUGAL
 Os Administradores

Joaquim Mestre
 Luís Carlos de Assunção Brás Teixeira

PRECISAM-SE 5 PESSOAS

PART-TIME 11 200\$00

Com entrada imediata, companhia inglesa, admite 5 pessoas com mais de 18 anos e 5.º ano liceal como mínimo, para trabalhar apenas em «part-time».

Contactar pessoalmente, amanhã (4.ª-feira) na Av. António Augusto de Aguiar, 3 - 1.º Letra D só às 11 horas.

Ramalho Eanes dirigiu mensagem aos emigrantes

«Sei por experiência que nada pode vencer a saudade de passar o Natal longe da terra onde nascemos, separados da família e dos amigos a que queremos e até das tradições em que vivemos uma parte da nossa vida. Quero porém assegurar a todos vós que não estais esquecidos, em nenhum momento do ano e em particular nesta quadra» — afirma o Presidente da República, general Ramalho Eanes, numa mensagem de Natal dirigida aos emigrantes.

A mensagem de Eanes foi gravada pela RTP para ser transmitida por estações de televisão em diversos países onde existem comunidades de trabalhadores portugueses radicadas, e pela RDP, para ser difundida nas suas emissões internacionais e através dos programas e emissores de outros países que a solicitaram.

Eanes começa por dizer que desejava antes que as suas palavras fossem ouvidas «por todos, em Portugal». «Mas a vida impõe-nos por vezes grandes sacrifícios, e aos emigrantes ainda mais que aos outros ho-

mens» — acrescenta.

«Não estais esquecidos» — diz o Presidente da República. «Não estais esquecidos do Estado Português e das autoridades que se esforçam por conseguir para todos os emigrantes melhores condições de trabalho, melhor acolhimento, melhor integração nos países que vos receberam e, principalmente, me-

lhor educação para os vossos filhos, a fim de que eles não sejam obrigados a suportar tantas dificuldades como muitos de vós tivestes que atravessar.»

«Não estais certamente esquecidos das autoridades dos países onde trabalhais e que repetidamente me disseram que os emigrantes portugueses têm

dado uma contribuição importante para o progresso e para a riqueza dessa e de outras nações». — Eanes ainda.

Mais: «Não estais principalmente esquecidos de todos os outros portugueses, onde quer que se encontrem, tenho a certeza de que interpreto o sentir de todos eles trazendo-vos aqui o meu abraço de boas-festas.»

...e passou a consoada na EPI de Mafra

O Presidente da República juntou no domingo na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, com oficiais, sargentos e praças daquela unidade militar.

Para o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, que ali se deslocou na companhia do CEME, general Pedro Cardoso, governador da Região Militar de Lisboa, general Oliveira Rodrigues, e director da arma de Infantaria, a consoada que aconteceu o Natal foi mais um dia de trabalho passado, na circunstância, com militares.

A indicação de que Ramalho

Eanes estaria, domingo à noite, com os oficiais, sargentos e praças da EPI de Mafra foi divulgada ao fim da tarde desse dia, razão por que os órgãos da Comunicação Social que saíram ontem, ante a obrigatoriedade de serem fechados a tempo e horas e em consonância com o dia familiar de domingo, voltaram as suas «antenas» para Alcains, inicialmente, e depois para Castelo Branco, onde o PR tem a sua mãe e um irmão.

Ramalho Eanes, claro, não se tinha deslocado nem a Castelo

Branco nem a Alcains. Curiosamente, os órgãos de Comunicação Social que entraram em contacto com a GNR e a PSP da cidade albacastrense foram informados que numa freguesia do concelho, e não muito longe dos seus postos, se encontrava o ministro da Administração Interna, tenente-coronel Gonçalves Ribeiro.

Enquanto isso, o CEMGFA convivía com os militares da EPI, cujo comandante é o coronel Hugo dos Santos, que foi chefe da Região Militar do Centro.

Assalto ao quartel de Beja comemorado em Lisboa

Os democratas que tomaram parte no assalto ao quartel de Infantaria de Beja na madrugada de 1 de Janeiro de 1962, outros que participaram na conjura, os advogados que intervieram no julgamento no Tribunal Pleno Criminal e familiares, reunem-se no próximo sábado, dia 30, para comemorar mais um aniversário dessa acção da resistência antifascista.

Uma comissão constituída por

Aristides Teixeira, Eugénio Oliveira, Francisco Pestana, Edmundo Pedro e Vitor Quintão, aceita, pelos telefones 2492340 e 603386, todos os dias, a partir das 20 horas, inscrições para o jantar comemorativo que se realiza no restaurante «O Canteiro», (Rua Vitor Cordon, 8, ao Chiado). As inscrições consideram-se encerradas no dia 27.

Governo fixa aumento máximo na Electricidade da Madeira

Portaria conjunta dos Ministérios das Finanças e do Plano, da Indústria e Tecnologia e do Trabalho fixa em 20 por cento o aumento máximo do total das remunerações de base efectivas praticadas em 31 de Dezembro

de 1977 na Empresa de Electricidade da Madeira, E.P.

Os estudos para a revisão salarial estão ainda a decorrer, mas o Governo entendeu que importava, entretanto, «proceder a alguns reajustamentos».

POR 6840\$50

Poderá adquirir a CARTA DE CONDUÇÃO.

Dirija-se à:
ESC. CONDUÇÃO MONUMENTAL
Av. Manuel da Maia, 11, r/c LISBOA

VENHA PASSAR O FIM DO ANO CONNOSCO

14 opções para um novo ano com paz e alegria

MADRID
BARCELONA
PARIS
GENÈVE
ROMA
TORREMOLINOS
e CEUTA
NOVA YORK
ANDORRA
e LOURDES
SEVILHA
SALAMANCA
AÇORES
MADEIRA
ALGARVE
PORTO e VIGO

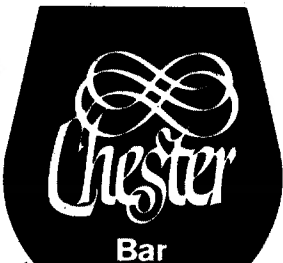
informações e inscrições

mundial turismo

Av. António de Aguiar, 90 B. Telef. 36 55 21 2 3. Lisboa
Rua Entrepreendedores, 17. Telef. 31 11 55. Porto

CITYrama

Av. Piauí da Vitória, 12 B. Telef. 57 55 94 56 de 88. Lisboa



O ambiente tranquilo e requintado para uma bebida ao fim da tarde

CHESTER-BAR
para permanecer agradavelmente!

R. Rodrigo da Fonseca, 87 LISBOA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA Segundo Juízo

ANÚNCIO
2.ª PUBLICAÇÃO

Pela 2.ª Secção do 2.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa, correm editos de 30 dias, contados da segunda e última publicação do anúncio respectivo, citando a R.É. PAPELARIA DOMÍNGUEZ & LAVADINHO, S.A. R.L. (ou PAPELARIA DOMÍNGUEZ & LAVADINHO, Lda.), com sede na Rua da Assunção, n.º 83, Lisboa, na pessoa de qualquer seu representante legal, para comparecer neste tribunal no dia 24 de Janeiro próximo, pelas 10,15 horas, a fim de intervir na tentativa de conciliação, nos autos de acção especial de DESPEJO que lhe move a Sociedade Civil Imobiliária MOMUR, S.A.R.L., com sede na Praça do Príncipe Real, n.º 27, Lisboa, com a expressa advertência de que incorre na pena de multa se não comparecer pessoalmente ou se não fizer representar por advogado com poderes especiais para transigir.

Mais fica por este meio citada a dita R.É. para, no prazo de 5 dias posterior ao referido dia 24 e para a hipótese de se frustrar a tentativa de conciliação, contestar, querendo, a referida acção que lhe move a Autora, pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na Secretaria à sua disposição.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1978.

O Juiz de Direito,
(a) Adriano Pereira Cardigos

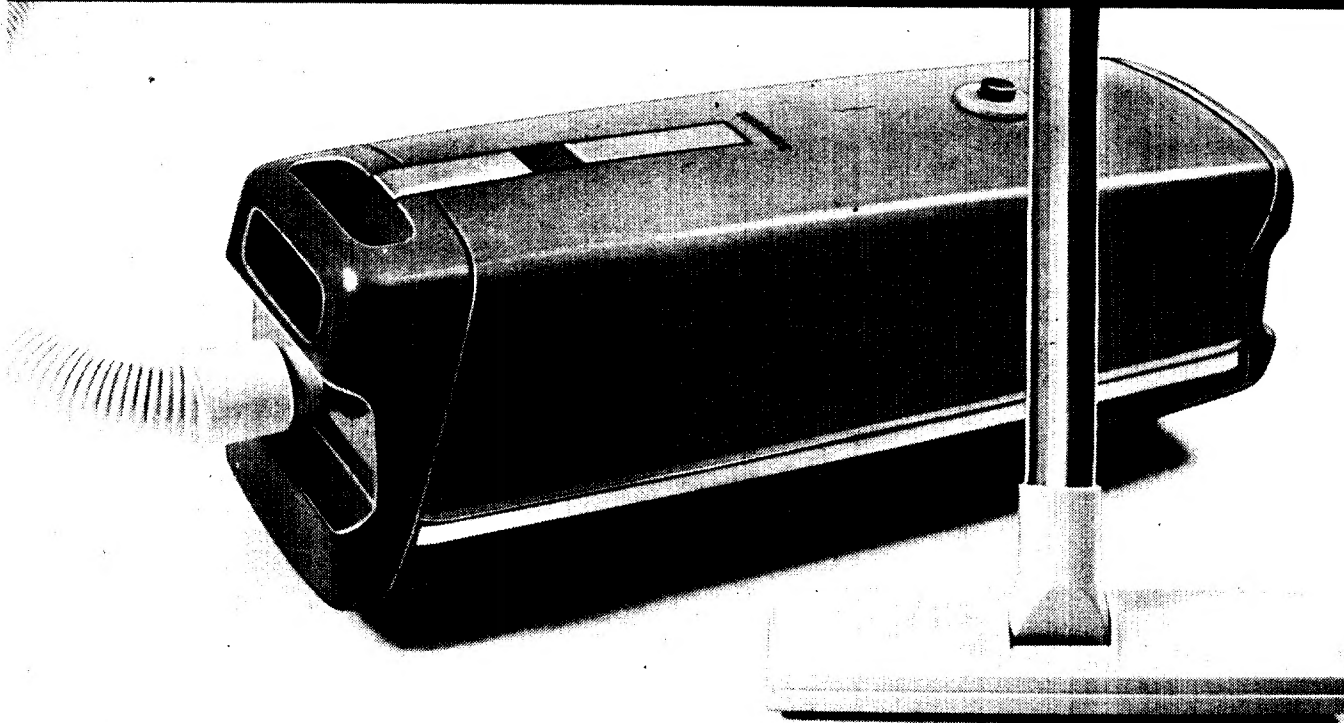
O Escrivão de Direito,
(a) Luís Loureiro

VENDE-SE

TOALHAS E COLCHAS DE CROCHET
Telef: 2079175

potência
suavidade
elegância

aspirador Siemens



«o mais desejado»

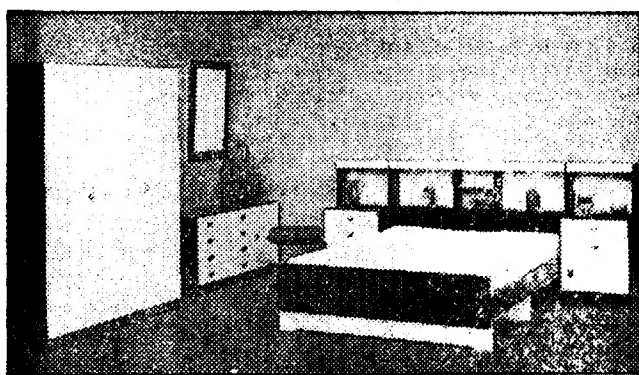
SIEMENS

INFORMA-SE A POPULAÇÃO

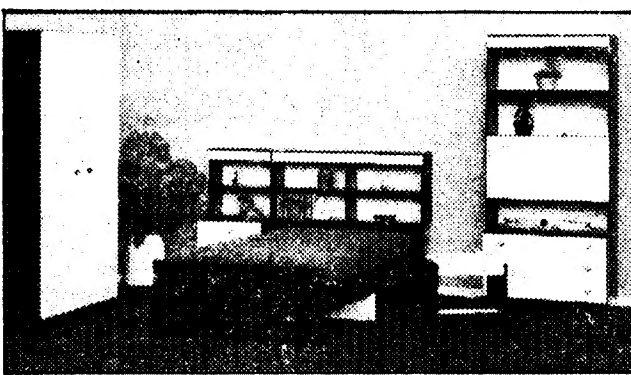
de **ALMADA, BARREIRO, SETÚBAL,**
E O PÚBLICO EM GERAL

VISITEM A PARTIR DE AGORA
O 1º SUPERMERCADO
de MÓVEIS
em PORTUGAL

Aberto à hora do Almoço e até às 23 horas
VEJA PARA ACREDITAR:

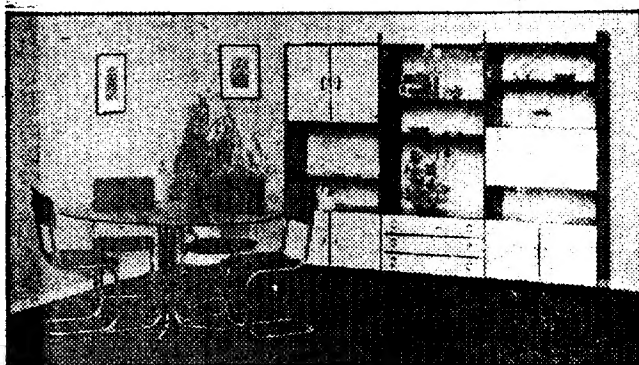


QUARTO DE CASAL DESDE 11 950\$00



QUARTO DE CRIANÇA DESDE 8500\$00

GRANDE VARIEDADE EM MOBÍLIAS E MAPLES DE LUXO



CADEIRAS 1950\$00 — 1580\$00

MESA 8500\$00 — 4950\$00

ESTANTE 18000\$00 — 12 850\$00



QUARTO SÉCULO VII DESDE 20 850\$00

MUITAS MAIS MOBÍLIAS E CONJUNTOS DE MAPLES
A PREÇOS INACREDITÁVEIS

FACILIDADES DE PAGAMENTO

AVENIDA 25 DE ABRIL, 45 — ALMADA — TEL. 2 76 90 01

D. ANTÓNIO RIBEIRO NO NATAL:

**"Se há crise
na devoção mariana
é porque há crise
no cristianismo em geral"**

«A devoção à Virgem Maria, elemento essencial da vida cristã» — foi o tema escolhido pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, para a sua mensagem de Natal aos portugueses, lida aos microfones da rádio e perante as câmaras da televisão na noite de 24 para 25. Mensagem curta, de poucos minutos, a autoridade máxima da Igreja Católica em Portugal versou nela apenas este tema, referindo-se à «importância de Maria no Cristianismo», à «crise da devoção mariana», à «verdadeira imagem de Maria» como Mãe de Jesus e «segunda figura do presépio».

Nos anos anteriores, D. António Ribeiro centrara a preocupação temática da sua mensagem na figura de Jesus e — disse — «nas exigências profundas de justiça, de fraternidade, de amor e de paz, que o seu mistério encerra». Este ano — afirmou — «surge-me ainda quase espontânea a tentação de continuar o mesmo tema. Seria até oportuno retomá-lo agora na perspectiva do Ano Internacional da Criança, que vai celebrar-se em vários países do mundo, entre os quais Portugal a partir do dia 7 de Janeiro, conforme proposta da Assembleia Geral das Nações Unidas. À luz do Menino de Belém, muito haveria a dizer sobre tantos meninos e meninas as crianças do mundo inteiro e também as do nosso país cuja dignidade humana a Igreja quer ver respeitada, promovida e defendida.

Sei todavia que os bispos portugueses pensam pronunciar-se oroximamente sobre este assunto, em documento público colectivo. Não será pois necessário nem curial antecipar palavras minhas às que se esperam mais autorizadas e reflectidas».

O TEMA DE MARIA

D. António Ribeiro versou, pois, exclusivamente, o tema de Maria. «Aliás, não me é possível descobrir Jesus Cristo sem passar por Maria ou terminar nela — disse — Maria é caminho normal para o encontro com o seu Filho e ninguém consegue vislumbrar a plenitude do mistério de Cristo, sem que ao mesmo tempo se deixe invadir pelo fulgor do mistério da Mãe. Esta é de facto a lei universal do acesso a Deus feito homem».

Noutro passo, o Cardeal Patriarca: «Ver o Menino, reconhecer em Jesus Cristo o Deus Salvador que vem libertar o homem — por outras palavras, adorar o Senhor como fizeram os pastores e os magos — é a grande

questão posta aos homens de todos os tempos e de todas as condições sociais. Mas o horizonte em que situamos Cristo ficará sempre reduzido e mutilado, se nele não incluímos a figura da Virgem Maria, Sua Mãe. Ver Maria em referência estreita a Jesus constitui, pois, um imperativo fundamental da fé cristã».

Seguiram-se considerações sobre a «crise da devoção mariana» que se verifica no interior do catolicismo designadamente depois do Vaticano II. «A crise existiu e ainda perdura em sectores restritos» — reconheceu D. António Ribeiro, que criticou depois «desmandos de doutrina e de prática devocional», bem como aquilo a que, num passo mais adiante chamaria «inculturação da fé cristã». «A inculturação da fé cristã é um facto habitual na história do Cristianismo, que se torna mais sensível em épocas de mudança como a nossa» — palavras de D. António Ribeiro.

Falando, por fim, da «verdadeira imagem de Maria», disse: «Não é de estranhar que alguns homens de hoje sintam dificuldades em aceitar e venerar certas imagens da Virgem Maria veiculadas por formas culturais envelhecidas. Pouco ou nada lhes poderá dizer uma figura de Maria de tal modo idealizada e privilegiada que acaba por subtrair-lhe a essência da condição humana. Será todavia essa a verdadeira imagem da Mãe de Jesus e nossa Mãe, a imagem que os dados da Fé apresentam, quando assumidos numa leitura correcta?». E D. António Ribeiro dissertou então sobre a situação de Maria no contexto do Evangelho, o papel que as Escrituras lhe atribuem na criação e no desenvolvimento da situação a que Cristo se encontra ligado, para concluir positivamente: «Maria Santíssima, só não a louva quem a não conhece. Na vida de um cristão, a Virgem de Nazaré, de Belém e do calvário não pode deixar de ocupar, depois de Cristo, um lugar de especial veneração e amor. Se há crise na devoção a Maria, isso significa que há crise no Cristianismo em geral».

As últimas palavras de D. António Ribeiro deixaram o tema central da mensagem e foram apenas de boas-festas para os portugueses, principalmente — disse — «os pobres, os doentes, os presos, os atribulados, e todos quantos sofrem no corpo ou no espírito».

NATAL NAS ESTRADAS

**Número de acidentes
inferior ao previsto**

Segundo informação, ainda não definitiva, da Brigada de Trânsito da GNR, registaram-se, desde o meio-dia de 22 até à madrugada de hoje, 275 acidentes nas estradas, dos quais resultaram 14 mortos, 124 feridos graves e 130 feridos ligeiros. Dos acidentes referidos, 185 foram por colisão, 40 por despiste, e 50 por atropelamento: note-se a este propósito que 9 dos mortos eram peões.

Em 62 casos, houve interve-

niência de veículos de duas rodas, cujos tripulantes, muitos deles sem o capacete da lei, deram grande contributo para o contingente dos feridos graves.

Uma nota a ter em atenção: segundo a Brigada de Trânsito são inúmeros os veículos que estão encalhados pelas bermas das estradas, quer por causa do mau tempo, quer pela «idade venerável» do actual parque automóvel do País.

Caçador mata guarda de venatória

MÉRTOLA, 26 — Cerca das 11 horas de ontem, o caçador e pescador Manuel Rosa assassinou com dois tiros de pistola, disparados à queima-roupa, o guarda da Venatória José Teixeira. O incidente ocorreu no lugar de Corte de Sines, a dez quilómetros desta vila, e, segundo nos afirmou o comandante da GNR local, tudo se teria ficado a dever a rixas antigas, entre as quais avultaria o facto da vítima ter apreendido a espingarda ao agressor, o qual esta manhã ainda se encontrava a monte.

CADÁVER DESCOBERTO EM VALE COVO

Entretanto, numa outra aldeia deste concelho (Vale Covo) um pastor encontrou, no último sábado o cadáver de um homem que aparenta 35 anos dentro de um casebre abandonado. No local compareceram mais tarde o delegado de saúde. No entanto, até ao momento ainda não se tornou possível proceder a identificação do cadáver, dado o mesmo não ter junto a si qualquer documento.

Reunião de farmacêuticos de indústria

Os farmacêuticos de indústria vão reunir, a partir do próximo dia 13, na Faculdade de Farmácia de Lisboa. O grupo promotor assevera que os participantes representarão a grande maioria dos industriais do sector, englobando empresas privadas (nacionais e multinacionais) e públicas (ramo hospitalar, militar, ensino superior e organismos oficiais).

A reunião destina-se, nomeadamente, a garantir um alto padrão de qualidade dos medicamentos fabricados em Portugal, quer para o consumo interno, quer com vista à exportação em pé de igualdade com os concorrentes do mercado externo.

DESAVENÇAS NO PDC

Pinheiro de Azevedo diz que é o presidente Sanches Osório diz que não

Apesar da quadra não ser a mais indicada para desavenças entre cristãos parece que há borrasca no PDC, onde, pelos vistos, não se sabe quem é o presidente.

Sanches Osório, secretário-geral daquele Partido, em declarações à ANOP, diz que o almirante Pinheiro de Azevedo não é já o presidente do Partido da Democracia Cristã.

De acordo com as declarações daquele dirigente, o almirante Pinheiro de Azevedo renunciou publicamente à presidência do PDC, há cerca de um mês, tendo posteriormente assinado uma acta, na presença dos

dirigentes do partido Luís Arouca, Jorge Medeiros e Gaspar Queirós, na qual formulava o seu pedido de demissão.

Por seu turno, em declarações prestadas também à ANOP, no Porto, Pinheiro de Azevedo diz que não renunciou ao cargo de presidente do PDC, apenas manifestou a intenção de o fazer, no caso de se concretizar a sua candidatura às próximas eleições presidenciais.

O almirante acrescentou que em política as coisas não acontecem por tornas e as notícias ultimamente tomadas públicas de que tinha resignado aquele cargo não passavam de «uma

manobra deliberada para o afastar do PDC», admitindo que se existia «uma facção dentro do partido para o afastar, havia outra que o queria».

Instado pelo jornalista a pronunciar-se acerca das razões que o levam a candidatar-se às próximas eleições presidenciais Pinheiro de Azevedo deu esta esclarecedora resposta: «Temos um destino comum. Nascemos e morremos da mesma maneira. Vamos para o mesmo lado. Portanto os portugueses não têm casa, disso não há a menor dúvida, e a razão forte que me leva a lutar é pensar que antes de tudo o mais é necessário transformar a mentalidade dos portugueses sem os ferir nem beliscar na sua dignidade e isso não tem acontecido».

Entretanto regista-se uma baixa do PDC. João da Costa Figueira, fundador daquele partido, e que até agora foi membro da Comissão política do seu secretariado nacional, alegando motivos de saúde, abandonou todos os cargos que exercia.

Sete indivíduos presos e 54 quilos de liamba

Foram presos sete indivíduos, todos retornados, como traficantes de droga, tendo sido apreendidos 54 quilos de liamba. As prisões foram efectuadas em Lisboa e arredores e em Valença.

As investigações — segundo a Polícia Judiciária — mostraram-se morosas e complexas, uma vez que as redes de tráfico se vêm mostrando melhor organizadas

nos últimos tempos, e menos penetráveis pelos polícias.

A droga vinha embalada em «bidons» de tinta, sendo posteriormente vendida em Lisboa, depois de enrolada em folhas de papel, do que resultava a sua apresentação sob a forma de «sticks» manufaturados. Os traficantes encontram-se à ordem dos Juízos de Instrução Criminal de Lisboa e Porto.

Mais adesões em Viseu à Conferência dos Baldios

A Assembleia de Compartes do baldio de Paredes do Cravo e do Forno, concelho de Oliveira de Frades, decidiram, na sua última reunião, aderir à Conferência dos Baldios do Norte e Centro do País, a realizar em Vila Real, no próximo mês de Fevereiro.

Os compartes daquelas localidades do distrito de Viseu en-

tenderam que a projectada conferência «virá fornecer aos conselhos directivos dos baldios existentes um conjunto de elementos, experiências e orientações que habilitará os povos a melhorarem a administração e exploração».

SINDICATO LIVRE DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, PEDREIRAS, SERRAÇÃO DE MADEIRAS E CARPINTARIA MECÂNICA DO ALENTEJO COMUNICADO

Em 13 de Dezembro, realizámos uma reunião na Herdade dos Machados, com trabalhadores da construção civil.

O nosso objectivo visava fundamentalmente, chamar à atenção do gestor desta empresa, engenheiro Romana Martins, para a actualização das tabelas salariais.

Isto porque utilizando um critério duvidoso, este senhor, entendeu aumentar em 600\$00, os trabalhadores agrícolas, enquanto os serventes do 1.º e 2.º ano, viam os seus vencimentos situarem-se, respectivamente, em 5.750\$00 e 6.300\$00. Note-se a irregularidade e distinção entre serventes.

Esta manobra foi energicamente repudiada pelos trabalhadores em plenário.

Finalizamos com as seguintes conclusões: — manobras divisionistas junto dos trabalhadores, existindo oficiais de 3.ª com vencimentos superiores a oficiais de 1.ª.

— discriminação quanto à existência de liberdade e recusa permanente ao diálogo com trabalhadores da construção civil.

— distribuição, por meio de outras pessoas, de autocolantes da Central Reaccionária Amarela, UGT.

Assim, apelamos para a unidade entre os trabalhadores lutando contra os divisionistas, para obtenção de melhores condições de vida.

UNIDOS VENCEREMOS

Évora, 20/12/78A DIRECÇÃO

Atenção moradores da Cruz de Pau, Barreiro e arredores

ESTEJAM ALERTA!

Não hesite, venha já visitar-nos, oferecemos bons preços, boa assistência e boa qualidade de compra do seu mobiliário, sinta o prazer de ser bem servido. Visite a nossa sensacional campanha de preços em mobiliário, agora da fábrica directamente ao público.

PREÇOS DE SENSAÇÃO

	ERA	É
Quarto casal moderno	24.000\$00	11.950\$00
Quarto criança moderno	15.000\$00	8.500\$00
Jogos de mapas (desde)	7.000\$00	4.500\$00
Quartos Século XVII — Mogno	29.000\$00	20.850\$00
Salas Século XVII — Mogno	38.000\$00	27.500\$00
Mesas de refeição tampo vidro	8.000\$00	4.950\$00
Cadeiras cromadas	2.200\$00	1.580\$00

GARANTIMOS TOTAL ASSISTÊNCIA

SOCIEDADE REVENDEDORA DE MÓVEIS, LDA.



Telefones: 86 1965 - 87 40 07 - 87 33 60

Rua das Beiras, N.º 8-B — Cruz de Pau

Rua Professor João Prates, N.º 1-B — Barreiro

Apresente este anúncio e receberá a oferta surpresa

ABERTO ATÉ ÀS 21 HORAS E NA HORA DO ALMOÇO E SÁBADOS ATÉ ÀS 19 HORAS

Rigorosa inverno em Bragança

BRAGANÇA, 26 — Piorou, nas últimas horas, o estado do tempo em todo o nordeste transmontano, onde se vive um clima de autêntica e rigorosa inverno. O agravamento começou a manifestar-se a partir da tarde de sábado, quando se assinalou um abaixamento acentuado de temperatura, seguido de quedas de neve abundantes e de fortes rajadas de vento. Domingo, e sobretudo ontem, a partir do meio da manhã, a situação complicou-se com a queda de chuvas torrenciais e nova vaga de frio.

Nesta cidade, ao meio dia, o termómetro registava uma das suas mais baixas temperaturas nos últimos tempos.

LINHA DO TUA

As carruagens da linha do Tua não têm aquecimento e as de

primeira classe estão ao serviço, mas em muito más condições — tendo, inclusive, os vidros das janelas quase todos partidos.

Os serviços da CP desta cidade alegam, a propósito, que o não funcionamento do aquecimento se deve ao descanso por parte do pessoal responsável pelo mesmo, quer no Tua, quer em Miranda.

Em Bragança não tem sido possível solucionar o problema em virtude dos comboios chegarem sempre atrasados

por vezes com mais de três horas, regressando de imediato ao Tua sem que se atente devidamente na situação dos passageiros que viajam na linha, quando a área do nordeste transmontano vive um dos seus piores períodos de frio.

MELHOR QUALIDADE ARTÍSTICA
PRÉMIO CAU FERRAT
XI Festival Internacional Sitges
Espanha 78

A BARRACA



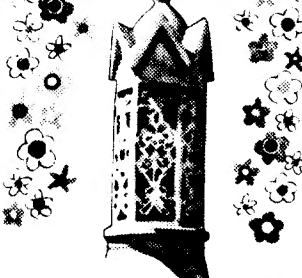
HOJE ÀS 21.30 H.

DIA 31 e 1 NÃO HA ESPETÁCULO

SÓ ATÉ 7 DE JANEIRO

Rua Alexandre Herculano, 70
Telef.: 686300 — (M./13 anos)
Sub. S.E.C.

Férias Repartidas ALCARVE

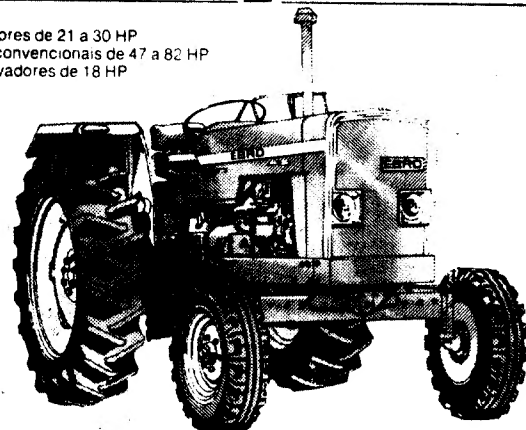


Preços:
Fim-de-semana desde ESC: 315\$00
Uma semana desde ESC: 1.095\$00

VÁ HOJE MESMO AO SEU AGENTE DE VIAGENS

Progresso em todos os campos

Mini-tractores de 21 a 30 HP
Modelos convencionais de 47 a 82 HP
Motocultivadores de 18 HP



EBRO

Assistência assegurada em todo o país — Peças e Serviço

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES: AUTO-INDUSTRIAL
COIMBRA — PORTO — LEIRIA — CALDAS DA RAINHA — TORRES VEGAS — ESTORIL — LISBOA

PUB.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS TRABALHADORES INDÚSTRIAS QUÍMICAS FEDERAÇÃO REGIONAL SINDICATOS EMPREGADOS ESCRITÓRIO SUL E ILHAS ADJACENTES Aos Trabalhadores das Indústrias Químicas À Opinião Pública

COMUNICADO CONJUNTO

As Organizações Sindicais signatárias, comunicam a todos os trabalhadores da Indústria Química e à opinião pública em geral, que acordaram marcar a paralisação de 24 horas, aprovado em plenários de trabalhadores para o dia 10 de Janeiro das 08.00 às 24.00 e 11 de Janeiro das 00.00 às 08.00 horas.

A data de 28/12/78, anteriormente indicada pelos sindicatos químicos, fica sem efeito, permitindo-se assim uma maior mobilização dos trabalhadores, nomeadamente os representados pela Federação de Escritórios que tomaram a sua decisão de aderir à paralisação do sector em reunião de 21/12/78.

As Federações signatárias consideram positivo que se tenha tomado possível a unidade de acção das organizações representativas dos trabalhadores do sector, a quem exortam a fazerem da paralisação dos dias 10 e 11 de Janeiro, uma grande jornada de unidade e luta pela rápida revisão do CCTV, contra o boicote do patronato e a convivência dos Ministérios.

Lisboa, 22 de Dezembro de 1978

SECRETARIADO DA FSTIQ
(Delfim Mendes)

SECRETARIADO DA FRSEESIA
(Matos Cordeiro)

Câmara Municipal da Moita

Serviços Municipais de Habitação

EDITAL

VENDA DE FOGOS

FERNANDO JOSÉ MADEIRA RIBEIRO, Presidente da Câmara Municipal da Moita, torna público, para os devidos efeitos, que a partir do dia 21 de Dezembro do corrente ano, estão abertas as inscrições para venda de 56 fogos construídos ao abrigo dos Contratos de Desenvolvimento para Habitação, sitos na vila da Moita, «URBANIZAÇÃO PRUMO» — Empreendimentos Imobiliários e Turísticos, Lda. junto ao Parque Municipal.

Têm acesso à compra deste tipo de habitação de casas de renda limitada os indivíduos que se encontrem abrangidos pelos requisitos exigidos pelo regime de crédito bonificado para aquisição de casa própria (não possuírem casa própria e com rendimento que se quadre dentro dos escalões fixados nesse regime).

Só estão consideradas as 56 primeiras inscrições cujos processos venham a ser comprovados como regulamentarmente válidos.

No acto da inscrição, e como condição da mesma, os interessados efectuarão o pagamento de uma quantia de 10.000\$00 (dez mil escudos), a qual, tem a natureza de sinal e princípio de pagamento da habitação.

A tipologia dos fogos, áreas brutas e respectivos valores de venda são os seguintes:

- T 1 (2 assoalhadas) — 690.000\$00
- T 2 (3 assoalhadas) — 834.000\$00
- T 3 (4 assoalhadas) — 981.000\$00

Os interessados poderão dirigir-se aos Serviços Municipais de Habitação desta Autarquia, nas horas normais de expediente (9,15 às 12,30 e das 14,00 às 18 horas) durante os dias úteis da semana, onde se fazem as inscrições e se prestarão todos os esclarecimentos necessários.

Aos fins-de-semana também se prestarão informações no próprio local.

Moita, 18 de Dezembro de 1978
O Presidente da Câmara
(Fernando José Madeira Ribeiro)



AVISO AOS UTENTES DO SERVIÇO NACIONAL

Por motivo da época de Natal e Ano Novo serão suprimidas algumas circulações ferroviárias nos dias 23, 24, 25, 30 e 31 de Dezembro e 1 de Janeiro próximo, solicitando-se aos senhores utentes que contactem por tal motivo as Secções de Informações e as Estações da CP.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

EDITAL N.º 85

JOSÉ MARTINS VIEIRA, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Almada:

Faço saber que, no dia 23 de Janeiro de 1979, pelas 15 horas, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho, de acordo com o disposto nos n.ºs 1 e 2 do Art.º 40.º do Decreto-Lei n.º 608/73, de 14 de Novembro, se procederá ao sorteio de um foguete de renda limitada para efeitos da alienação por escritura de venda a celebrar posteriormente no competente Notariado, entre o proprietário e o concorrente premiado.

O referido foguete, situa-se na Rua D. Nuno Álvares Pereira n.º 44-2.º Esq.º, sendo composto por três casas assoalhadas, cozinha, casa de banho e despensa, características estas que constam da respectiva Constituição da Propriedade Horizontal.

O foguete em referência encontra-se arrendado e a importância do arrendamento é no valor de Esc. 520\$00 mensais.

O valor de venda do referido foguete é de Esc. 356.570\$00.

A admissão ao sorteio far-se-á por meio de requerimento dirigido ao Chefe dos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara Municipal, até ao dia 22 de Janeiro de 1979, pelas 17 horas, acompanhado de documento comprovativo de haver depositado nos cofres da Tesouraria Municipal a necessária caução no valor de Esc. 17.828\$50 (dezanove mil oitocentos vinte e oito escudos e cinquenta centavos), nos termos do n.º 3 do art.º 45.º do Decreto-Lei acima citado.

E, para constar, se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Almada, 19 de Dezembro de 1978.

O PRESIDENTE DA CÂMARA,

José Martins Vieira

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 9.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando os réus para no prazo de DEZ dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: pagamento à autora de esc. 48.150\$00 de produtos que lhe forneceu — acrescida de esc. 12.583\$00 de capital e esc. 12.597\$60 de juros à taxa de 5% contados até 6-Julho-1978, no total vencido de esc. 73.330\$60, bem como os juros vencidos até integral reembolso.

Acção SUMARIA n.º 1976 1.ª secção Autor Metalúrgica Duarte Ferreira, S.A.R.L., com escritórios na Avenida 5 de Outubro, 122-4.º — Lisboa.

Réu ANTONIO RODRIGUES, casado, engenheiro, comerciante, ausente em parte incerta e com última residência conhecida na Estrada de Alvor - Portimão e outro.

Lisboa, 14 Dezembro 1978

O JUIZ DE DIREITO

(João Vaz Rebordão)

O ESCRIVÃO DE DIREITO

(José de Sousa Gameiro)

TRIBUNAL DE POLÍCIA

O grego na "escola" de Maria Ivone ...

«Do you speak english?» (Você fala inglês?), perguntou o juiz dirigindo-se a um jovem alto, louro, de «blue jeans» amarrados. Do lado de lá do corredor (a porta da sala de audiências estava aberta) veio a resposta na voz pastosa de uma rapariga: «Não fala não, senhor doutor. O rapaz é grego e não percebe mais língua nenhuma». O juiz: «Bem, no meu caso não francês, inglês, alemão, mas grego não sei... lá virá o tempo». A rapariga avança até junto ao réu e diz-lhe qualquer coisa. Juiz: «A menina sabe grego?» Rapariga: «Sei sim, senhor doutor». Juiz: «E onde aprendeu essa língua? É um bocadinho difícil...». Rapariga: «Lá no bar». Juiz: «Ah! A menina é empregada lá nesse bar... mas essa língua é difícil...». Rapariga: «Pois é, mas com o decorrer dos anos, a trabalhar, a falar com os clientes, a conviver com os clientes».

Revelemos que o bar em foco (Hamburgo) fica no Cais do Sodré. E que o jovem (Georgios Politis), marítimo, está no banco dos réus acusado de ter bebido uísque e outras bebidas no valor de cinco contos e mais sessenta escudos, sem ter na altura um tostão no bolso. Juiz: «Nesse caso como a menina fala grego nomeio-a intérprete, mas tem de jurar pela sua honra que irá desempenhar fielmente a sua função, se não até poderia adular os factos». Rapariga: «Juro, senhor doutor juiz». Juiz: «Então pergunte lá ao réu se é verdade que ele bebeu no bar essas coisas nesse valor. E se depois se recusou a pagar a conta». A rapariga na sequência de um breve diálogo com Georgios: «Ele diz

que é verdade... que na altura estava embriagado. Mas agora mostra-se disposto a pagar. Diz já ter dinheiro».

Juiz: «A menina assistiu aos factos? É a Maria Ivone que vem aqui referida nos autos?» Rapariga: «Sou, sim senhor doutor. E por acaso até fui eu que lhe servi as bebidas».

Seria depois ouvido um subchefe da PSP que se limitou a confirmar a versão constante nos autos, e no decorrer de uma dúvida surgida com a naturalidade de Georgios Politis, o tribunal receberia ainda a ajuda de um jovem acompanhante de Maria Ivone, que se levantaria de entre a assistência para esclarecer: «Isso é o nome de uma pequena ilha no mar Egeu» (de novo a «experiência» (trabalho) naquele ou noutro bar a revelar os seus frutos).

Da sentença ficaria a exigência do pagamento da conta e de uma indemnização de cinco contos por parte de Georgios à gerência do bar Hamburgo. Para além de quarenta dias de prisão remíveis a quatro contos e seiscentos escudos de multa. Mas o que de mais importante resultaria deste pleito (na perspectiva do repórter) seria, sem dúvida, a prova (provada) de que só a trabalhar se aprende realmente. E a prova ali estava: Maria Ivone e o seu companheiro (a dominarem um idioma «muito difícil»), embora o Hamburgo não seja propriamente um lugar de trabalho necessário a qualquer sociedade, antes pelo contrário. Mas isso já é outra história que nos levaria por exemplo, a Cuba, Vietname, Moçambique, onde

uma das primeiras resoluções dos dirigentes saídos das revoluções vitoriosas seria a abolição da prostituição e do proxenetismo daí resultante e o encerramento de todas as casas de passe visíveis ou encobertas em bares como quase todos os que existem no Cais do Sodré. Intendente, Bairro Alto e por aí fora. Recorde-se que Havana e Saigão, no tempo da dominação americana (através de dirigentes fantoches) eram consideradas como os «bordéis» da América Latina e do Sudoeste Asiático, respectivamente. Pois em Portugal, 25 de Abril aconteceu nada disto aconteceu. E o resultado esteve (está) à vista. Onde recrutou a direita os seus homens de mão (bombistas como Ramiro Moreira) ou traficantes de armas como Canteiro Maria? Onde foram arregimentados alguns dos assaltantes às sedes dos partidos progressistas? Onde imperou (e ainda imperam) os principais cabecilhas do tráfico de droga? Quantos jovens (rapazes e raparigas) não entraram já na prostituição e no proxenetismo desde essa data, caídos nas malhas tecidas pelas redes que têm os seus quartéis-generais em muitos desses bares?

Maria Ivone e o seu companheiro aprenderam a «trabalhar» no Hamburgo. Que coisas não poderiam eles ter aprendido nas escolas, que certamente nunca frequentaram, se tudo; desde há anos, fosse neste país ao menos conforme com a Constituição que nos rege...

MANUEL GERALDO

BARBARELA

ABERTO TODOS OS DIAS

DAS 9 ÀS 02.00

A BOA MÚSICA E O VERDADEIRO

PUNK ROCK

RUA DA ATALAIA, N.º 14 — LISBOA

16.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Av. Almirante Reis, 104-1.º

Notário: Lc. FERNANDO LOPES CORREIA SEMEDO

«SAPATÃO—ARMAZÉM DE CALÇADO, LIMITADA»

Faço público que por escrituras de dezasseis de Novembro, corrente, exarada de folhas trinta e nove verso a folhas quarenta e uma verso do livro E—CENTO E CINQUENTA E SETE as notas deste cartório, foi constituída entre ADALBERTO ESTEVES DE ALMEIDA, JOSÉ FERNANDO ESTEVES DE ALMEIDA e LUIS RIBEIRO PEDRO, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se rege pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação de «SAPATÃO—ARMAZÉM DE CALÇADO, LIMITADA», fica com a sua sede em Lisboa, na Rua Projectada AB à Estrada do Desvio, Calçada de Carriche, freguesia de Ameixoeira lote treze e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje;

SEGUNDO

O objecto social é o comércio de venda por grosso e retalho de calçado, ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei;

TERCEIRO

O capital social é de CENTO E CINQUENTA MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são três de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio;

QUARTO

Os sócios poderão fazer à sociedade as prestações suplementares de capital de que ela carecer, mediante condições a estabelecer em assembleia geral;

QUINTO

É livre a cessão de quotas entre os sócios ou a filhos destes, total ou parcialmente; a cessão a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade, a qual terá sempre o direito de preferência;

SEXTO

A administração e gerência dos negócios sociais e a representação da sociedade em juízo e

fora dele, activa e passivamente, incumbem a todos os sócios, que, desde já, ficam nomeados gerentes, sem caução, e com ou sem retribuição conforme for deliberado e constar de acta; PARAGRAFO PRIMEIRO: — Para que a sociedade fique validamente obrigada é necessário que os respectivos actos e documentos sejam assinados por dois sócios gerentes; PARAGRAFO SEGUNDO: — A sociedade não poderá ficar obrigada em fianças, abonações, letras de favor e outros actos e documentos estranhos ao seu objecto.

SETIMO

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios como, pelo menos, oito dias de antecedência;

OITAVO

Dos lucros líquidos anuais, apurados pelos balanços, retirar-se-ão cinco por cento para o fundo de reserva legal, até este atingir a quinta parte do capital social, e o restante terá a aplicação que os sócios deliberarem em assembleia geral;

NONO

A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio, cabendo, no primeiro caso, aos herdeiros do falecido indicarem um que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa e, no segundo caso, intervirá o representante legal do interdição;

DÉCIMO

Em todo o omissio regularão as disposições aplicáveis da lei da sociedade por quotas, bem assim as deliberações constantes de actas, tomadas em devida forma pelos sócios.

Está conforme. — Lisboa, aos vinte e um de Novembro de mil novecentos e setenta e oito.

O 3.º Ajudante:

(Lidia Gonçalves Pereira)

Em SERPA o

Diário de Lisboa

vende-se no Café

SERPENSE

de Manuel António

Guerreiro Amaro

RUA DO ROSSIO, 72

(Junto à estação da

Rodoviária Nacional)

Importante empresa de carpintaria em risco de encerramento

Está dependente de uma reunião de credores maioritários no próximo dia 10 de Janeiro, a sobrevivência da empresa construtora de mobiliário, Smida (Ervas, lóhavo), a mais importante não só no seu sector, como no contexto económico do País.

Apresentada à falência em 14 de Novembro passado, o seu encerramento, caso venha a verificar-se, deixará no desemprego 204 trabalhadores e significará o desaparecimento da unidade fabril mais importante do País em carpintaria e cozinhas, quer em produção, quer na qualidade e aceitação no mercado.

A situação foi recentemente divulgada pela União dos Sindicatos de Aveiro que num extenso comunicado relata os factores determinantes deste estado de coisas.

A Smida esteve ligada ao ex-grupo económico Banco Pinto de Magalhães e entrou em situação difícil em 1972, por estar dependente de outra empresa, a Sonae, quer do ponto de vista técnico quer quanto ao fornecimento de matérias-primas indispensáveis à sua laboração.

A Sonae é a maior accionista da Smida, pois possui 53,9 por cento do capital da Sonae à União dos Bancos Portugueses e o restante ao IPE.

A situação da Smida, de acordo com o comunicado da União dos Sindicatos de Aveiro, agravou-se consideravelmente com uma greve de 5 meses (de Fevereiro a Julho) na Sonae, provocada pela administração e por um contrato de viabilização deficiente celebrado entre a administração da empresa e o conselho de gerência da União dos Bancos Portugueses, entidades que os trabalhadores da Smida denunciam publicamente como incompetentes.

A análise dos trabalhadores das hipóteses em que assentava o contrato, permite-lhes chegar à conclusão de que elas se caracterizam pelo irrealismo.

Assim, o contrato partia da construção de 100 000 fogos por ano pelo sector público e de 45 000 fogos pelo sector privado. Afirmando os trabalhadores que tal ritmo de construção nunca seria possível nos próximos anos, dado que o programa do Governo previa a construção

de apenas 50 000 fogos por ano no biénio de 77/78 e os dados históricos demonstravam que o sector privado nunca ultrapassara a construção dos 32 000 fogos por ano nos últimos períodos. Também nos últimos anos o somatório de construções pelo sector público e pelo privado não atingira os 50 mil fogos.

A própria comissão de apreciação para os contratos de viabilização chamava a atenção para o exagero dos dados de base do contrato, ainda segundo o comunicado da União dos Sindicatos de Aveiro, antes, portanto, do contrato ser assinado.

Mas, mesmo admitindo que o sector público construa 50 mil fogos e o privado 45 mil, e a Smida mantivesse a quota do mercado prevista, os resultados líquidos de exploração seriam negativos, confirmando que as metas do contrato de viabilização não poderiam ser alcançadas.

Esta situação era conhecida da União de Bancos, dadas as suas relações com a Sonae.

«A intenção declarada de levar a empresa Smida à falência», dizem os trabalhadores, «ainda se torna mais clara se se tiver presente que a cláusula 10.ª do contrato de viabilização prevê expressamente que «quando a falta de cumprimento ou o facto impeditivo for imputável à empresa, mas não resultar de culpa grave ou dolo, poderá o Banco não resolver o contrato e definir os termos em que o mesmo deverá ser mantido em vigor, com o acordo com os Ministérios que homologaram o projecto...»

Apesar desta cláusula, a UBP recusou-se a estudar a possibilidade de redefinir os termos em que o contrato de viabilização poderia ser mantido.

Perguntam os representantes

SELOS
Particular compra
colecção e «stock».
Cobre oferta. Telefone 290049.

Novos corpos gerentes no Comércio de Leiria

Foram empossados na passada sexta-feira os novos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio e Escritório do Distrito de Leiria. Trata-se de corpos gerentes unitários que manifestaram através de dois dos seus elementos, no acto de posse, «a grande vontade de lutar por um sindicato forte e democrático ao serviço de todos os trabalhadores e em defesa do Movimento Sindical

Unitário».

Kalidás Barreto, que assistiu à posse em representação do Secretariado Nacional da CGTP-IN, depois de chamar a atenção para as tentativas de divisão do Movimento Sindical, salientou a importância da vitória da lista unitária agora empossada.

Além da CGTP-IN, outras estruturas sindicais estiveram representadas na cerimónia de posse.

Crise dos têxteis

Foi infrutífera, segundo o presidente da Câmara da Covilhã, Lopes Teixeira, a reunião dos técnicos do Ministério da Indústria e Tecnologia no município local, para resolver a crise têxtil da zona.

Na reunião, os técnicos do MIT

apenas recolheram elementos «a fim de se estabelecer um quadro para definir a política a seguir no sector dos têxteis». Lopes Teixeira afirmou ainda que «não é com inquéritos destes que se avança em Portugal e a economia se recompõe».

Manobras divisionistas em empresa têxtil

A entidade patronal da empresa têxtil Manuel Lopes Henriques decidiu inaugurar um novo método de eleição da comissão de trabalhadores, segundo se denuncia num comunicado dos têxteis da Zona Sul.

O autor do processo é o filho do patrão, Manuel Antunes, e o novo método eleitoral consta do seguinte: «De cerca de 200 trabalhadores só se permite a entrada a 20 (aos restantes diz-se que quando houver matéria-prima, logo se vê se entram ou não); desses 20, é escolhida, pela entidade patronal, uma meia dúzia e é anunciado aos restantes que está eleita a comissão de trabalhadores que,

daí para o futuro, os passará a representar».

A entidade patronal continua a tentar dividir e desmobilizar os trabalhadores por este e outros processos. Afirma ainda o sindicato no citado comunicado: «O que é facto é que o Manuel Antunes não pode dever 12 salários aos trabalhadores e deve-os; não pode proibir a entrada na fábrica de trabalhadores que não estão despedidos, e proíbe; não pode impedir o livre exercício da actividade sindical, e impede; não pode ameaçar de morte dirigentes sindicais, e ameaça; não pode eleger ele próprio comissões de trabalhadores e elegel».

PORTO, 31 DEZ.º

A PARTIR DAS 22 HORAS

PASSAGEM DE ANO DO TRABALHADOR
PAVILHÃO DO ACADÉMICO

CONJUNTO TOP 6
HIFEN BAND (CONJUNTO VOCAL)
LURDES RODRIGUES
LUÍS VIEGAS
CONJUNTO OBJECTIVO E CARLOS CUNHA
SÉRGIO PACHECO
JULIO BABO

BILHETES NA UNIÃO DOS SINDICATOS DO PORTO
ORGANIZAÇÃO — DEPARTAMENTO DE TEMPOS LIVRES
DA USP/CGTP-IN

COM SERVIÇO DE BAR

2.500 contos em cada "cautela"



"taluda" do FIM DE ANO 30 mil contos

EVITE A FADIGA AO VOLANTE!



Divida a viagem em etapas
Pare nos postos de apoio nas estradas.
Eles existem para sua segurança.
Devagar se vai ao longe...

QUE LITERATURA AÇORIANA ? (3)

"Nas escadas do Império" de Vasco Pereira da Costa

J. H. SANTOS BARROS

Não custa muito admitir que as letras açorianas ganharam, neste ano de 1978, novo fôlego com a edição em quantidade de livros a que não falta qualidade. Avultarão, por certo, dessa dezena e meia de títulos, duas obras, de ficção, verdadeiramente extraordinárias — previne-se que, uma vez por outra surgem obras merecedoras do emprego de palavras cuja justeza não obriga a temer-se o desgaste do lugar-comum. E porque são «verdadeiramente extraordinárias» as sublinho, repetindo-as. Uma, é a colectânea de contos «Nas escadas do Império» de Vasco Pereira da Costa (Centelha, Coimbra, 1978), poeta conhecido, senão de obra publicada pelo menos de presença assinalável em jornais e revistas («Vértice», «Jornal do Centro», «Glacial»). A outra é o romance «Raiz Comovida», de Cristóvão Aguiar. Se juntarmos a estas, a peça de teatro «Ah! Mômim dum Corisco», teremos um triptico, inofensivo, de literatura açoriana jovem, desinibida, capaz de se afirmar na Literatura Portuguesa ao mais alto nível. Não estamos a puxar a brasa à nossa sardinha outros o têm feito e aí têm queimado os dedos! Se anoto o apelo profundo que a prática literária dos escritores açorianos contemporâneos fazem ao etnocentrismo, é porque julgo que essa é uma característica muito particular das suas obras e que funciona como acto de sobrevivência colectiva, de afirmação de identidade global — o açorianismo não apenas participante das suas raízes portuguesas mas como factor integrante, vivo e dinâmico, dum povo — o português, humilhado e ofendido que soltou velas em 25 de Abril de 1974 e prossegue, hoje, a luta pela conquista da dignidade. E desse povo que falamos e não do povo das ficções políticas e religiosas engendradas em seu nome pelos que sempre se lhe opuseram e erigiram como seu o programa do espeziñamento sistematizado dessa dignidade. Os legítimos herdeiros de Nemésio aí estão: completando o que no mestre era o verbo feito carne (a conotação religiosa não se aplica), as palavras feitas gumes de luta.

Pode-se completar este preâmbulo — que não veio assim ao acaso, nem aqui é metido à força — com um excerto do texto da contracapa de «Nas Escadas do Império». É um aviso de Cristóvão Aguiar que reforça, de modo muito claro, esse aviso geral aos navegantes que facilmente se deduz da obra de quase todos os escritores açorianos, e que não deveria permitir traficâncias e grosserias como a de nacionalizar-separatizar gerações que fizeram da sua vida precisamente o inverso dum obscuro sentido: universalizar, solidariamente. «(...) Vasco Pereira da Costa corre o risco (e ele mais do que ninguém está disso consciente) de vir a ser queimado nas labaredas inquisitoriais de certos meios ideológico-literários açorianos que têm tentado, oportunisticamente, mas sem raízes verdadeiras, edificar, para fins incon-

fessáveis, uma literatura açoriana em oposição à Literatura Portuguesa. «Nas Escadas do Império», quer queiram ou não os arautos de mediocracia, vem dizer-nos exactamente o contrário».

O livro é uma colectânea de dez contos distribuídos por 129 páginas; média, portanto, de cerca de 13 páginas/conto. «A fuga», o mais longo, ocupa 24 páginas, e os mais curtos (2) têm 8 páginas. Não se fazem estas contas como pressuposto de análise estrutural. Põe-se em evidência o equilíbrio e a contensão dos textos onde se contém as ilustrações de Costa Brites: «Faia-da-Terra», dois desenhos; «Belmiro e Delmiro», «A Fuga», «O Beque», «O Fandulho» e «O Gibicas», um cada. Sem ilustrações ficam o «Manuel d'Arriaga», «Primavera», «A receita» e «A Saca da América». A maneira como os desenhos se distribuem pelo livro, porém, apontam não só à unificação dos vários contos, como podem ser lidos autonomamente. Há neles a captação da atmosfera insular que «Nas Escadas do Império» é invocada com realismo. Uma leitura autónoma do trabalho de C. Brites verificaria o despojamento que o artista operou relativamente à sua obra anterior de pintor opulenta e agressiva, nos temas e nas formas para uma aparente pobreza que a linearidade dos traços parece mais acentuar. Como se trata de desenhos para não serem vistos em separado do texto de Vasco Costa, depressa se compreende que não há ruptura em Costa Brites. Quis apenas pôr em relevo um dos aspectos deste livro e que me parece importante: aquele de obra colectiva resultante da colaboração do artista plástico com o artista da palavra. Já agora, acrescento que o pintor viveu nos Açores, interveio no processo cultural cujo pólo era então a Galeria «Gávea» fins da década de 60 princípios desta. Bastante por isso, creio, estes desenhos não são simples decorações em papel pintado.

«Nas Escadas do Império» é a subida (ou a descida?) dos degraus do império da adolescência (dos sentidos e da paixão). E também uma peregrinação aos lugares mais intimamente selectos do fascismo açoriano (Jorge de Sena está aqui para lhes chamar, com licença, infectos). Provando, à evidência, demonstrando, as correspondências da férrea ditadura com os «brandos costumes» que a alimentavam (i)moralmente e de como isso se passou tanto no continente como nas ilhas. Uma escrita, realista, apurada como não se via há muito. Já sei que isto não passa de «impressionismo» que o livro é muitíssimo mais que isto. E. Mas como posso eu ler este livro a não ser comovidamente? É que a «minha Angra» aí está, fidelissimamente restituída na sua pureza de cal. E, depois, é uma Angra visível em qualquer tempo e lugar...

PASSAGEM POR VALPAÇOS (1)

Olhem que um burro ainda

Junto à secular igreja, aninhada no centro da vila de Valpaços, era um burro que ali passava, marcando o passo ao seu dono que lhe seguia à ilharga. Um burro velho, sem albarda, carregado de trapos e com duas vasilhas de leite sobre o lombo. Ainda o novo carrilhão que custou 150 contos não tinha feito soar as 10 badaladas matinais daquele dia pouco frio para a época. As espreitadelas do sol por entre as semoventes nuvens prenunciavam um dia melhor que a véspera e antevéspera cujo temporal havia feito inúmeros estragos, em pinhais e postos eléctricos.

Mas nem para o burro, cuja cadência é maior que o caminhar transmontano, nem para o dono, barba de quatro dias, cabisbaixo, chapéu enterrado na cabeça, parece haver bons prenúncios. A tempestade é uma constante, não há por ali espreitadelas solarengas. Há vida cinzenta, sempre a puxar para o negro, mesmo nos dias de sol a pino. A esperança petrificou, nestas bandas, sem cintilação. Abril se passou foi muito ao largo e está cada vez mais distante. Até que os ares de Novembro mudem...



Vista parcial de Valpaços, sede de um concelho eminentemente rural com 35 mil habitantes e 31 freguesias. A vila tem cerca de 5 mil almas

Sempre ao lado da besta, o homem descobre a cabeça ao passar junto da porta da igreja que está ali, no centro, como se toda a vida do concelho girasse à volta dela, verga a cerviz, submisso, e encaminha-se, molenção, para a saída da vila, pela estrada que dá para Vila Pouca de Aguiar. Olhos fixos no chão segue ao sabor do animal, passa em frente à «casa do Arco», mansão medieval, em ruínas apesar dos apelos feitos no sentido da sua conservação. Dir-se-ia estar ali uma boa imagem do presente-sempre-passado que caracteriza esta região-mártir-da-distância-a-que-está-o-Poder.

Mas quem é este homem? Onde vem? Para onde vai? O que faz? As interrogações assaltam-me em catadupa. E ali mesmo onde a passagem para fora do centro da vila se estreita, resolvi ir ao encontro das respostas:

- Amigo, vem de longe?
- Um esboço de desconfiança, uma fumaça mais puxada e, pronto, inicia-se o diálogo, seco, de palavras apenas:
- Nem tanto, venho da feira de Vilarandelo (freguesia que fica a 2 horas de caminho).
- Foi à feira vender coisas?
- Claro.
- Então levantou-se cedo?
- Sim, mas passei lá a noite.
- E vai para longe?
- Sanfins.
- Quanto tempo leva?
- Daqui lá boto uma hora.
- E vai andar sempre a pé?
- Que remédio?

— Porque é que não vai em cima do burro, ele está doente?

— Não sr., mas ele também se cansa.

Cansando-se o homem para não cansar o burro, lá fomos andando sob os olhares intrigantes de quantos nos viam.

A gente de Sanfins (380 hab. segundo o censo de 1970) «vive da terra que dá pão, chicharos e batata», diz-me o homem-do-burro-ao-lado, 50 anos sob a enxada, relegando para trás todo o meu hipotético negativismo: «É uma terra (Sanfins) muito boa, já tem telefone público e escola». «É sim sr.», — acentuou insistente, não ficasse eu com dúvidas.

Mais uns passos e a despedida. A mão gretada e calosa fazia adivinhar os milhões de vezes que o seu braço esventrara a terra com a enxada.

Segue meditando como se carregasse sobre os ombros o desprezo e o abandono rançosos de décadas, o burro marcando o andamento. Dali a uma hora pararia na «terra muito boa». Eu inverti a marcha, voltando ao centro da vila.

O EMIGRANTE É QUE TROUXE A RETRETE!

Na Praça da República (nome pomposo!), cartazes desbotados e retalhados, assinalam um tempo que Abril abriu, mas que

os ventos de Novembro pouco a pouco têm encerrado. Sobre-põe-se, na quantidade e na cor que ainda conserva, a propaganda do PPD que, juntamente com a do CDS, abafa os vestígios raros da presença do PS que dizia «transmontanos e du-rienses votai PS, votai no progresso da região mais atrasada».

Ironia do destino ou algo mais?

Saindo do centro, activado por um pequeno comércio, dá-se de olhos com alguns prédios em construção. Não para habitação económica, mas para a habitual especulação. A propósito sabem (imaginam sequer?) qual é a renda de uma casa de 2, 3 assoalhadas? — Cinco e até seis contos. Mas ficaremos por aqui: fala-se que serão de 10, 12 contos as rendas de um prédio alto em fase de acabamento. Afinal,

agrícola (em regime de auto-subsistência) situado a poucos quilómetros do complexo megalómano do Cachão que continua sem servir a agricultura transmontana, Valpaços estende-se por 31 freguesias, abrangendo uma população de 35.000 habitantes aproximadamente, 5.000 na vila. Ao todo são 133 aldeias onde a vida escorre lenta e arrasada, com a pobreza a engendrar pobreza, sem pontos de luz no horizonte. Quarenta e duas aldeias estão praticamente isoladas. Para se lá chegar só por caminhos de cabras. Adoecer é meio caminho para a morte. Os enfermos ou são levados às costas ou sobre os chiantes carros de bois até à estrada que muitas vezes fica a vários quilómetros do povoado. Dali vão de carro para o hospital, e, no caso de não ser ferimento ligeiro... transferência para o Porto.

É a dependência secular a que só um Serviço Nacional de Saúde, não burocratizado e efectivamente descentralizador, poderá pôr termo. Serviço que naturalmente não pode descurar a necessidade primária de um saneamento básico.

«ESTAMOS ESTRANGULADOS»

Há três anos que não há um tostão sequer para melhoramentos de estradas, rompimentos ou pavimentações — afirma o presidente da câmara, dr. Manuel Sobrinho Morais, que como n.º 2 da lista do PPD/PSD substituiu, há alguns meses, o dr. José Fernandes considerado pessoa íntegra. Segundo o actual presidente grande parte das aldeias estão intransitáveis.

O drama desta gente, porém, não é só a falta de estradas: é a falta de tudo, embora tenha aquilo que jamais a cidade voltará a ter — o ar puro. A grande maioria das casas ainda não tem instalação fixa de banho ou duche, nem retrete, nem energia eléctrica, nem água canalizada.

As últimas alterações que se têm registado nos últimos anos dizem respeito à electrificação: 40 aldeias foram electrificadas nestes dois anos. Quanto ao resto é o próprio presidente da câmara a dizer que tudo se mantém praticamente na mesma. Ou seja, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, recentemente trabalhados, sobre indi-



Edifício dos Paços do Concelho chegou

Reportagem de Luís Humberto

a anda muito!...



A secular igreja matriz da vila, em cujas imediações se passa a história do burro e do homem

ces de 1970, 93,2% das habitações não tem instalação fixa de banho ou duche, 92,2% não dispõe de retrete e 89,6% não têm água canalizada. Quanto à energia eléctrica, admite-se que, agora, pouco menos de 50% das habitações estejam ainda por electrificar.

Mas o que é isto? Quando acabará o medievalismo desta região? Quando é que o poder se descentra, deixando o perímetro de Lisboa e das cidades litorais e conservando, naturalmente, todas as particularidades culturais da região?

As esperanças afogam-se no desencanto acumulado durante

décadas. «Não há qualquer autonomia, estamos estrangulados» — diz-me o presidente da câmara para quem «as pessoas que cá estão é que deviam dirigir as coisas», porque «não é à distância que se dirige».

Tudo isto se relaciona com o poder local. O que é isso nestas paragens de lobos onde o povo se esgota na terra, com o sangue que a fertiliza? Existe aqui poder local? Em que termos?

«Isto é muito baralhado, sabe.» — disse-me um militante do PS, acrescentando que «os órgãos autárquicos funcionam muito mal». E deu um exemplo: ainda não desceu à A.M. o plano para 1979 que

devia ter vindo em Setembro, nem foi sequer discutido ou aprovado o orçamento suplementar de 1978».

Porquê toda esta situação? «Isto anda muito mal porque eles confiam na maioria afecta ao PPD/PSD. O presidente conta com o voto por caciquismo».

Por outro lado a desmobilização é grande. «Normalmente na assembleia apenas comparecem 50% dos membros», sendo os eleitos do PSD os grandes ausentes. Aliás, dos 64 membros, só sete ou oito são do PS e outros tantos do CDS. Os restantes são do PSD. Já agora, na câmara há 5 PSDs, um PS e um CDS.

«FAR-WEST» NUMA SESSÃO DA CÂMARA

Nem sempre as assembleias têm decorrido em plena harmonia como seria de desejar num órgão democrático, e ainda há tempos a GNR teve de intervir porque os ânimos atingiram temperaturas desajustadas para o meio.

Por outro lado, parece haver um certo «cowboysmo» na região por várias pessoas soubermos de uma faceta algo curiosa do chefe da edilidade que para além de director do hospital, é delegado de Saúde, médico da Caixa de Previdência e está em vias de entrar para a direcção da Adega Cooperativa (pelo menos está inscrito numa lista). Pois o dr. Sobrinho Morais no seu lugar de presidente «puxou uma vez da pistola e colocou-a em cima da mesa para intimidar o povo». Foi há cerca de dois meses, em plena sessão pública da câmara. Como se estivesse no «far-west» fez da arma o seu melhor instrumento democrático para calar à nascença os protestos que na sessão anterior tinham surgido. Porque o povo, farto de promessas, reivindicara os seus direitos, quanto à abertura de estradas. «O presidente prometia-lhes hoje, prometia-lhes amanhã».

É, portanto, um facto que existe um certo descontentamento popular quanto à administração local. O «presidente-cowboy» entretanto defende-se com a centralização do poder em Lisboa, e com a falta de concessão de verbas: «estamos à espera de 13 a 14 mil contos, quantia relativa a despesas suportadas pela câmara»; «as participações vêm às pinguihas, as autarquias estão estranguladas».

Todavia, estas desculpas não agradam às gentes de Valpaços que sabem que apesar daquela situação, que é real, podia ser outra a dinâmica camarária. «Há muita coisa que se podia fazer» — diz um habitante consciente de que, por exemplo, a nível cultural nada se tem feito. A inércia popular é grande, porque não há estímulos, mas também os órgãos autárquicos não se mexem. A Casa do Povo funciona à maneira antiga. Quer dizer: não funciona, não tem qualquer tipo de dinamização cultural. A velha banda de Valpaços continua por restaurar. Não há sequer um museu que a existir deve ser vivo. A taxa de analfabetismo continua a tocar cotas altas. Os vestígios da romanização são destruídos impunemente.

Encravada no centro da chamada «terra quente» transmontana, Valpaços, cuja existência como povoado remonta ao primeiro período da nacionalidade, continua, pois, como se «Abril» não tivesse existido.

VERTICALIZAÇÃO PARA O SINDICATO DO COMÉRCIO DE LISBOA

Electricistas, Metalúrgicos, Telefonistas, Cobradores e Têxteis das Empresas do Comércio dos sectores:

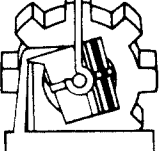
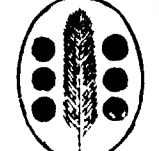
Retailista — Importadores Armazenistas e Grossistas de Material Eléctrico, Electrónico, Electrodoméstico e Fotográfico — Importadores e Armazenistas de Materiais de Construção, Aços, Tubos, Ferros, Metais, Ferramentas, Ferragens e Equipamentos Industriais.

Resultados da Assembleia de Voto 14 Dez.

De acordo com os resultados obtidos nas 34 mesas de voto e que resumimos no quadro abaixo, 82% dos trabalhadores votaram SIM à integração no Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa.

Os Sindicatos signatários contactarão oportunamente os trabalhadores abrangidos por este processo de verticalização a fim de concretizar a sua transferência para o Sindicato do Comércio de Lisboa.

Em frente pela Verticalização Sindical!

	Sim		Não		Nulos	Branco
	N.º	%	N.º	%		
Electricistas 	272	74	83	23	3	9
Metalúrgicos 	416	76	119	22	1	12
Telefonistas 	35	95	2	5		
Cobradores 	52	87	8	13		
Têxteis 	308	97	6	2	1	1
Total	1 083	82	218	16	5	22

NUMA EMPRESA UM SÓ SINDICATO!

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Sul
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metal-Mecânicas do Distrito de Lisboa
Sindicato dos Telefonistas e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa
Sindicato Nacional dos Cobradores e Profissões Similares
Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa



ho: uma sessão da Câmara, recordaram ao repórter do «DL», a assumir aspectos de cena do «Far-West»

EUROPA

Decretada a lei marcial em 13 províncias turcas

O Governo turco declarou hoje a lei marcial em 13 províncias, incluindo Ancara e Istambul, segundo anunciou Rádio Ancara.

O comunicado foi emitido após uma sessão de emergência do gabinete, que durou quatro horas e que foi convocada para debater dias de motins na cidade de Kahraman Maras, no Sudoeste do país, em que morreram, pelo menos, 93 pessoas.

O primeiro-ministro, Bulent Ecevit, que se opusera antes à imposição da lei marcial, descreveu a onda de violência como uma página sombria da história turca.

As desordens começaram, na sexta-feira, quando militantes de direita tentaram impedir um funeral de dois professores progressistas, abatidos a tiro em incidentes anteriores.

Reforços de tropas seguiram com urgência para Kahraman Maras, a fim de pôr cobro à vaga de violência, que aumentou o número de pessoas que perderam a vida devido a motins políticos na Turquia, este ano, para mais de 600.

«A violência impera desde há meses. Esta é a única forma de lhe por termo. Espero que estas medidas, tomadas nestas 13 cidades, serão úteis para todas as 67 cidades (da Turquia)», disse Bulent Ecevit.

A lei marcial, que entra em vigor às 04.00 horas tmG, foi imposta em Karaman Maras, Istambul, Ancara, Elazig, Bingol, Erzincan, Erzurum, Gantantep, Kars, Malatya, Urfa e Sivas.

Segundo o primeiro-ministro turco, a lei vigorará durante dois meses.

Bulent Ecevit afirmou que as Forças Armadas do país visarão

enquanto a lei marcial estiver em vigor, «assegurar os direitos e liberdades elementares de toda a Nação».

«Esta medida, sublinhou Ecevit, tem por objectivo terminar com as tentativas de comprometer o exercício destes privilégios».

Observadores políticos fizeram notar, entretanto, que o chefe do Governo tinha vindo a ser alvo de críticas por parte do seu partido dada exactamente a sua hesitação em instaurar a lei marcial nas cidades onde a violência sectária tem sido constante.

No passado domingo, o chefe do Governo atribuiu ao Partido da Acção Nacional, da extrema-direita, a responsabilidade pela onda de violência que agita o país, acusando-o nomeadamente de armar e organizar grupos de jovens dele dependentes.

ASIA



Considerado o artífice máximo da «abertura ao Ocidente», o vice-primeiro-ministro chinês, Teng Hsiao-ping, foi premiado (simbolicamente) pela revista norte-americana «Time» como «o homem do ano». Na foto: Teng Hsiao-ping fotografado no Nepal, primeira viagem que fez ao estrangeiro, depois da sua última «ressurreição» política

Mais agitação no País Basco

O funeral de «Argala», o dirigente da ETA assassinado em França, suscitou nova vaga de agitação no País Basco espanhol. José Miguel Beraran Ordenana, conhecido por «Argala», participou no assassinato do então chefe do Governo espanhol, Carrero Blanco, em Dezembro de 1973, e caiu vitimado por um atentado semelhante no dia em que passava o quinto aniversário da morte do «delfim» de Franco.

«Argala» era o único dirigente da ETA partidário de negociações com o Governo para uma solução pacífica do problema basco, razão por que se receia que a sua morte torne ainda mais difícil a situação naquela zona explosiva por excelência do Estado espanhol.

Os restos mortais de «Argala» foram transferidos para a sua

terra natal, Arrigorriata, onde se realizou o funeral. O sacerdote que celebrou o ofício fúnebre, declarou: «Diante deste cadáver e de tantos jovens que se encontram na prisão impõe-se perguntar o que é a violência e de que lado está».

Nas principais cidades bascas houve violentas manifestações de protesto contra a morte de «Argala»: Bilbao, San Sebastian e Pamplona foram as cidades onde se verificou maior violência com batalhas campais entre manifestantes e forças policiais. Em San Sebastian foi assassinado o dono de um bar.

Entretanto, a Polícia anunciou a detenção de José Antonio Altonaga, considerado o principal responsável dos «comandos acções especiais» da ETA no País Basco.

Atentado em Roma

A explosão de uma bomba colocada ontem à noite debaixo dum automóvel diante da sede do Partido Social-Democrata Italiano, no centro da cidade, destruiu completamente várias viaturas sem causar vítimas.

O atentado foi reivindicado alguns minutos mais tarde pelo movimento de extrema direita «NAR» (Nucleo Armato Revolucionário) num telefonema à agência italiana «ANSA».

MÉDIO ORIENTE

Gabinete israelita debate recomeço das negociações

O gabinete israelita efectua hoje uma sessão especial para decidir se existe base para recomeçar com o Egipto as negociações de paz no Médio Oriente, agora num impasse.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, voltou a Jerusalém, no domingo, após se encontrar em Bruxelas com o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, e o primeiro-ministro egípcio, Mustapha Khalil, e informará o Governo das suas conversações.

Dirigentes israelitas, incluindo o primeiro-ministro Menahem Begin, têm afirmado que as reuniões de Bruxelas se limitaram a questões processuais e não envolveram concretamente questões importantes.

Funcionários israelitas interpretaram essas afirmações como significando que as conversações, iniciadas por Vance, visavam determinar se os dois lados se tinham afastado das posições que causam o impasse actual.

No seu regresso da capital belga, Dayan declarou que pensava que as diferenças entre Israel e o Egipto poderiam ser solucionadas se ambos os países concordassem com um compromisso.

O presidente Anwar Sadate do Egipto manifestou opinião similar, ontem, à noite, dizendo que um acordo seria eventualmente assinado, após concessões mútuas das duas partes.

Dirigentes do Partido aprovam plano económico da China

O programa económico chinês, orientado para a transformação do país numa nação industrial, recebeu a aprovação formal do Comité Central do Partido Comunista.

«À luz das actuais circunstâncias históricas e com base nas suas experiências práticas, assegura uma declaração do PC Chinês, a China introduzirá uma série de medidas económicas, uma das quais visa ampliar activamente a cooperação económica com outros países, em base de igualdade e vantagens mútuas».

Desta forma, o Comité Central do Partido Comunista expressou a sua aprovação ao que convencionalmente se designa por «abertura chinesa» e que muitas vezes se compara à «abertura do Japão» de há cem anos.

Paralelamente ao apelo à gigantesca planificação da industrialização do país, com ajuda e créditos do exterior, o Comité Central do PC Chinês comunicou ao governo a necessidade de

uma integração popular nesta «nova longa marcha», como também é descrita em Pequim a política das «quatro modernizações».

Entretanto, o «Diário do Povo» afirmou na sua última edição que a China deve modernizar-se rapidamente face ao perigo dum terceira guerra mundial e ao que designa por «desejo de subjugar» o país, por parte da União Soviética.

Acentuando não deverem repetir-se as «desastrosas campanhas políticas» da década passada, o órgão oficial chinês prossegue afirmando que a democracia deve continuar a desenvolver-se na China.

Numa referência à decisão do Comité Central do Partido Comunista, nos termos da qual a acção do partido terá de centrar-se agora na modernização da China, passados os ataques ao «bando dos quatro», o «Diário do Povo» comenta que todos os esforços, incluindo os desenvolvidos ao nível político,

devem ser encaminhados para o cumprimento de tal decisão.

«Não devem ter lugar movimentos políticos ou luta de classe que possam provocar desvios desta tarefa central e comprometer a modernização», afirma o jornal.

ANIVERSÁRIO DE MAO

Os dirigentes chineses assistiram ontem à noite em Pequim a uma representação teatral realizada na Grande Sala do Povo em honra do 85.º aniversário de Mao Tse Tung, anuncia hoje de manhã a agência «Nova China».

O presidente Hua Kuo-Feng, os vice-presidentes Yeh Chien-Yihg, Teng Hsiao-Ping, Li Hsien-Nien, Chen Yun e Wang Tung-Hsing, acrescenta a agência, assistiram a uma peça em cinco actos, o «Trovão de Outono», que evoca os levantamentos de 1927 dirigidos por Mao.

Uma história de Natal

Na altura em que, em família e festivamente os franceses celebravam o Natal, um «quadro» de 49 anos, ameaçado pelo desemprego matou a mulher, os três filhos e o cão, antes de se suicidar.

«Quadro» comercial numa importante papelaria da capital, Philippe Wignolle, que habitava uma área residencial dos arredores de Paris fora avisado recentemente das dificuldades em que se debatia a sua empresa e da eventualidade da supressão do seu posto de trabalho. Numa carta explicando o seu tresloucado gesto explicou que a perspectiva de vir a encontrar-se sem emprego lhe era insuportável.

Nessa noite de Natal preferiu matar, enquanto dormiam, com uma carabina «22 Long Rifle», a mulher, Catherine, de 37 anos, e os três filhos do casal, de 6, 9 e 10 anos. Philippe Wignolle telefonou depois à Polícia: «Matei a minha mulher e os meus três filhos. Venham buscar-me, estou à espera...» Antes da chegada da Polícia matou o cão e suicidou-se.

Esta tragédia ilustra o problema que toca de perto cerca de 75.000 «quadros» franceses ameaçados pela crise económica e sujeitos a perder o emprego de um dia para o outro e a não poder continuar a manter o seu nível de vida.

O xá está a forjar "governo de salvação"

O xá recebeu ao começo da tarde de ontem Gholam Hossein Sadighi, Ali Amini, antigo primeiro-ministro e Ali Entezam, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e presidente da Companhia Nacional Iraniana dos Petróleos, soube-se hoje de manhã de fonte bem informada.

Sadighi, que fora contactado pelo xá para a eventualidade de formar um novo governo civil, condicionou a sua resposta ao abandono pelo rei de diversos privilégios, acrescenta a mesma fonte. Assim Sadighi solicitou a dissolução da SAVAK (polícia política) e a restituição ao Estado de bens pessoais e da Coroa. Propôs ainda que a política petrolífera fique sob o exclusivo controlo do Governo e que o Irão observe a mais estrita neutralidade face a Israel e à África do Sul.

No que diz respeito ao exército, Sadighi declarou ao xá que

este teria que deixar de intervir na vida política e que os seus representantes deveriam abandonar o governo.

Entretanto, pelo quarto dia consecutivo estão a decorrer manifestações de estudantes contra o regime do xá nas ruas de Teerão.

Foram ouvidos já disparos pelas forças armadas. Não se sabe se há vítimas.

Por outro lado, a oposição anunciou que morreram doze pessoas durante os incidentes violentos entre as forças da ordem e os manifestantes anti-regime ontem nas duas cidades do Curdistão.

Oito foram mortas em Sanandaj e quatro em Saghez, duas destas últimas num hospital onde os polícias abriram fogo, acrescenta-se de fonte da oposição. Uma destas seria uma enfermeira.

Vietname anuncia morte de 400 soldados cambojanos

O Vietname anunciou a morte de 400 soldados cambojanos em combates travados com as suas tropas em duas províncias fronteiriças, neste fim-de-semana.

A agência noticiosa vietnamita, captada em Bangucoque, informou que cerca de 300 soldados do Camboja, pertencentes às divisões 221 e 703 do exército de Phnom Penh, foram

mortos no domingo quando levavam a cabo a invasão de Ber Cau, na província de Tay Ninh 130 quilómetros a noroeste da cidade de Ho Chi Minh.

As tropas vietnamitas, refere a agência, capturaram, nos combates, elevado número de prisioneiros, lança-foguetes, metralhadoras e morteiros.

Notícia ainda a agência que em combates ocorridos no sábado na província de Kien Giang, as tropas vietnamitas interceptaram uma unidade de «invasores cambojanos», abatendo mais de 100 deles e capturando 100 metralhadoras.

ATENTADO EM PHNOM PENH

O Vietname seria o instigador do assassinio do professor britânico Malcolm Caldwell, verificado em Phnom Penh, deixa entender hoje a agência de imprensa cambodjana «APKD», recebida em Bangucoque.

É a primeira vez que a agência de Imprensa do Kampuchea democrático é recebida no estrangeiro.

Estudantes chineses a caminho dos EUA

Dez dias depois da normalização sino-americana, os primeiros estudantes chineses a chegarem aos Estados Unidos para fazer estudos especiais deixarão Pequim hoje, informa a agência «Nova China».

Trata-se de um grupo de 50 estudantes universitários que fazem parte do contingente calculado entre 500 e 700 estudantes a serem recebidos nas Universidades americanas até ao mês de Setembro do próximo ano.

AMÉRICA LATINA

"Negociata" da ditadura condenada pelo MDB

A oposição brasileira reagiu ontem violentamente aos planos do governo de comprar a empresa de electricidade «Ligh», de capital canadiano.

A «Ligh», que mantém o monopólio da venda de energia eléctrica no Brasil, desde há meio século, ofereceu-se para passar todos os seus bens ao Estado, pela soma de 400 milhões de dólares.

«A oferta é uma vergonha, pois

a «Ligh» sabe que termina a sua concessão de meio século. Dar-lhe agora 400 milhões de dólares seria para o Brasil o mesmo que atirar esse dinheiro para o caixote do lixo», afirma-se numa declaração do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) do Estado da Bahia.

«Para a «Ligh» será um êxito económico fabuloso, pois, após 50 anos de monopólio absoluto ainda vai receber o prémio de

400 milhões de dólares, que todos os brasileiros têm de pagar», acrescenta esta primeira reacção do MDB.

ESQUADRÃO DA MORTE

O «Esquadrão da Morte» fez uma nova vítima, desta vez numa prisão do Rio de Janeiro.

Trata-se de Fernando Gomes de Carvalho, de 37 anos de idade, que desde 1971 cumpria 46 anos de prisão como integrante de uma quadrilha de assaltantes liderada por Lucio Flávio, seu cunhado.

A morte do recluso fez levantar especulações em torno duma possível ofensiva do «Esquadrão» com vista a eliminar cerca de 30 delinquentes detidos nas prisões brasileiras e convertidos em «testemunhas irrefutáveis» da existência da sinistra organização, e, principalmente, de poímeros ligados à rede de cúmplices de que a mesma dispõe para actuar à margem da lei.

Medianeiro da Santa Sé partiu para a Argentina

O cardeal italiano Antonio Samora partiu ontem, à noite, por via aérea de Roma para a Argentina numa missão especial do Vaticano para servir de medianeiro entre aquele país e o Chile na sua disputa sobre três ilhotas no Canal de Beagle.

O purpurado, de 73 anos, que tem grande experiência de assuntos da América Latina,

desloca-se primeiro a Buenos Aires para conversações com dirigentes argentinos, antes de seguir para o Chile, amanhã.

Na semana passada, os dois países aceitaram uma oferta do Papa João Paulo II para actuar como medianeiro — a primeira missão semelhante, há anos, desempenhada pela Santa Sé para ajudar a impedir um conflito militar.

CIÊNCIA

Vamos viver uma nova mini-Idade do Gelo

Os habitantes do Hemisfério Norte podem esperar condições atmosféricas irregulares e anormais pelo menos até ao fim deste século, de acordo com especialistas japoneses, segundo os quais começou uma nova «mini-Idade do Gelo» que prosseguirá nas próximas décadas.

Resultado: secas, fome, inundações, tempestades e avalanches, com os consequentes prejuízos materiais e à agricultura, assim como perda de vidas.

O professor Jinkichi Nemoto, perito em Meteorologia da Universidade de Saitama, a Norte de Tóquio, afirma numa entrevista que os Invernos são mais longos e os Verões mais curtos.

As temperaturas médias anuais baixarão um ou dois graus centígrados relativamente ao anterior período quente, acrescenta.

O período de condições atmosféricas anormais continuará pelo menos até ao fim deste século, a julgar pelos

padrões das últimas centenas de anos.

Esta é a quinta mini-Idade do Gelo desde o século XVI, declara, acrescentando que a última terminou, ao voltar deste século.

Alarmada pelas condições atmosféricas irregulares e anormais, a Organização Meteorológica Mundial (WMO) realizará uma conferência especial, em Genebra, no próximo mês de Fevereiro, para debater o assunto.

Mais de 100 peritos dos seus 148 países estudarão alterações climáticas e o seu provável impacto na agricultura, pesca, florestas e recursos aquáticos.

Numa medida relacionada, a WMO e o Conselho Internacional de União Científica (ICSU) iniciaram, em 1 de Dezembro, um projecto de um ano para observar as condições climáticas à escala global.

Cientistas reunirão informações sobre a pressão do ar, temperatura, velocidade

do vento e humidade em 2000 pontos em terra, 300 pontos na atmosfera, sobre a terra, e em mais de 1000 zonas sobre os oceanos.

Esquemas especiais de observação, envolvendo navios, aviões e boias flutuantes estão planeadas para Janeiro e Maio.

O projecto destinado a obter o maior número possível de informações sobre as condições meteorológicas envolverá igualmente cinco satélites estacionários de observação meteorológica, sobre o Equador, assim como alguns satélites de órbita múltipla.

O professor Nemoto declara que as temperaturas no Hemisfério Norte atingiram o ponto máximo há cerca de 6000 anos, perto de 4000 anos após a recessão da última Idade do Gelo completo.

Deste então, a temperatura média no Hemisfério Norte tem estado a diminuir constantemente.

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, GRÁFICA E CARTONAGEM

AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO CCTV DAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS E DE TRANSFORMAÇÃO DO PAPEL

GREVE NO DIA 27 DE DEZEMBRO

(NO PRIMEIRO PERÍODO DE TRABALHO)

O patronato através da sua Comissão Negociadora Patronal (C.N.P.) tem apresentado contrapropostas que não correspondem às legítimas e justas aspirações dos trabalhadores, ignorando as reivindicações apresentadas, e, ainda por cima, aproveitando-se da existência de um governo contrário aos interesses dos trabalhadores, ameaça os Sindicatos com o fim das negociações directas e com o envio do processo de revisão para o Ministério do Trabalho para sair por via administrativa.

Assim:

— O patronato continua a não considerar a negociação das cláusulas referentes ao Subsídio de Alimentação, actualizações salariais mínimas e ao pagamento de 20 dias/ano por doença;

— o patronato recusa-se expressamente a consagrar a duração das Tabelas Salariais e cláusulas económicas por 12 meses, embora afirmando concordar com o princípio;

— o patronato mantém a posição de só considerar cerca de 15% de aumento global dos trabalhadores, mas em algumas categorias sobretudo nos aprendizes e auxiliares a percentagem proposta ronda os 10 a 12%.

Além disso, numa atitude que tem de se classificar de oportunista, o patronato pretende dar o dito por não dito:

— Na entrada em vigor que propôs ser 1 de Janeiro de 1979, alega neste momento, que tal só se verifique 15 dias após o acordo final.

— As entidades patronais afirmam que a sua contraproposta atingiu os limites da lei, tentando assim elaborar a actuação abusiva e ilegal do Ministério do Trabalho, através da publicação de uma «anotação» à actual tabela do C.C.T.V., que é uma única, por comum acordo, e que foi aplicada em duas fases devido a dificuldades invocadas pelas entidades patronais.

— Reconhecem ainda as entidades patronais da justiça e correcção da Proposta dos Trabalhadores.

Todas estas manobras do patronato visam protelar despropositadamente as negociações, em prejuízo dos direitos dos trabalhadores.

A própria lei (apesar de contrária aos interesses dos trabalhadores) permite aumentos salariais de 20%, bem como a negociação de outras cláusulas com expressão pecuniária.

Desde Outubro de 1977 o custo de vida tem aumentado constantemente a um ritmo de longe superior ao dos aumentos salariais, facto que se traduz na diminuição progressiva do já fraco poder de compra dos trabalhadores.

A Comissão Negociadora Sindical, apesar das propostas e atitudes da C.N.P., tem mantido o seu propósito de, através do diálogo, tentar resolver as divergências numa base honesta de negociações. A C.N.P. não tem respondido positivamente, facto que levou as negociações a um impasse.

Nestas circunstâncias, os trabalhadores têm todo o direito de lutar pela correcta negociação do seu C.C.T.V., na perspectiva da defesa do seu poder de compra e da melhoria das suas condições de vida.

A paralisação dos trabalhadores abrangidos por este C.C.T.V., durante o 1.º período de trabalho do dia 27 de Dezembro, decidida nos plenários realizados, aparece como uma resposta correcta, justa e indispensável para a defesa dos direitos e interesses dos trabalhadores, uma vez que o patronato tem recusado a apresentação de alternativas aceitáveis.

A Comissão Negociadora Sindical e as associações sindicais subscritoras do C.C.T.V. da Indústria Gráfica e de Transformação de Papel apelam para que todos os trabalhadores abrangidos reforcem a sua unidade, organização e luta durante e após a paralisação do dia 27, por forma a garantirem a melhoria das suas condições de vida.

Pela revisão salarial! Pela defesa e melhoria das condições de vida dos trabalhadores! Unidos e organizados, venceremos!

Lisboa, 21 de Dezembro de 1978

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE CELULOSE, PAPEL, GRÁFICA E CARTONAGEM

AOS TRABALHADORES ABRANGIDOS PELO CCTV DA IMPRENSA

GREVE NOS DIAS 27/28 DE DEZEMBRO

A Comissão Negociadora Patronal (C.N.P.) protela a conclusão das negociações deste C.C.T.V., através da recusa em negociar os pontos que se encontram em suspensão. Numa primeira fase, para justificar a sua recusa alegou «aguardar uma audiência com o ministro da Comunicação Social». Agora utilizam novos argumentos, tais como «estarem a fazer uma revisão ao clausulado já acordado».

Os pontos que ainda não estão acordados são: a entrada em vigor, âmbito, horário de trabalho, diuturnidades, subsídio de alimentação, creches e as tabelas salariais. Encontram-se entre estes pontos, como facilmente se vê, matérias fundamentais do C.C.T.V. cuja não conclusão está a prejudicar seriamente os trabalhadores.

A posição dos representantes patronais é particularmente incompreensível e inaceitável, na medida em que:

— Sempre reconheceram, à mesa das negociações, que a proposta dos trabalhadores é realista, justa e aceitável;

— Várias administrações já manifestaram a mesma opinião;

— Há empresas em que a aplicação do C.C.T.V. não implica um aumento sensível de encargos;

Há empresas em que as administrações se propõem ou aceitam dar aumentos salariais idênticos aos constantes na proposta sindical;

— Pretendem, ainda, os representantes patronais, retirar regalias e direitos já consagrados nos contratos em vigor e normalmente praticados nas empresas.

O constante aumento do custo de vida e o longo tempo em que se encontram em vigor os actuais contratos (48 meses os dos Trabalhadores na Imprensa e 24 meses os dos Trabalhadores Gráficos) são razões mais que suficientes para não justificar quaisquer acções que atrasem a conclusão e entrada em vigor do C.C.T.V.

Aos trabalhadores não se pode continuar a exigir a degradação do seu poder de compra, devido às dificuldades causadas pela inexistência de uma verdadeira reestruturação da Imprensa. Os trabalhadores da Comunicação Social já apontaram por diversas vezes, e muito concretamente, as soluções para os problemas do sector.

O C.C.T.V. caracteriza uma tentativa de uniformização de condições económicas e sociais dos trabalhadores das diversas empresas passo positivo e importante reconhecido pelas próprias administrações.

A Comissão Negociadora Sindical tudo tem feito para que as negociações se desenvolvam numa base construtiva que permita a resolução das divergências e a conclusão do contrato. De modo muito diferente têm entendido os representantes patronais.

Nestas circunstâncias os trabalhadores têm todo o direito e interesse em lutar pela conclusão rápida do seu C.C.T.V. para assim defenderem os seus direitos e melhorarem as suas condições de vida.

A paralisação dos trabalhadores abrangidos pelo C.C.T.V. nos próximos dias 27/28 de Dezembro decidida nos plenários realizados, aparece como uma resposta correcta, justa e indispensável para a defesa dos seus direitos e interesses uma vez que os representantes patronais não se decidem a contemplar os justos anseios dos trabalhadores e a concluir o processo negocial.

HORÁRIO DAS PARALISAÇÕES

das 11,30 às 12,30 horas	do dia 27/12/78
das 16 às 17 horas	do dia 27/12/78
das 20 às 21 horas	do dia 27/12/78
das 3 às 4 horas	do dia 28/12/78

A Comissão Negociadora Sindical e as associações sindicais subscritoras do C.C.T.V. da Imprensa apelam para que todos os trabalhadores reforcem a sua unidade, organização e luta, durante e após a paralisação dos dias 27/28 de Dezembro.

— PELO CONTRATO VERTICAL!

— PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS TRABALHADORES!

— UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

Lisboa, 22 de Dezembro de 1978.

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL



"As loiras são mais engraçadas..."

Esta é a opinião do cantor de rock Rod Stewart, que no seu último sucesso «As loiras são mais engraçadas...». Rod Stewart, que esteve no «top» com «Maggie May», era esperado por uma loira muito engraçada: a sua namorada Alan Hamilton.

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«CRÓNICA ATRIBULADA DO ESPERANÇOSO FAGUNDES», de Luis de Sttau Monteiro. Encenação: Morais e Castro. Poemas: Ary dos Santos. Música: Paulo de Carvalho e Pedro Osório. Figurinos e Direcção plástica: Maria Helena Reis. Direcção musical: Pedro Osório. Coreografia: Fernando Lima. Interpretação: António Marques, Helena Isabel, Rui Mendes, Adelaide Ferreira, Fátima Padinha, Morais e Castro, Manuel Mendonça, Carlos Gonçalves, Manuel Cavaco, Alexandre Melo, Henriqueta Maya, Paulo de Carvalho. Grupo 4. Teatro Aberto. 16.12.1978.

O que há de mais curioso e, provavelmente, de mais interessante neste espectáculo consiste na sua contribuição com certa involuntária, para uma possível e desejável renovação do teatro revista. Recordemos rapidamente que a revista à portuguesa surgiu em meados do século passado por influência do teatro francês do género. Tratava-se, então, de criar um espectáculo musical que tivesse o balanço dos acontecimentos nacionais e internacionais do ano. A revista até se transformar em Portugal (mais propriamente em Lisboa) naquilo que é hoje a nossa revista, espectáculo com características específicas, sem paralelo em qualquer outro sítio.

A vida da revista foi naturalmente condicionada pelas vicissitudes políticas que marcaram o

Crónica esperançosa do atribulado Fagundes

século XX português, em especial durante o fascismo. A certa altura, a revista pareceu ter esgotadas as suas possibilidades estéticas e críticas, parecendo que apenas a sua renovação poderia salvá-la do que parecia ser irremediável decadência. Nos anos 70, a equipa do Teatro A.B.C. de que parte viria, depois de 25 de Abril, a transformar-se na cooperativa Adóque, iniciou o que parecia querer ser uma arrancada decisiva para essa renovação. Essa arrancada culminaria na revista «A Paródia», a meu ver o mais interessante espectáculo do género desta década. Essa tentativa de renovação, porém, não teve continuidade e a revista voltou aos esquemas anteriores, mesmo no Adóque.

Esquemas caducos e exangues adequados a todo o lixo imaginável, e até inimaginável como o provaram as últimas revistas do Parque.

O espectáculo do Teatro Aberto propõe um esquema que tem afinidades com a revista tanto no que se refere ao texto como à divisão deste em cenas relativamente autónomas e à própria existência de figuras específicas da revista como é o «compère», com quem Fagundes pode identificar-se; usa ainda canções e danças, cenários e figurinos de acordo com os pressupostos revisteiros. Por outro lado, se o texto não tem como referente específico o comentário à actualidade, que é próprio da revista, veicula esse comentário através dos temas históricos que propõe. Na verdade, a actualidade está sempre presente no espectáculo. Em resumo, e repetindo, creio que teria interesse estudar este espectáculo como uma possível chegada para a renovação da revista.

Esta «Crónica Atribulada» surge como uma visita à história de Portugal através de alguns dos seus momentos mais importantes: a Revolução de 1383, a de 1820 e o 5 de Outubro. (Um parêntesis: com temas semelhantes Ariane Mnouchkine fez dois espectáculos revolucionários que ficaram na história do teatro contemporâneo.) Essa viagem é feita tendo sempre como ponto de vista, por um lado, a actualidade — que se manifesta com frequência através de apertados e do aparecimento de figuras —, e, por outro, o ponto de vista teatral (pela existência de

uma personagem, o contra-regra, e pela maneira como se utiliza a distância). Tem essa viagem um guia que é, ao mesmo tempo, comentarista e participante, Esperançoso Fagundes que simboliza o Povo e parece, por vezes, exprimir o ponto de vista do autor. A presença deste parece em certos momentos excessiva e os juízos que formula mais do que discutíveis como é o caso da crítica que me parece incorrecta, que é feita ao período revolucionário ou como é o caso da comparação entre a viragem republicana e a revolução de Abril, coisas bastante diferentes.

É com uma perspectiva de paródia que o espectáculo nos surge. Paródia a determinados acontecimentos históricos, a determinadas figuras, ao próprio teatro é à própria escrita; paródia que o cenário, os figurinos, os diálogos, as canções e os intérpretes exprimem constantemente. Esse aspecto, bastante saudável, marca, no entanto, os limites do espectáculo que não me parece capaz de dar o salto qualitativo que permita ao público assumir-lo criticamente, embora o final muito bem conseguido, o conduza nesse sentido.

Um texto como o de Luis Sttau Monteiro, escrito em função do seu papel no xadrez da criação teatral, como o deviam ser todas as peças pedia uma equipa maior do que aquela de que o Grupo 4 actualmente dispõe. Por vezes, verifica-se um vazio que prejudica o impacto do espectáculo para o que terá contribuído o espaço escolhido. O grupo utilizou pela primeira vez, no Teatro Aberto, um espaço ladeado pelo público. O espaço é feio, parece um corredor, mas essa primeira impressão desaparece com o decorrer da acção para o que contribuíram bastante os dispositivos cénicos criados por Maria Helena Reis, a utilização vertical do espaço (excelente a ideia da bruxa na vassoura) e até de outros espaços, como é o caso da colocação do mapa do Brasil (outra ideia excelente), e ainda algumas marcações que resolveram o problema, sempre espíritos, de comunicação com o público a partir de um espaço polivalente.

Como é normal em espectáculos deste género, para além da coerência que o marca como texto, encenação, interpretação, não é inteiramente firme a linha em que se apoia: daí a sua irregu-

laridade. Nem sempre o texto tem a graça que o autor imagina, nem sempre a encenação inventou as soluções mais interessantes, nem sempre os actores conseguiram estar à altura do que se lhes pedia. Mas alguns momentos são francamente bons, há achados que vale a pena registar (os conspiradores que saem do plinto do busto da República; o balão de banda desenhada — Viva a Liberdade — embora a explicação me pareça desnecessária; o escuro que representa o período fascista, a cena do baile com os bonecos, apesar de não ser original; Beresford remando no pequeno bote; a representação muda de cenas da segunda parte, referência às telenovelas, piada bem própria da revista, a figura do Conde Andeiro, e certas rupturas utilizadas pelo autor ou pelo encenador e que resultam (o que não é o caso do aparecimento do enforcado Gomes Freire).

É difícil demonstrar que há mais graça, imaginação e talento em 15 minutos deste espectáculo do que em todas as revistas do Parque Mayer (sem ter em conta os aspectos políticos). Bastaria para isso ver representar Rui Mendes (no protagonista), Henriqueta Maya, Adelaide Ferreira, Manuel Cavaco, Carlos Gonçalves, António Marques, Helena Isabel, em especial.

Com esta «Crónica» o Grupo 4 interrompe a série de espectáculos musicais que vinha fazendo desde o grande êxito que foi «O Círculo de Giz Caucasiano». Como o grupo me parece vocacionado para outro tipo de teatro é essa uma boa notícia.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

3.º Juízo Cível

ANÚNCIO 2.ª PUBLICAÇÃO

PELO TERCEIRO JUÍZO CÍVEL DE LISBOA, NOS AUTOS DE ACÇÃO ORDINÁRIA, N.º 5.606, A CORRER SEUS TERMOS PELA 3.ª SECÇÃO, MOVIDA PELO A. José Manuel de Faria e Seabra, são citados os RR. incertos para no prazo de vinte dias, que começa a decorrer depois de finda a dilatação de trinta dias, contada da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem o pedido do mesmo autor, que consiste em ser declarado como pessoa do sexo feminino e que seja ordenado o averbamento do facto ao seu assento de nascimento.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1978

O Juiz de Direito,
as) João Manuel do Carmo
de Almeida Loureiro

COMUNICADO DESPEDIMENTOS ILEGAIS NUMA EMPRESA PUBLICA AOS TRABALHADORES DO SECTOR CERVEJEIRO A TODOS OS TRABALHADORES PORTUGUESES

As organizações sindicais, subscritoras, vêm chamar a atenção de todos os trabalhadores do sector cervejeiro em particular e aos trabalhadores em geral, para a vaga de despedimentos que estão a ocorrer na UNICER — empresa pública do sector cervejeiro — por ordem do seu conselho de gerência.

A pretexto da «caducidade» de cerca de 4 dezenas de contratos a prazo o conselho de gerência da UNICER pretende levar à prática o seu «Projecto de Plano de Reestruturação» que exige o desemprego de 2 centenas de trabalhadores.

Mas a verdade é que à face da lei vigente, a maioria dos referidos contratos a prazo já tinham passado a contratos efectivos, dado que nem a natureza dos serviços desempenhados pelos trabalhadores era transitória, nem a entidade patronal avisara, com a antecedência exigida legalmente, a vontade de os não renovar.

De salientar que, nalguns casos, trabalhadores houve que se viram forçados a assinar, de uma só vez, três e mais contratos com datas anteriores.

As organizações sindicais subscritoras, não podem deixar de considerar tais actos como encobridores de um **despedimento colectivo**, sem qualquer sustentação legal.

A atitude do conselho de gerência da UNICER, E.P. insere-se, nas «medidas» que a direita tem preconizado para a «recuperação» da economia nacional pois é com o despedimento dos trabalhadores que esta quer recuperar as empresas.

As organizações sindicais subscritoras deste comunicado estão conscientes que a força de unidade dos trabalhadores portugueses será mais forte que todas as manobras que nos bastidores da direita se forjam para a desestabilização da vida das empresas e do País, no sentido da recuperação capitalista.

PELO DIREITO AO TRABALHO
NÃO AOS DESPEDIMENTOS

Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas
Sindicato Livre do Norte dos Trabalhadores de Armazéns
Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos
Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias Químicas
Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários

PUB



SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA
DA ZONA SUL

ADIADA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Por motivo de não se ter efectuado a Assembleia de Delegados, a quem nos termos dos Estatutos compete deliberar sobre o modo de funcionamento das Assembleias Gerais, não se realizará a ASSEMBLEIA GERAL prevista para o próximo dia 28 de Dezembro.

LISBOA, 22 DE DEZEMBRO DE 1978

Canal da Crítica

Presença brasileira no Natal português

Durante muito tempo se discutiu que espécie de programas seriam bons para a época do Natal. Tradicionalmente se considera esta festa como sendo a da família, com base num pretexto religioso: haveria pois que empanzinhar a audiência com assuntos bíblicos. Mas parece que amigos, amigos, negócios à parte e ou bem haviam de conversar e comer o que estivesse na mesa, ou haviam de rezar com os olhos o terço da TV. Programação religiosa servia de fundo à mandibulação do lombo do porco ou da posta de bacalhau comprado com tanto sacrifício de dinheiro e de tempo.

Nisto de bacalhau, em todo o caso, quem o apreciar muito não deve procurá-lo nas mercearias ou nos supermercados. Para tanto, deve cada qual praticar a sua delinquência juvenil (atrasada embora de alguns anos) e assim obter ingresso numa prisão. Al, come-se. Bacalhau, imaginem! Foi pelo menos o que soubemos através de um apontamento de reportagem. Isso acontece na Cadeia de Monsanto. De facto, consta que, nesse caso, como em outros, a Cadeia de Monsanto tem bom nome. Nada me custa a crer que o rancho do Natal e Ano Bom seja a tal ponto melhorado, visto

que, no quotidiano, o rancho não será tão mau como noutros sítios.

Ora a estes sítios é que a Televisão devia mandar a sua reportagem. O espírito da época de Natal não contempla os favorecidos, mas os abandonados. A Televisão devia mandar a sua gente, por exemplo, à Penitenciária, esse pesadelo entronchado mesmo no coração de Lisboa — lá onde em vez dela havia de crescer uma escola, um jardim, uma casa de cultura, um pavilhão desportivo — qualquer coisa que tivesse nome de felicidade e de futuro. Lá, à Penitenciária, é que a Televisão devia mandar as suas câmaras e os seus repórteres para saber como habitualmente se come e se vive em prisão...

No dia de ontem o serão não se preencheu com nenhum material religioso. Esperava-se por um programa altamente artístico e cultural, enfim, uma vez por ano não faz grande mal e até convém para fins de estatística.

Tal programa não aconteceu. Apenas um cheirinho, com a presença de José Palla e Carmo para falar sobre Camilo e a crítica. Tema demasiado fechado, demasiado académico. José Palla e Carmo amenizou com a passagem de algumas ilustra-

ções e pode-se dizer que os seus comentários, por essa altura, foram a parte mais viva da intervenção.

José Palla e Carmo procurou ainda amenizar com o recurso à actividade caceteira de Camilo. O que só não resultou por insuficiência de tratamento. Prova no entanto ficou feita de que se trata de matéria a explorar. Por esse filão se poderá conhecer Camilo e sua época melhor do que através de longos circunlóquios e com vantagens culturais e de passatempo (em Televisão um bom programa cultural terá de ser um bom passatempo) na medida em que assenta em bases concretas, relata histórias, ilustra à farta a crónica da Justiça de Lódão, tão própria dos bichos intelectuais — portugueses ou estrangeiros, não me venham com histórias!

De qualquer modo, não acredito que a intervenção de José Palla e Carmo tenha monopolizado a atenção da audiência. O que monopolizou a atenção da audiência, por paradoxal que pareça, não foi o fiambre (pouco) da sanduiche, mas o pão (muito) da mesma sanduiche: a telenovela *O Astro* e o *Planeta dos Homens*. Por aqui, sim. Acredito que as famílias se tenham todas reunido na sala onde se encontra o infernal aparelho para seguir avidamente os desvarios da Amanda, as manigâncias de Rasputine traduzido em carioica, o mistério da morte de Salomão, o «não me comprometa» de João

Soares, o «criança sofre», o «estão mexendo no meu bolso», o «não precisa de explicar» e uma infinidade de outras situações que, de Norte a Sul do País, penetraram em força no rema-rem quotidiano do *homo TV lusitano*.

No Dia de Natal, a família reuniu-se por obra e graça do sentimento e do humor. A lágrima e o sorriso continuam a ser as grandes balizas que dominam o território humano.

A Televisão descobriu assim a mezinha adequada. As azevinhas de asas brancas foram substituídas pelas graças levemente picantes e pela piada política possível — ó ironia da agudização de uma coisa chamada luta de classes! — num país, como o Brasil, que goza a sua Primavera marcelista, e não viável num país como o nosso onde a todo o momento se prega e se festeja a completa liberdade de expressão...

Facto que não queríamos deixar de referir: a emissão terminou às 11 horas. Perfeito. Se foi por ser Natal, é pena. Se é para inaugurar uma norma, ótimo. O noticiário das 24 horas, falhando ao seu compromisso e função essenciais, torna-se praticamente inútil. Chega mesmo a ser perigoso, pela intranquilidade e medo que instala nas noites dos espectadores.

As «24 horas» podem desaparecer. Não fazem falta nenhuma e, pelo contrário, a sua ausência faz um grande jeito.

MARIO CASTRIM

Hoje



Jenne Moreau e Brigitte Bardot numa cena do filme «Viva Maria»

I PROGRAMA

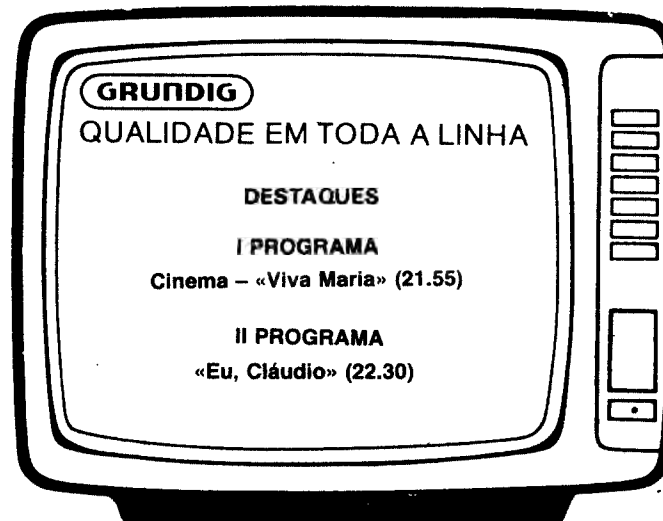
- 18.25 **Sumário** — títulos da actualidade nacional e internacional.
- 18.30 **Há Fitas** — «Os Cinco»: «Os Cinco na Casa em Ruínas».
- 19.05 **País, País** — a reportagem e a notícia regional.
- 19.30 **A Ciência a Cada Passo a Cada Passo Ciência**
- 20.00 **Jornal RTP-1** — as notícias do País e do estrangeiro e o Boletim Meteorológico.
- 20.30 **Perfil** — breve encontro com figuras da cultura portuguesa.
- 20.40 «O Astro» — episódio n.º 52.
- 21.30 **Zoom** — sumário da actualidade internacional.
- 21.55 **A Comédia e a Vida** — «Viva Maria», intérpretes: Brigitte Bardot, Jeanne Moreau, George Hamilton e Paulette Goddard. Realização: Louis Malle.
- 00.00 **24 Horas** — as notícias mais importantes das últimas 24 horas.
- 00.15 **Fecho**

TUDOR

BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 20.32 **Palavras Herdadas**
- 21.00 **Espaço Audio-Visual**
- 22.00 **Informação/2**
- 22.30 «**Eu Cláudio**» — série baseada na novela de Robert Graves. Produção de Martin Lisemore. Realização de Herbert Wise.
- 23.30 **Fecho**



Amanhã

I PROGRAMA

18.25: Sumário; 18.30: Binário; 19.05: País, País; 19.30: Caldo de Pedra; 20.00: Jornal RTP-1; 20.30: Perfil — Atónio Manuel Couto Viana; 20.40: «O Astro» — episódio n.º 53; 21.25: Vamos Jogar no Totobola; 21.30: Espaço Cultural; 22.30: Uma Noite Diferente das Outras; 23.35: 24 Horas; 23.50: Fecho.

II PROGRAMA

20.32: Arquitectura e Urbanismo; 21.00: Informação/2; 23.30: Directissimo — 2.ª parte; 23.30: Fecho.

ASTÓRIA FILMES

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE Frankenstein

"THE TRUE STORY"

Ele criou criaturas perfeitas - homem e mulher - Mas...qualquer coisa correu mal!

JAMES MASON · LEONARD WHITING
DAVID McCALLUM · JANE SEYMOUR
NICOLA PAGETTE e MICHAEL SARRAZIN (a criatura)
realização: JACK SMIGHT

A UNIVERSAL PICTURE TECHNICOLOR

AMANHÃ ESTREIA

MUNDIAL

COMPRA AGORA... ...E PAGUE ATÉ 12 MESES

TELEVISORES, FRIGORÍFICOS, ARCAS CONGELADORAS,
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FOGÕES,
MAPLES, MOBILIÁRIOS, ALCATIFAS, ETC.

RADIO PRIMAVERA

Rua Gomes Freire, 9-B
Lisboa - T. 549406 574442

Atenção moradores de Vila Franca, Sacavém, Odivelas, Amadora e Almada

PREÇOS NUNCA VISTOS

	ERA	É
Quarto casal moderno.....	18-800000	11 950000
Quarto casal moderno.....	21-800000	12 950000
Quarto criança moderno (desde).....	15-800000	8 500000
Jogos de mapas (desde).....	7-800000	4 500000
Quartos Século XVII — Mogno.....	28-800000	20 950000
Salas Século XVII — Mogno.....	38-800000	30 500000
Mesas de refeição tampo vidro.....	8-800000	4 950000
Cadeiras cromadas.....	2-800000	1 580000
Estante c/ cristaleira.....	18-800000	12 850000

MUITAS MAIS MOBILIÁRIOS E MAPLES

A.S. NUNES - INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO, LDA.

R. 25 de Abril, 9-A - Catujal - SACAVÉM
R. de S. José, Lote 1, r/c. - Tel. 2510029 - SACAVÉM
R. Conceição Sameiro Antunes, 13-B (Junto ao Pão de Açúcar) Cova da Piedade
R. Elias Garcia, 25 - Tel. 976597 - V. Nova - AMADORA
R. Palha Branco, 73 - Tel. 06322081 - V. Franca de Xira
R. Guilh. G. Fernandes, Lt. 13 - Tel. 917336 - ODIVELAS

HOJE ÀS 21.30

AMANHÃ DESCANSO

NÃO ACONS. A M/18 ANOS

ADOQUE

ERMELENDIA DUARTE

FARDOS E GUITARRADAS

Telef. 87 44 76

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Futebol: campeonatos nacionais

Futebol: campeonatos nacionais

DIVISÃO N.º 1

Um olhar sobre o planalto

Vinte golos, três empates, três vitórias tangenciais, êxitos rotundos dos maiores (Porto e Benfica) sobre dois dos menos pontuados competidores: aí está a jornada n.º 14, penúltima da 1.ª volta de um campeonato que (parece) já colocou os símbolos mais apetrechados na luta pelo podium que vale entrada na Europa.

Recordam-se os desfechos dos oito embates: Belenenses, 1 - Estoril, 1; Académico de Coimbra, 0 - Sporting, 0; Vitória de Setúbal, 0 - Barreirense, 0; Braga, 1 - Famalicão, 0; Varzim, 1 - Boavista, 0; Marítimo, 1 - Guimarães, 2; F.C. Porto, 6 - Académico de Viseu, 1 e Benfica, 5 - Beira-Mar, 1.

Homens dos golos: o portista Gomes (3 tentos), o companheiro Oliveira, os benfiquistas Reinaldo e Nenê, mais o vimarense Jeremias (cada qual com dois remates certos) ultrapassaram a mediania. Depois, com um tento nas malhas contrárias ficaram os brasileiros Duda (Porto), Niromar (Beira-Mar) e China (Marítimo), mais os portugueses João Cardoso (Braga), Cepeda (Belenenses), Jerónimo (Estoril Praia), Horácio (Varzim) e Joaquim Rocha (Académico de Viseu). Tal como fizera na semana anterior, perante o FC Porto, o aveirense Quaresma atirou uma bola para dentro das suas redes: aconteceu no jogo da Luz, beneficiando o Benfica.

Na lista de atiradores, o comando pertence a Nenê (10 tentos), encostadinho a Reinaldo (9), à frente de Gomes (8), do beiramarense Garcês (7), de Oliveira, Cepeda, Jeremias, do bracarense Chico Faria e do benfiquista Alves (6).

A jornada 14 não trouxe grandes surpresas. Como está a ser trivial, o Estoril logra bom resultado fora de portas: desta feita à custa de um Belenenses sem a dupla de centrais que é hábito (Luís Horta a ter de ser hoje operado a uma coxa, pelo dr. Camacho Vieira; Alinho suspenso pela Federação por um jogo). Em Coimbra, um Sporting que anda a balões de soro (sem Manuel

brasileira no desmentido mais formal ao trabalho em profundidade junto das jovens camadas de praticantes.

Se o técnico argentino Mário Imbelloni tivesse, na ronda anterior, espreitado o Sporting de Braga (face ao Estoril Praia) logo ficaria com a ideia de como os «livres» marcados por João Cardoso são (mesmo) para corbância de faltas: o ex-belenense não perdoa, com o seu pontapé em arco que, perante a surpresa do auditório, vai lá para o fundo da caixa. Esse golo bracarense chegou, no «1.º de Maio», para ultrapassar o Famalicão. Tal e qual como um «tiraço» de Horácio (irmão do esguio Chico Faria) bondou para vergar os axadrezados de Valentim Loureiro e Pinto de Sousa. Quanto ao espectáculo na Madeira, tal-

Neves de Sousa

pela mão de José da Gama) deu um sobressalto nas gentes da casa. Mas, veio o choque de cabeças entre Padrão e Quaresma e tudo ficou resolvido: Cabrita que já procedera (intempestivamente?) às duas substituições facultadas pela lei, ficou impossibilitado de mais qualquer mudança e obrigado a permanecer com dois homens que não acertavam um só lance. O guarda-redes, que estivera francamente nos golos de abertura, cedeu em outros dois momentos capitais, com falhas de todo o tamanho, a desvirtuarem o labor de homens como Sousa, Sabu e Niromar. Por último, e para aju-

Mortimore e Luís Horta: operações para hoje

vêz a questão tenha de colocar-se neste ponto: até onde é benéfico ao futebol da ilha a contratação de tantos brasileiros e, na mesma medida, quem sabe se por mais sábio recrutamento, em que medida os homens de além-Atlântico tornam (ciclicamente) perigosa e vitoriosa a formação de Guimarães? Ou, realmente, a estratégia de Mário Wilson é a culpada de um desaire para Fernando Vaz?

Quanto ao «show» das Antas, corrido sob chuva copiosa, uma só nota prevaleceu no cartaz: galopada portuense, visíveis por terra, com uma defesa como manteiga ante os gumes de Gomes, Oliveira e seus pares. Já na Luz, no duelo a que assistimos, foi notória a bela forma física do Benfica que, cedo encaminhando o jogo rentável para a dupla de atiradores, apenas teve um pequeno lapso de rendimento quando o magnífico Niromar (vindo para estas bandas

dar ao budo, foi Quaresma que empurrou para as malhas à sua defesa uma bola que não tinha qualquer perigo, facultando a vidinha de um Benfica que teve nas descidas de Bastos Lopes e na serenidade de Toni, mais na excelente capacidade de remate de Reinaldo e nas belas entregas de Sheu mais nos «raids» desse genial pequeno que é Chelana, as armas necessárias para Mortimore ficar mais certo do seu comando na grande luta. E ele bem precisava dessa tranquilidade, já que daí a horas partia para Londres onde, daqui a pouco, será operado à vista direita que, desde há umas semanas, tem revelado quebra de visão. Duas a três semanas de travagem no trabalho, entretanto entregue a Peres Bandeira que, face ao Académico (em Viseu) e no Barreiro (na esgrima com o Barreirense) dirigirá o Benfica.

Um relance pelo arquivo de números transporta à retina algumas curiosidades-verdades: os extremos (Benfica e Académico de Viseu) não cedem ainda qualquer empate, ao contrário do Estoril (seis) «leader» nesses desfechos. O maior número de vitórias é dos «carnados»: mas, o menor volume de derrotas é dos portistas. O grande ataque mora no Estádio da Luz: Viseu (milhares de contos gastos) fez meio tento por desafio.

«Scores» esclarecedores de acutância ofensiva e segurança defensiva: Benfica (23 golos à maior), Porto (16) e Braga (12). Muito mais atrás o surpreendente Sporting e o surpreendente Varzim (ambos com a positividade igual a cinco tentos). Guimarães equiparado o Belenenses (mais 3). Desilusões mais amplas:

Assim vai o Campeonato

	J	V	E	D	G	P
1. Benfica	14	11	0	3	31-08	22
2. F. C. Porto	14	8	5	1	26-10	21
3. Sp. Braga	14	9	1	4	24-11	19
4. Sporting	14	7	4	3	17-12	18
5. Varzim	14	6	5	3	17-12	17
6. Guimarães	14	6	3	5	19-16	15
7. Belenenses	14	5	5	4	23-20	15
8. Barreirense	14	5	3	6	12-14	13
9. V. Setúbal	14	5	3	6	13-17	13
10. Famalicão	14	4	4	6	9-13	12
11. Estoril	14	3	6	5	13-22	12
12. Boavista	14	4	3	7	14-18	11
13. Académico	14	3	5	6	9-14	11
14. Beira-Mar	14	4	1	9	22-31	9
15. Marítimo	14	2	4	8	11-22	8
16. Académico de Viseu	14	4	0	10	7-26	8



Na Luz: Reinaldo dispara o golo benfiquista

Viseu (menos 20), Marítimo (menos 11), Estoril (menos 9), Beira-Mar (menos 8), Académico de Coimbra (menos 5), Boavista, Famalicão e Setúbal (menos 4) e Barreirense (dois negativos). As piores defesas: Beira-Mar, Viseu, Estoril, Marítimo, Boavista e Vitória de Setúbal. Os piores ataques: Viseu, Académico de Coimbra, Famalicão, Marítimo, Barreirense, Estoril, Vitória de Setúbal e Boavista.

Sábado prossegue o cortejo: Barreirense - FC Porto, Académico de Viseu - Benfica, Beira-Mar - Braga, Sporting - Varzim, Famalicão - Belenenses, Estoril - Marítimo, Guimarães - Académico de Coimbra. O jogo Boavista - Vitória de Setúbal foi adiado para 31 do corrente. E, enquanto este final da 1.ª etapa do torneio não encerra para balanço, todas as cogitações são válidas. Por exemplo: uma reflexão sobre o potencial do Benfica e do Porto, que marcham (tal como no ano transacto) dispostos a um ombro-a-ombro pelo

título. Ou, mais abaixo, o debruçar sobre a proposta utebol apresentada pelo Braga (recheado de elementos da melhor água), pelo Sporting (em que a continuidade de lesões dá para pensar seriamente), pelo Varzim (que, com dúzia e meia de profissionais faz das fraquezas força).

Lá no fundo, a luta não se esclarece: os condenados de hoje podem saltar amanhã o fôssco. Tudo depende de como o novo ano quiser transportar sorte e fortuna nas suas asas.

FAMALICÃO EM LUTA

Continuam os problemas no Famalicão, com os jogadores a pretenderem que, urgentemente, os dirigentes solucionem os pagamentos que estão em atraso aos profissionais do clube. Esta noite deve reunir-se a gerência famalicense para tentar encontrar uma solução da eventual crise.

DIVISÃO N.º 2

União de Lamas bem distanciado

O mau tempo não deixou completar a página 14 do campeonato da 2.ª divisão: os jogos Lourosa - Gil Vicente (Norte) adiado para 27 de Fevereiro, Feirense - Águeda e Oliveira do Bairro - União de Lamas (Centro) ficaram adiados.

Nos jogos realizados na zona Norte, eis os desfechos: Penafiel - Paredes, 4-1; Tadim - Leixões, 0-0; Fafe - Salgueiros, 2-0; Riopele - Aves, 3-1; Paços Ferreira - Chaves, 2-1; Vianense - Aliados, 1-0; e Rio Ave - Espinho, 3-2. Zona Centro: Alba - Covilhã, 0-0; Caldas - U. Coimbra, 0-1; Torriense - Portalegreense, 2-1; U. Leiria - Marinhense, 3-1; Estrela - União Santarém, 3-0 e U. Tomar - Peniche, 2-1.

Zona Sul: Cuf - Montijo, 0-2; Amora - Elvas, 4-2; Odiveiras - Farense, 0-1; Sacavenense - Nacional, 0-0; C. Piedade - Atlético, 2-1; Portimonense - Almada, 7-0; Olhanense - Juventude, 0-2 e Sarilhense - Seixal, 1-1.

Notas que avultam, pelo Norte: a travagem do Sporting de Espinho e a confirmação do Penafiel, lado a lado com o bom resultado do «lanterna-vermelha» Tadim. No Centro, a centelha maior pertenceu ao União de Coimbra, vitorioso nas Caldas da Rainha. No Sul, o caso mais decepcionante diz respeito ao Desportivo da Cuf (de Joaquim Meirim) que está a resvalar muito perigosamente para uma posição que a sua história não fazia prever, tal e qual como se avoluma a crise do Atlético, cada dia mais cheio de problemas.

Enquanto isto, o Juventude (de Fernando Peres) e o Portimonense (de Mario Lino) irmanam, novamente na mesma frente de ataque, dois antigos companheiros dos mais altos voos.

Pontuação no Norte: Penafiel, 20, Espinho, Rio Ave e Riopele,

19; Leixões, 18; Salgueiros, Fafe e Paços de Ferreira, 16; Lourosa, 14, Gil Vicente e Paredes, 12; Vianense, 11; Chaves, 9; Aves

8; Aliados, 7; Tadim, 6. Com menos um jogo Lourosa e Gil Vicente.

No Centro as coisas vão assim: União de Lamas, 24; União de Leiria, 21; Feirense e Estrela, 16; União de Santarém e Covilhã, 14; Águeda, Peniche e União de Coimbra, 13; Oliveira do Bairro, Marinhense e União de Tomar, 12; Portalegreense, 11; Caldas e Alba, 10; Torriense, 9. Menos um jogo averbado a Lamas, Feirense, Águeda e Oliveira do Bairro.

Pelo Sul: Juventude e Portimonense, 22 pontos; Amora, 20; Montijo, 18; Nacional e Farense, 16; Cova da Piedade, 15; Olha-

JUNIORES Ninguém segura o Alverca

Etapa 16 do nacional de juniores a vincar (bem) a posição dos dominadores da prova. Como pode ver-se nos resultados, a principal pela zona A: F.C. Foz -D. Monção, 4-0; V. Guimarães -Mirandela, 2-1; F.C. Vizela -Rio Ave, 0-2; F.C. Porto - Sp. Braga, 2-1; e boavista - Leixões (adiadm). Zona B: Celoricense -Acad. Viseu, 2-0; Oliveirense -Mortágua, 5-0; Candal - Sp. Espinho, 2-3; L. Lourosa - «Os Mariavas». (Suspensão com 1-1, devido am mau tempo); L. Vilademoinhos - A. D. Guarda, 2-0; e U. Coimbra - Tondela, 1-0. Zona C: Coruchense - Académico, 0-0; U. Santarém - Bucelense, 3-0; D. Alcains - União de Leiria, 0-1; Alter do Chão - S. L. Marinha, 5-1; Alverca - Bombarralense, 2-0; Campomaiorense -Alferrarede, 2-1 (suspensão por inferioridade numérica da equipa visitante). Zona D: Benfica - Estoril Praia (adiado para 9 de Janeiro); Belenenses - Lusitano de Évora, 3-0; Zona Azul - Portimonense, 1-0; Farense - Cova da Piedade, 1-1; Cuf - Vit. Setúbal, 1-0 e Sporting - Feirense, 7-0.

Dianteira na zona A: F.C. Porto (28 pontos e menos um jogo), Braga e Guimarães (22); zona B: Espinho, 28; Lourosa, 22 (menos um jogo) e União de Coimbra (22); zona C: Alverca, 31; Académico, 28 e a dupla Coruchense - União de Leiria 20; zona D: Sporting (25) e Benfica (24), ambos com menos um encontro e Belenenses (21 pontos).

Próxima ronda no Norte: Pa-

redes - Lourosa, Gil Vicente-Tadim, Leixões Fafe; Salgueiros - Riopele; Aves - Paços Ferreira, Chaves - Vianense, Aliados - Rio Ave e Espinho - Penafiel. Zona Centro: Covilhã - Feirense, Águeda - Caldas, U. Coimbra -Torriense, Portalegreense - U. Leiria Marinhense - Estrela, U. Santarém - União Tomar, Peniche - O. do Bairro e U. Lamas -Alba. Zona Sul: Montijo - Amora, Elvas - Odiveiras, Farense - Sacavenense, Nacional - C. da Piedade, Atlético - Portimonense, Almada - Olhanense, Juventude - Sarilhense e Seixal -Cuf.

DIVISÃO N.º 3

Benfica e Castelo Branco mais Desportivo de Beja: marcha ainda invicta

Quanto à 3.ª divisão, eis os «placards» na série A: Mirandela - Bragança 3-0; Monção - Forjães 5-0; Merelinense - Limianos 0-1; Vila Real - Joane (interrompido com 0-0, pelo mau tempo); Ribeirão - Cabeceirense 1-1; Mondinense - Prado 0-0; Mogadourense - Tirsense 3-0 e Vizela - Abrantes (adiado).

Série B:

Amarante - Infesta 6-0; Bustelo - Avintes (adiado); P. Brandão - Valonguense 2-2; Oliveirense - Freamunde (adiado para amanhã, às 15 horas); Régua -Lamego 1-1; Valecambrense

-Leça 0-0; Avanca - Sanjoanense 0-1; e Leverense - Vilanovense 1-0.

Série C:

Vildemoinhos - Alcains 2-0; Naval - Anadia 1-0; Ançã - Moleiros 4-0; Tocha - Vilanovenses 1-0; Guarda - Acurede (adiado); Gouveia - Quaios 2-0 e Tondela - Febrés 1-0.

Série D:

Nazarenos - Alcobaça 3-2; D. Castelo Branco - Mirense 3-1; Bombarralense - Matrena 1-1; Cartaxo - T. Novas 0-0; Nisa e Benfica - Marrazes 0-2; Alcan-

Continua na pag 17



Em Coimbra: Nicolau escamoteia a bola a Inácio

Fernandes, Manoel, Jordão, Fraguito, já para não falar em Barão) entrou no terreno com o Credo na boca: conseguiu um ponto perante os jovens de Juca e a mais não é obrigado, nesta actualidade, o «team» que vive sobre brasas um clima emocional que perturba as gentes de Alvalade até à medula. Quanto ao duelo no distrito setubalense, saldou-se com honra para ambas as partes: a corda bamba ainda não é (instável) poiso para Carlos Cardoso ou Manuel de Oliveira, o discreto responsável da turma de Tavares da Silva, Fernando Pedrosa e Silvério Jones, ou o palavroso treinador da formação que, desmentindo a tradicional e fecunda «cantera» local, está também a enveredar pelo caminho da recrutação

Cândido de Oliveira: recordar um grande

Cândido de Oliveira, uma das maiores figuras de sempre no jornalismo e no desporto português, foi evocado em Coimbra, cidade a que ofertou muito do seu talento e da sua amizade. Vinte anos passados sob a sua morte, permanece na saudade e no melhor da recordação esse vulto excepcional que marcou uma época, como homem bom, grande patriota e excelente jornalista.

LEMBRAR UM DESAPARECIDO

Salvador do Carmo, homem que percorreu grande ciclo da vida futebolística portuguesa (jogador, árbitro, dirigente, seleccionador nacional) faleceu agora, à beira dos 90 anos. Os campeonatos tiveram, sábado passado, um minuto de silêncio pela sua alma.

LUSITANO PROTESTA

Em comunicado público, o Lusitano de Évora lavra o seu protesto em referência ao jogo que disputou com o Sesimbra, no qual (afirma) «a equipa eborense saiu derrotada por um golo obtido irregularmente». Depois de criticar duramente a acção do árbitro Carlos Alberto Esteves, o Lusitano apela para a Federação.

NACIONAIS DE FUTEBOL

Continuação da pág. 16

nense - Aviense 1-0; Elétrico - Rio Maior 0-1 e Campomaiorense - B. C. Branco 0-1.

Série E:

Alverca - Lusitânia (adiado para 16 de Janeiro); E. Amadora - L. Olivais 3-0; Pêro Pinheiro - U. Funchal 2-1; Bucelenses - Estrela 2-0; Alcochetense - O. Moscardave 2-0; V. Lisboa - Loures 2-1; Sintrense - Casa Pia 0-0 e Oriental - Unidos 1-0.

Série F:

Luso - C. Indústria 1-4; Paio Pires - S. Cacém 2-3; L. Évora - E. Lagos 3-0; Serpa - Sesimbra 1-1; Odemirense - Silves 1-2; U. Montemor - L. Vila Real 2-0; Quarteirense - Aljustrelense 0-1

NACIONAIS DE ANDEBOL

F. C. Porto e Sporting dominam a situação

A ronda 13 do Campeonato Nacional de andebol registou, na zona norte, estes desfechos:

Vilanovaense-S. Bernardo, 19-26; Francisco Holanda-Académico, 15-19; Beira Mar-Gaia, 16-8; Póvoa-Padroeiro, 19-18 e Maia-Espinho, 16-15. ZONA SUL - Benfica-Oriental, 28-19; A. Sesmarias-Castelo Branco, 18-24; Caramão-V. Setúbal, 22-20; Sporting-Passos Manuel, 32-16, e Belenenses-Almada, 25-16.

O encontro CDUL-Paço de Arcos efectuado em antecipação teve o resultado de 21-19.

As classificações ficaram como se segue: ZONA NORTE - 1.º F. C. Porto, 12 jogos e 36 pontos; 2.º Maia, 13-32; 3.º Espinho, 13-30; 4.º Póvoa, 13-29; 5.º Padroeiro, 13-28; 6.º S. Bernardo, 13-27; 7.º S. Mamede, 12-25; 8.º Académico, 13-24; 9.º Vilanovaense, 13-23; 10.º Beira Mar, 13-22; 11.º S. Gaia e Francisco Holanda, 13-16. S. Mamede e Porto têm menos um jogo. ZONA SUL - 1.º Sporting,

ÁRBITROS INTEGRADOS

Definido: os árbitros de futebol vão ser esta semana integrados no esquema directivo federativo. A decisão, tomada em face do parecer da FIFA, é rubricada pelo coronel Rodolfo Begonha, secretário de Estado dos Desportos.

ESTRELA EM BOLANDAS

O Estrela de Portalegre está numa posição bastante difícil: a contas com acções judiciais (por falta de pagamentos) movidas pelo ex-treinador Rubem Garcia e pelos jogadores Prieto (já no Paredes), Serafim (Gil Vicente), Leonel (Beira-Mar), Dario (Juventude) e Valter (Penafiel).

BELENENSES: QUOTAS SOBEM?

Propósito da direcção belenense para encaminhar até à assembleia geral da colectividade que terá lugar em meados de Janeiro: aumentar a quota do sócio efectivo, de 75 para 100 escudos mensais. As receitas do futebol não chegam para as despesas.

e V. Gama - Beja 0-1.

Comandantes nas várias séries: Mirandela e Bragança (21 pontos) e Desportivo do Prado (18), na A; Amarante (23 e menos um jogo), Leça (19) e Oliveirense (19 e menos um jogo), na B; Rio Maior (22), Benfica de Castelo Branco e Alcabça (21), na C; Naval (21), Mangualde (18 e menos dois jogos), Vildemoinhos (17), Viseu e Benfica (17 e menos um jogo) e Ançã (17), na D; Oriental e Vitória de Lisboa (18), Sport Lisboa Olivais e Loures (17), na E; Desportivo de Beja (24), Lusitano de Évora (21), Silves e Sesimbra (20), na F. Grupos ainda invictos: Benfica e Castelo Branco e Desportivo de Beja.

13 jogos e 37 pontos; 2.º Belenenses, 13-35; 3.º Benfica, 13-34; 4.º Almada, 13-29; 5.º S. Passos Manuel e Camaráo, 13-27; 7.º V. Setúbal, 13-26; 8.º Oriental, 13-23; 9.º Paço de Arcos, 13-21; 10.º Castelo Branco, 13-20; 11.º CDUL, 13-18; 12.º A. Sesmarias, 13-15.

MODALIDADES EM DESFILE

HÓQUEI PATINADO

Prossegue esta noite (21 e 15) o Torneio de Abertura em hóquei patinado, com os jogos Benfica-Belenenses e Salesiana-Cascais (no Estoril); Oeiras-Campo de Ourique e Sporting-Sesimbra (em Alvalade).

Ainda uma informação: segundo declaração do árbitro Vítor Belguinha (desmentindo versão vinda a público) o jogador oirense Carvalho não o agrediu no decorrer do jogo da Associação Desportiva de Oeiras com a Salesiana. O «internacional» da ADO foi expulso porque entrou duro a um atleta adversário.

ATLETISMO

Vitória de António Leitão (Sporting de Espinho) no Grande Prémio de Natal, de Espinho, em atletismo, com triunfo colectivo do F. C. do Porto. Na competição



Aniceto Simões (Sporting), José Abreu (Benfica) e João Campos (Sporting): os melhores seniores a um passo da meta

Grande prémio do Natal: Sporting sem oposição



A «leoa» Elsa Lança: uma junior bateu todas as seniores

CICLORAMA

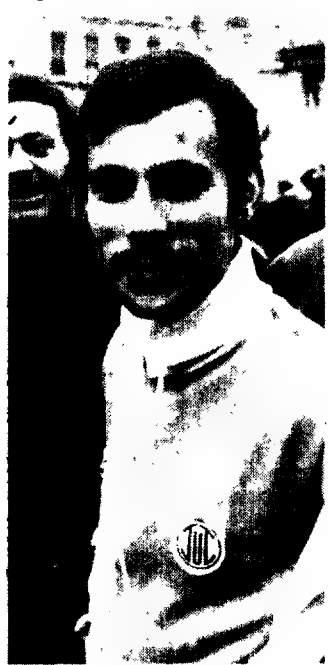
Carlos Lopes:

VIU

Carlos Lopes estava nos Restauradores, cativando «clientes» para a «Liga dos Amigos do Atletismo do Sporting»:

— Na 3.ª feira (hoje) volto aos treinos, em Alvalade. Conto reaparecer a 7 de Janeiro, no «Corta-Mato de Abertura» e depois fazer o «Cross das Amendoeiras». Não para vencer: só para rolar. A 4 de Fevereiro devo estar na Bélgica, com a equipa do Sporting (Mamede, Cabral, Aniceto, Jesus e Campos).

Praticamente, o Sporting correu sem oposição visível o Grande Prémio do Natal, em atletismo, cumprido na manhã de domingo, debaixo de uma carga de água que «batizou» os pedestrianistas que, entre a Segunda Circular e os Restauradores (em percursos encurtados consoante os escalões) foram fazendo o melhor que era possível. Vencedores nas principais categorias: Aniceto Simões (seniores masculinos), Teresa Lopes (seniores femininos), João Campos (juniores masculinos), Elsa Lança (juniores femininos) e o Sporting, clube que defendem, em todos estes escalões. Em populares o triunfo pertenceu a Carlos Fernando (Santo Eloy) e à representação do Bairro da Petrógal. Em veteranos, a organização indicou Eduardo Maia (Clube de Veteranos de Lisboa) como o mais distinguido.



O vencedor entre populares: Carlos Fernando (Santo Eloy)

CINCO VERBOS, MESMO TEMPO

QUADRO DE RUA

Teresa Lopes: correu

Teresa, mulher de Carlos Lopes, foi 4.ª classificada no bloco feminino, perdendo para duas juniores (Elsa Lança e Rosa Ratinho) e uma juvenil (Ana Cristina Coelho). Todavia, foi a 1.ª seniores.

— O percurso era um bocadinho rápido, mas não o achei escorregadio. Foi a 1.ª vez que me meti numa prova deste estilo: fiquei cliente.

BASTIDORES

Rita Borralho: faltou

Rita Borralho, a melhor atleta de fundo da área lisboeta, não correu mas apareceu à chegada das colegas:

— Sou alentejana, da Aldeia Nova, e contava ir passar o Natal com a família. Não aconte-

ceu assim, fiquei em Lisboa e podia vir à corrida, mas como não estava preparada preferi ver de fora, pois não gosto de coisas feitas à pressa e mal. Parece-me que o percurso estava traçoado e que cansava muito nas descidas.



Rita Borralho, Teresa Lopes e os seus pontos de vista

RABULA

Carlos Cabral: sofreu

Carlos Cabral parecia Zatopek: acabou com um tal ritmo de dor na face que toda a gente ficou imaginando que ele ia cair para o chão:

— Estou com uma dor tremenda, aqui, no peito, do lado direito. Esta dor, que me dá sempre que corro mais de cinco quilómetros, já me tem tirado boas classificações. Raro é a prova grande em que não aparece: fiz análises na 3.ª feira passada, esta semana vou saber os resultados. Se calhar, esta temporada vou optar exclusivamente por corridas em pista coberta.



APOTEOSE

Aniceto Simões: ganhou

Aniceto Simões terminou com a maior tranquilidade — Foi uma corrida muito rápida: e eu gosto delas assim. O tempo é que não ajudou para uma boa marca: havia muito vento e eu tive uma quebra na Avenida da República. Descontri na descida e, embora sempre contra a ventania e a chuva, fiz o que era possível. Creio que estou em forma.

TV

unita

INFORMA

V. SETUBAL - BARREIRENSE	X
SP. BRAGA - FAMILICÃO	1
BELENENSES - ESTORIL	X
MARITIMO - V. GUIMARAES	2
ACADEMICO - SPORTING	X
VARZIM - BOAVISTA	1
FAFE - SALGUEROS	1
RIO AVE - ESPINHO	1
TORRIENSE - PORTALEGRENSE	1
U. TOMAR - PENICHE	1
OLIV. BAIRRO - U. LAMAS	X
CUF - MONTLJO	2
OLHANENSE - JUVENTUDE	2

PASSAPORTES

Aviso Importante

Os passaportes tirados há cerca de 5 anos ou mais deverão ser renovados para obtenção de novos

agencia abreu
LISBOA Av. L. Jordão, 160 - Tel. 371341

ROTEIRO CULTURAL

E pronto: acabaram as festas! Com ou sem indisposições gástricas, mais ou menos mal dispostos, fartos ou não de ouvir os gritos das crianças da família em êxtase perante os presentes e, sobretudo, com as carteiras vazias, os nossos leitores, já recompostos do Natal, devem estar prontos para voltar temporariamente à sua vida normal. Dizemos «temporariamente» porque daqui a uns dias chega a passagem do ano e, com ele, os saltos e pulos que a tradição impõe a todo o cidadão que se preza. Bem disposto ou mal disposto, farto ou não da vida, ensonado ou acordado, todo o cidadão tem obrigação de fingir que se está a divertir durante aquilo a que se chama a passagem do ano e tem, quer queira quer não, de pular, saltar, grunhir, lançar fitinhas de papel e gastar, em benefício de um qualquer comerciante espertalhão, o que a família não lhe levou no Natal.

Entretanto, porém, a folga entre o Natal e isso a que se chama o Ano Novo pode ser aproveitada sem quebra da alegria tradicional da época — antes pelo contrário: dando-lhe sentido.

Para começar, recomendamos-lhe uma ida ao Nacional, onde «As Alegres

Comadres de Windsor» prosseguem uma carreira iniciada há séculos na pátria de Shakespeare. Trata-se de uma peça que é da tradição pôr em cena nesta altura do ano e que faz parte do património cultural da humanidade. Se o leitor tem filhos e eles nunca viram uma peça de Shakespeare, porque não aproveita a ocasião para os levar, agora, ao Nacional? Julgamos que esta peça é a ideal para introduzir nas crianças o amor à obra de Shakespeare — um amor que as acompanhará toda a vida e que lhes dará um prazer infinito. Pensando bem, levá-las a esta comédia de Shakespeare pode ser um presente de Natal verdadeiramente maravilhoso...

Outra peça que vale a pena ver é «Homem morto homem posto» de Brecht recentemente em cena no Teatro da Comuna. Ainda não tivemos ocasião para ir à Praça de Espanha ver esta peça, mas conhecendo o cuidado e o trabalho que a gente da Comuna põe em tudo o que faz, não hesitamos em recomendar-lhe este espectáculo que sabemos estar na continuidade de tradição do grupo.

Se quer rir a bom rir e esquecer, durante duas horas, o vazio que o Natal lhe deixou na carteira, tem uma ótima ocasião de o fazer ao Teatro Aberto ver «A Crónica atribulada do esperançoso Fagundes». (Afectuosamente conhecida por «O Fagundes»). Rui Mendes, Morais e Castro, Henriqueta

Maia, Paulo de Carvalho, Manuel Cavaco, Helena Isabel e Carlos Gonçalves, para apenas mencionarmos alguns dos actores da companhia, não se poupam a esforços para que os espectadores se divirtam. Creia que é um bom conselho.

O êxito da exposição de serigrafias de Vieira da Silva na Galeria S. Mamede, levamos a crer que os nossos leitores interessados em adquirir uma «peça» dessa artista não conseguirão os seus objectivos. O facto, porém, de não conseguirem encher as paredes da sala não quer dizer que não vão até lá encher os olhos. Vale, efectivamente, a pena ir a esta exposição. Afirmava-nos há dias um amigo: «Entre ter dez contos que não valem nada em casa ou ter uma serigrafia da Vieira da Silva, que vale cada vez mais, que nos enche o dia de prazer, só um parvo é que hesitaria...» Ao que parece, há muita gente que pensa desta forma, porque tem havido «engarrafamentos de trânsito» na S. Mamede...

A título de curiosidade, uma notícia do Brasil: os pintores cujas obras obtiveram valores mais altos nos leilões de arte efectuados no Brasil em 1978 foram Marysia (150 000 cruzeiros), Bonadei (150 000 cruzeiros), Pancetti (195 000 cruzeiros), Volpi (210 000 cruzeiros), Raimundo (230 000 cruzeiros) e Di (500 000 cruzeiros).

Dado que alguns dos nossos leitores ainda estarão, hoje, a recompor-se das aventuras gastronómicas da quadra, aqui vão algumas notícias sobre acontecimentos previstos para amanhã (a

antecedência dar-lhes-á tempo para tomarem bicarbonato e para dormirem umas horas...). Alexandre Babo falará amanhã no núcleo de Almada da Associação Portugal-RDA. A conferência terá

lugar às 21 e 30 e o tema é a RDA.

«A Juventude Polaca» é o tema de uma exposição fotográfica patente ao público, a partir de amanhã, na «21, Galeria de Arte» de Faro. Trata-se de uma iniciativa da Embaixada da Polónia que tem o apoio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

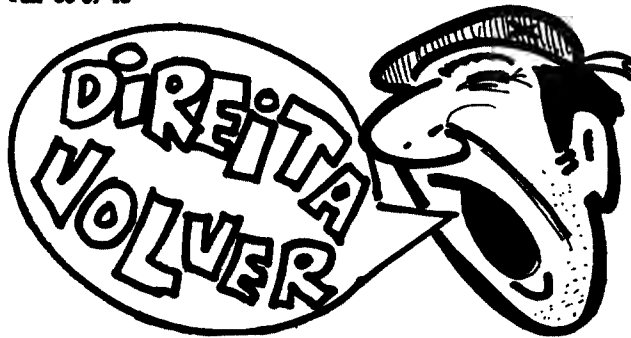
Está prevista para amanhã a estreia de «Ninguém — Frei Luís de Sousa» no Teatro da Trindade. No «hall» desse teatro estará patente ao público uma exposição de fotografias tiradas pelo grupo «HX» (Fernando Gonçalves, Doreis Ribeiro, Alberto Picco, José Reis e Jorge Luís). A título de curiosidade, informamos que esse grupo acompanhou os ensaios desde o dia 15 de Outubro e tirou mais de 3000 fotos da peça (75 rolos de 36 poses) das quais foram seleccionadas as 60 que fazem parte da exposição. Outra exposição que estará patente ao público a partir da mesma data é uma exposição iconográfica e bibliográfica de Garrett com livros cedidos pelo D. Maria II e fotografias de gravuras cedidas pela Biblioteca Nacional.

Abriam as matrículas para os Cursos de Língua Italiana no Instituto Italiano de Cultura. Os interessados deverão dirigir-se à secretaria desse instituto às segundas, quartas e sextas-feiras, respectivamente das 17 e 30 às 18 e 30, das 18 às 19 horas e das 19 às 20 horas.



«Casamento Caipira» um quadro de Marysia, recentemente vendido em S. Paulo por 150.000 cruzeiros

TEATRO ABC BOM É VER A REVISTA



tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado, o vento era moderado a forte do quadrante sul e chovia em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	8°
PORTO	15°
P. DOURADAS	7°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	16°
ÉVORA	13°
SINES	16°
BEJA	14°
SAGRES	17°
FARO	17°
PONTA DELGADA	9°
FUNCHAL	19°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.14 3,5 m	18.05 1,3 m
Dia 27	
0.44 3,7 m	6.33 1,2 m
13.09 3,7 m	18.55 1,1 m
Dia 28	
1.35 3,9 m	7.22 1,0 m
14.00 3,9 m	19.42 0,9 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado ou encoberto; vento moderado por vezes forte do quadrante sul; períodos de chuva e possibilidades de ocorrência de trovoadas.



rádio

1.º Programa

17.00: Música variada; 18.10: Hoje respondemos por música, por António Vitorino de Almeida — orquestras; 19.00: Poemas e poemas — música portuguesa; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Conjuntos; 21.00: 7.º episódio do folhetim «A Vida de S. Paulo», original de Judite Navarro; 21.20: Contraponto; 24.00: Último jornal; 00.20: Jazz; 00.30: Vozes na noite.

2.º Programa

17.30: Música sinfónica; 19.00: Música portuguesa; 20.00: Música de câmara; 20.40: Ciclo Haydn; 21.50: Música de Dvorak; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho.

3.º Programa Nacional e Regional (294m)

18.00: Vertical; 18.20: Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilides; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Vertical-tránsito; 20.15: Vertical-filatélico, por Carlos Oliveira; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Suplemento — quando o telefone toca; 23.05: Novas de alegria; 00.05: Suplemento desportivo, por Jorge Schnitzer; 00.15: Dia a dia com o passado; 01.05: Tempo internacional; 02.00: Fecho.

3.º Programa Local (187,5m)

18.00: Convite; 18.00: Compasso; 18.15: Sal e pimenta (repetição); 18.45: O que não leu.

4.º Programa Emissão total em estereofonia

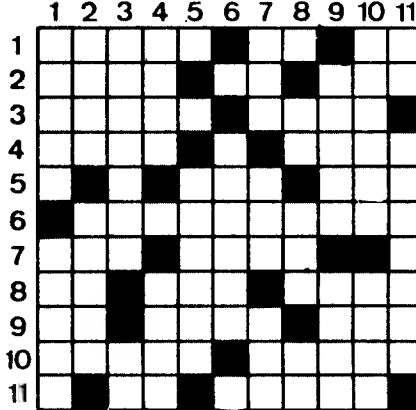
17.00: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 20.00: Fórum, realização de Jorge Lopes; 22.00: Auditório; 00.00: Prisma, realização de Fernando Quinas — o homem no tempo, programa de antropologia, produção de João Sousa Monteiro e João David Nunes; 02.00: Fecho.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12 222

HORIZONTAIS

- Unir por casamento. Alternativa. Frâncio (s.q.).
- Pemadas de sobreiro. Viração. O vencimento diário de um soldado.
- Sacerdotes budistas. Arrel!
- Ezimes. Tempo do verbo ser.
- Ecoa. Anel.
- Inveteraram.
- Esmague. Cantiga.
- Érbio (s.q.). Cincho. Gostam muito de.
- Porco. Descrédito. Patrão.
- Pronome demonstrativo. Borrifas.
- Érbio (s.q.). Extrair.



VERTICAIS

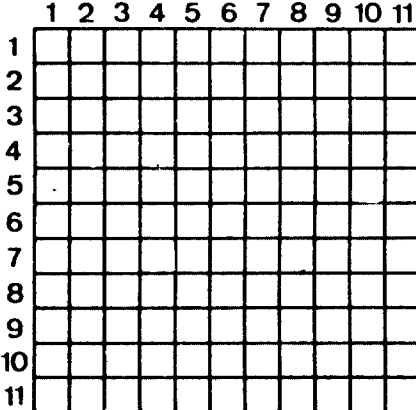
- Guardar segredo. Introduzir.
- Lavraram. Gorgulhos tropicais.
- Espalhara (fig). Pronome pessoal.
- Pegas. Lavrar.
- Messes.
- Artigo definido. Sarracenos.
- Agora. Romeiro de Meca. Arara.
- Post scriptum. Três vogais iguais. Era cristã.
- Aproar. Feiticeira.
- Mulher que professa em ordem religiosa. Gostar muito de.
- Nota musical. Reunimos.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8 282

HORIZONTAIS

- Cunho. Rebento.
- Autores. Aguçarias.
- Patrão. Nesse lugar.
- Faz doação de. Artigo definido.
- O mesmo que quisto. Fluido aeriforme.
- Espiolhei. Da Alemanha.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Gemer.
- Ilha do Pequeno Belt. Nome africano da noz da cola.
- Modo. Invulgares.
- Arrendaras. Sua Majestade.
- Romance de Eça de Queirós. Chama.



VERTICAIS

- Animal doméstico. Trezentos em romano. Figura que simboliza o povo americano.
- Tempo do verbo haver. Clari-dade. Grude.
- Prova. Multo.
- Deus dos pastores. Inflama. Gálio (s.q.).
- Canseira. Deras oiro a.
- Magnete natural. Rezar.
- Cidade do Sudão Francês. Gálio (s.q.). Verbal.
- Brisa. Peta. Sufixo que designa abundância.
- Filha de Labão. As glândulas mamárias da mulher.
- Cidade da Holanda. Personagem da literatura fantástica inglesa. Apellido.
- Osmio (sq). Tangeriam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 221

HORIZONTAIS:

- O. LEAO. NÃO.
- Sair. Saldos.
- Páras. Nó.
- Sara. Amarrar.
- Erada. Ura.
- Anal. Roe.
- Val. Acha. Ir.
- Ira. Soe. Cr.
- Nicras. Sra. As.
- Garras. Sari.
- Ameara. Am.

VERTICAIS:

- Os. SE. VINGA.
- Apartariam.
- Lira. Lacre.
- Errada. Ora.
- Anás. Ar.
- Ossa. Accossa.
- A. MULHER.
- Ninar. Asi.
- Adorar.
- Oó. Olrara.
- Surar. SIM.

Provérbo: O LEÃO NÃO SE VINGA; A MULHER SIM.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8 281

HORIZONTAIS:

- Patás. Barra.
- Amas. Fiel.
- Passa. Carão.
- Ar. Alga.
- Ranço. Trapo.
- Ruar. Ao. AC.
- Crés.
- Masca. Árias.
- Ar. Amasso.
- Golear. Ms.
- Oras. Camões.

VERTICAIS:

- Papar. Amago.
- Amarar. Or.
- Tas. Nu. Sala.
- Assaca. Crés.
- Alor.
- Arc.
- Cataram.
- Alá. Roera.
- Riria. Sismo.
- Rea. Ca. Asse.
- Aló. Ocaso.

Cinemas

Lisboa

TURNO 52

Até às 22 horas

ARNALI — Rua Escolas Gerais, 88-A. Tel. 863940. **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tels. 311216-310172. **AVENIDA** — (das) — Av. Republica, 27-A. Tel. 533688. **CELTA** — R. Moura Girão, 3-B. Tel. 890621. **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480. **COMBO** — (do) — Calçada do Combro, 78. Tel. 326059. **DMAR** — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533. **G. SILVA** — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873. **GUERRA** — Rua Andrade, 32.36. Tel. 845513. **J. RIBEIRO** — JOÃO XXI — Av. João XXI, 16-A. Tel. 726462. **MARLUZ** — C.º da Picheleira, 140-B-C. Telefones 720703-728395. **MENDES GOMES** — C.º Ajuda, 222. Tel. 46858. **NACIONAL** — Rua Actor Vale, 53. Tel. 842152. **NOGUEIRA** — Rua de Alcântara, 5-A-B. Tel. 637563. **OLIVEIRA** — Rua de Campolide, 54-A. Tel. 684424. **OLIVEIRA VIEGAS** — Rua Vintado, 29-A. Telefone 548966. **ORIENTAL DE LISBOA** — Rua Alves Torgo, 28. Tel. 45079. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. **RAINHA SANTA** — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B. Tel. 765262. **S.A. E SILVA, F. os.** — Rua S. João da Mata, 72-74. Tel. 661010. **SALTER** — Rua de Xabregas, 63-65. Tel. 381185. **SALEX** — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 897505. **UMA** — Est. de Benfica, 592-594. Telefone 700092. **VALADAS, SUCR.** — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060.

Permanente

AVENIDAS — Aven. da Republica, 27-A. Tel. 533688. **ASCENSO** — Pr. Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tels. 311216-310172. **DMAR** — Rua Conde Monsaraz, 17-B. Tel. 842533. **G. SILVA** — Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C. Tel. 771873. **NOBEL** — Rua Actor Vale, 53. Tel. 842152. **PORFÍRIO** — Rua Francisco Metrass, 59-B. Tel. 663349. **SALEX** — Av. da Igreja, 31-C. Tel. 381185. **VALADAS, SUCR.** — Rua da Madalena, 235. Tel. 872060. **CENTRAL DO LUMIAR** — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480. **MENDES GOMES** — Calç. da Ajuda, 222. Tel. 638256.

NOTA — As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço.

Outra Banda

ALAMDA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271); **COVA DA PIEDADE: Louro**, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517); **LARANJEIRO: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2490911); **COSTA DA CAPARICA: Higienica**, Av. da Republica, 23 (T. 2400020); **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Soares**, Av. da Republica, 1 (T. 2073023); **SEIXAL: Soremenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Higienica**, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370); **MOITA: União Moltenense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS: Guemão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALGÉS: Branco, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081). **ALCABIDE: Carvalho**, Até às 21 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, Até às 21 horas; **CAXIAS: Nova R. Bernardim Ribeiro**, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Até às 21 horas; **CARCAVELOS: Central**, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Vilar**, Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PARADE: Grincho**, Av. da Republica, 87 (T. 2471204). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas; **AMOREIRA: Amoreira** (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes R. Hangar**, 3 (T. 260008). Até às 21 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, B. Caixas (T. 282407). Até às 21 horas; **Misericórdia R. Regimento**, 19, 41 (T. 280141). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); **QUELUZ: Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123); **CAMARATE: Nova**, R. Cidade de Lisboa, 6 (T. 251869); **CACÉM: Guerra Rico**, entre lotes 6 e 7, Freixo Capito (T. 2944002); **MEM MARTINS: Miranda Garcia**, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103). Permanente; **AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra**, P. N. Torre, 310. Até às 20.30; **MERCÊS: Ciro Russo**, Até às 21 horas; **RIJO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **S. PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 299088).

Porto

(De dia e so ate às 22 horas)

BATALHA — Pr. da Batalha, 26. Tel. 9524. **CAMPO** — Pr. da Republica, 18. Tel. 25116. **COSTA CABRAL** — Rua de Costa Cabral, 1832. Tel. 480780. **FONTE DA MOIRA** — Rua de Tanger, 1463. Tel. 681444. **INVICTA** — Rua do Bonfim, 3330. Tel. 51212. **MIRA PAULO** — Rua Castelo de Numao, 37. Tel. 64658. **SA** — Rua Vale Formoso, 181. Tel. 480427. **SARABANDO** — Largo dos Loios, 36. Tel. 21701.

(De dia e toda a noite)

BARROS — Rua do Bonjardim, 1292. Tel. 487032. **FATIMA** — R. Oliveira Monteiro, 475. Tel. 65406. **GARANTIA** — Rua Fernandes Tomas, 696. Tel. 24645. **DINIS** — Rua Matias de Albuquerque, 247.

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)
RODRIGUES DA SILVA — R. Ferreira Borges, 32. Tel. 24348.

abcCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h
Não acons. men. 18 anos
HOLOCAUSTO 2000
SALA B — (M. 13 anos)
As 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 horas
A VINGANÇA DA PANTERA

ALVALADE

897480

Av. de Roma
15.15, 18.15 e 21.30 horas
Não ac. men. 13 anos
Eles estão de volta
TRINITY COWBOY INSOLENTE
Com: Terence Hill e Bud Spencer
2.ª semana

APOLO

763319

Av. Julio Dinis, 11-A
Atenção: 5 sessões diárias
13.30, 16.15, 19, 21.30 e 24
Peter Ustinov, Jane Birkin e
Mia Farrow em:
MORTE NO NILO
Int. men. 13 anos
Um filme de John Guillemin
Technicolor

AVIS

547163

Av. Duque D. Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
KINARA
A história de um amor nascido do ódio
e transformado em paixão!
Com: Jeetendra e Hema Malini
2.ª semana

BERNA

776098

Av. Marques de Tomar
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos — Colorido
John Travolta, Karen Lynn Gorney em
SATURDAY NIGHT FEVER
Febre de sábado à noite
Música original escrita e interpretada
por Bee Gees
11.ª semana

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Int. men. 13 anos — Colorido
John Travolta, Karen Lynn Gorney em
SATURDAY NIGHT FEVER
Febre de sábado à noite
11.ª semana

CASTIL

580194

Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Jean Lafabre, Sophie Desmarest e
Michael Galabru, em
A MÚSICA É OUTRA, MAESTRO!
O filme de Claude Vital

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
Int. men. 18 anos
«Premiado com a Palma D'Ouro no
Festival de Copenhaga em 1977»
Pornográfico
PAZES SUPREMOS
As 24 horas — Não ac. men. 13 anos
ASSASSINOS DE ELITE

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15
As 14.15, 16.30 e 21.30 horas
A ponte mais longa!
Xangai em chamas na maior epopeia
do extremo Oriente
Kuu Chauan, Hsiung e Tony Dyer
2.ª semana
Int. men. 13 anos
As 18.45 horas
O REBELDE

CITY CINE

549999

Rua Tomas Ribeiro, 34
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Para todos
SOU TIMIDO,
MAS ANDO A TRATAR-ME
Pierre Richard, Aldo Maccione
As 23.45 h
LUDWIG — REQUIEM PARA UM REI
VIRGEM

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.45 horas
Para todos
É uma loucura de rir sem parar!
O INCORRIGIVEL TEIMOSO
Com: Louis de Funès e Annie Girardot

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntarios
Lote 113 — Alges
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
A DAMA E O VAGABUNDO
Para Todos

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial — Damaia
As 21.15 horas — M. 6 anos
O HOMEM ARANHA

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h.
Não acons. men. 18 anos
Com: Roy Scheider, Lorraine Gary e
Murray Hamilton em:
TUBARÃO 2
Um filme de Jeannot Szwarc

ESTÚDIO

555134/5

Av. Afonso Henriques, 35
As 14.30, 16.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Filme de qualidade
de Luigi Comencini
DELITO DE AMOR
Com Giuliano Gemma-Stefania
Sandrelli
numa história de amor do nosso tempo

ESTÚDIO 44

779095

Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30 e 21.30 h.
Int. men. 13 anos
MORTE NO NILO
Com: Peter Ustinov, Jane Birkin,
Mia Farrow e David Niven
O filme começa 5 minutos após o início
do espectáculo

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
Hoje em 2 sessões: às 21.15 e 24 horas
Não acons. men. 18 anos
OS GANSOS SELVAGENS
N.B. — A projecção do filme cinco mi-
nutos após o início das sessões
REVEILLON
Não se deixe atrasar
Peça na bilheteira o programa elucidati-
vo e compre já o seu bilhete

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30 h.
2.ª semana
É uma loucura de rir sem parar!
Louis de Funès e Annie Girardot em:
O INCORRIGIVEL TEIMOSO
O grande divertimento das festas
Para todos

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7 A
As 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h
A GRANDE DECISÃO
de Herbert Ross
com Anne Bancroft e Shirley MacLaine
Não acons. a men. 13 anos
5.ª semana

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
A mais explosiva aventura!
OS COMANDOS DE NAVARONE
Robert Shaw, Harrison Ford e Barbara
Bach
Projeções do filme oito minutos após
o início das sessões

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A
As 15.15, 18.30 e 21.30 h.
Não acons. men. 13 anos
OS NOSSOS 15 ANOS
(Diabolo Menthe)
Encantador, terno e divertido como os
nossos mais belos dias da juventude
Com: Eleonore Klamrein, Odile Michel,
Anouk Ferjac

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
As 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 horas
Não acons. men. 18 anos
Galardoado com 7 Óscares
PROVIDENCE
A obra-prima de Alain Resnais
com Dirk Bogard e Ellen Burstyn
8.ª semana

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.15 horas
Um espectáculo apaixonante!
A ALCOVA DO BISPO
Com Ugo Tognazzi e Ornella Muti
Não acons. men. 18 anos

ODEON

326283/4

R. Condes, 12 a 20
As 15.15, 18.15 e 21.15 h
Não acons. men. 13 anos
A DEUSA DO AMOR
ATENÇÃO: O filme é projectado no
início da sessão
2.ª semana

PATHE

821933

R. Francisco Sanchez, 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h
Para todos
Ele aí está Bud Spencer
O MURRO ATÓMICO
Com Ciberbert e Lom e James Colo
Colorido

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
As 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
(Maiores 6 anos)
Cantinfias em
O POLÍCIA 777
(O mais giro policia do Giro...)
NOTA: TODOS os espectadores ficam
habilitados a uma motorizada Honda
Camino oferta da IBA, LDA, a sortear
no último espectáculo

QUARTETO

771378

R. Flores do Lima, 16
SALA 1 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15 e
23.30 horas (18 anos)
ALTA ANSIEDADE
SALA 2 — As 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
horas (13 anos)
SALA 3 — As 15, 17, 19, 21.15 e 23.30
horas (Int. 13 anos)
ISABEL E O DESEJO
SALA 4 — As 14.30, 16.45, 19, 21.15
e 23.30 horas (Int. 18 anos)
O EXPRESSO DA MEIA-NOITE

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
As 21.30 horas
N. ac. m. 13 anos
Filme de qualidade — de Billy Wilder
O SEGREDO DE FEDORA
6.ª semana
Com: William Holden, Marthe Keller e
Henry Fonda

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18 e 21.30 horas
M. 6 anos
O CANTIFLAS 777
O POLÍCIA 777
O agente irresistível,
vive e deba viver...
REVEILLON — Bateria a venda

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h.
O filme mais genuinamente divertido do
ano!
A FEIRA DO LIVRO
Um filme de Jamie Uys — Colorido
Maiores de 10 anos
2.ª semana

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.30 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos
Boas Festas para todos com o
INSPECTOR E A PANTERA
A VINGANÇA DA PANTERA
Com: Peter Sellers e Dyan Cannon

SATÉLITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 6.º
As 13.30, 16.15, 19 e 21.30 horas
Int. men. 13 anos
A mais célebre história de amor e misté-
rio de Agatha Christie
MORTE NO NILO
Peter Usti. ov., Jane Birkin, Mia Farrow,

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14 C
As 14.30, 16.45, 19 e 21.45
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Billy Wilder
O SEGREDO DE FEDORA

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 horas
OS NOSSOS 15 ANOS
(DIABOLO MENTHE)
Um filme de Diane Kurys
Encantador, terno e divertido como os
nossos mais belos dias da juventude!
Com: Eleonore Klamrein, Odile Michel,
Anouk Ferjac — Não ac. m. 13 anos

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
Um maravilhoso conto de Natal!
A DAMA E O VAGABUNDO
Falado em português
Um filme Walt Disney Productions
Technicolor

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 8/9
As 14.15, 16.30, 19.00 e 21.45 h
Para todos
SOU TIMIDO,
MAS ANDO A TRATAR-ME
Pierre Richard, Aldo Maccione
5.ª semana

Diário de Lisboa

O País
dia e dia
a política
hora a hora

CITRON
A SUA OPÇÃO!
14 DÍGITOS
DE CAPACIDADE
2 MEMÓRIAS
REP. E IMPORTAÇÕES EXCLUSIVAS
CITRONIC — Soc. Port. de Equip. Lda.
R. Francisco Sanches, 29 Tel. 82 60 14

DEANUS
QUERES
QUE EU
PONHA O
MEU AUTO-
GRAFO NO
TEU GES-
SO?
DEI-
XA-ME
EM PAZ!

NÃO! NÃO QUERO
QUE NINGUÉM ASSI-
NE NO MEU
ESTÚDIO GESSO!

PODERIA ESCREVER
QUALQUER COISA
ACERCA DO
BICENTENÁRIO...

SE TIVESSE
A CERTEZA DE
ESTAR COM RAIVA,
MORDIA-SE!

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO 185 1.^o
TELEFONES 58512/3

REDAÇÃO: PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
TELEFONES 32136/5 32927/1/2/3 32922/6 32776/1/2
PUBLICAÇÕES 3801/8

SERVIÇO NOTAS (OPUS DAS 21)
PORTUGAL 271/1/2
MILHARES DE GRÁFICAS 2282/7/8

INDICAÇÃO TELEGRAMAS: 0804 TELE 17263
LISBOA PORTUGAL

DELEGACIA DO PORTO
RUA DO ALMADA 30 2.^o TELEFONES 20954/5

Duas sondas soviéticas (e Lenine) em Venus

A sonda espacial soviética «Vénus-11» pousou ontem suavemente na superfície do planeta gémeo da Terra — anunciou a agência Tass. A sonda desceu no lado escuro do planeta, a 800 quilómetros de distância de uma nave igual, a «Vénus-12», que está pousada no solo venusiano desde quinta-feira passada e que largou no planeta uma efígie de Lenine e um escudo da URSS.

A «Vénus-12» lançou uma série de instrumentos científicos sobre o «planeta vermelho», os quais transmitiram informações durante 95 minutos, calando-se depois definitivamente, «vitimados» pela temperatura escalante de 446 graus centígrados.

A «Vénus-11» foi lançada a 9 de Setembro deste ano, e seguiu uma trajetória mais longa que a «Vénus-12», lançada cinco dias mais tarde.

Este mês de Dezembro decorreu sob o signo da conquista de Vénus. De facto, sondas americanas alcançaram também este mês o planeta gémeo da Terra, e enviaram dados importantes. Espera-se que em 1979 as informações colhidas pelas sondas da URSS e dos EUA sejam todas decodificadas e interpretadas de modo a que, daqui a um ano, já saibamos muito mais sobre Vénus do que neste momento.

Bebé morreu queimado

PORTO, 26 — Um recém-nascido, que ainda não tinha completado um mês, morreu queimado no berço, onde os pais, Joaquim Filipe Lopes e Maria Adelina da Conceição, o haviam deixado a dormir, enquanto se ausentaram por momentos. Ao que se presume, um curto-circuito no aquecedor, que se encontrava próximo da criança, está na origem do seu trágico fim.

férias na neve em andorra

O PARAISO DOS INVERNOS

PARTIDAS SEMANAIS em avião de Dezembro a Abril ou SÓ ESTÁDIAS se for de carro

bons hotéis — pensão completa lições de esqui preços desde 9.135\$

peça-nos já o seu programa:

EUROPEIA

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Av. da Liberdade 233 — LISBOA — Tel. 536121
Rua Rosa Azeite 19 — LISBOA — Tel. 561141
Av. Tomás Cabreira — Veneza Santa Ana
Praça da Rocha — ALGARVE — Tel. 23337

membro WATA em Portugal

SINES: ONDE O MAR NUNCA PERDOA

Povo em guerra com os homens do "gabinete"

Seiscentos metros do molhe oeste do porto de Sines, destruídos em Fevereiro passados pelo temporal, voltaram a não resistir às ondas de certa violência dos dias 8 e 9 deste mês. Os oitocentos mil contos de reparações despendidos nestes dez meses perderam-se quase inteiramente, e mais a umas centenas de metros de molhe, poupados pela invernada de Fevereiro, foram agora destruídos — refere uma reportagem da ANOP, assinada por Roby Amorim, logo nas suas primeiras sete linhas.

Desde que as obras do porto de Sines se iniciaram em 1970, abriu-se um contencioso de certa gravidade entre a população local, os seus pescadores, com um «saber de experiência feito» e a erudita posição do Gabinete da Área de Sines (GAS), a fundamentar-se em informações baseadas nas experiências de algo tão internacionalmente reputado como o laboratório de Engenharia Civil.

Logo que se iniciaram as obras, os pescadores de Sines tiveram o cuidado de informar que a orientação do molhe era a menos indicada. Explicavam que aquilo que designam por «Marés de leva» (isto é: as correntes provocadas pelo anticiclone dos Açores) vinha precisamente rebentar na costa de Sines, caminhando de Ocidente para Oriente. Na sua opinião, o molhe deveria ser orientado por forma a que as ondas corresse ao longo do molhe sem com ele chocarem violentamente.

De acordo com os pescadores, a actual orientação do molhe vai fazer repetir os acidentes e as destruições a todo o momento.

Na perspectiva do GAS, o molhe de Sines estava suficientemente seguro para aguentar mesmo as tempestades que não deveriam ocorrer mais que uma vez por século. No decorrer de apenas dez meses, o molhe foi duas vezes destruído. Os pescadores assombram-se de resto, que tal tenha acontecido com temporais não especialmente graves, que apresentaram, tanto em Fevereiro como no início deste mês, vagas que pouco ultrapassavam os oito ou nove metros.

«Se isto tivesse acontecido em 1914 — dizem os mais velhos — compreendia-se. Nessa altura, o mar colocou uma rocha em cima da ilha da Pessegueira do tamanho da ilha e também não teve dificuldade nenhuma em de lá a tirar como se fosse uma pluma».

«Compreendia-se se tivesse acontecido em 1941 — dizem os menos idosos. Nessa altura, o mar levou toda a falésia e para se descer até à praia era necessário utilizar improvisadas escadas de madeira. Em 1970, antes das obras do porto se iniciarem, Marcelo Caetano foi a Sines falar com os pescadores, mas não tirou todas as cartas da manga. Disse-lhes que se iria, finalmente, fazer o porto de pesca por que tanto ansiavam e careciam e falou, muito vagamente, de outras importantes obras a realizar para o engrandecimento da zona. Rejubilou-se em Sines, mas o futuro traria amargas desilusões.

AGRAVADAS AS CONDIÇÕES DE VIDA

Há oito anos Sines tinha escassos quatro mil habitantes. Hoje subiram para os doze mil, isto sem contar com outras concentrações habitacionais vizi-

nhas, como a de Santo André, onde há três mil novos fogos em construção, o que se traduz por outras tantas doze mil pessoas. Sines é a povoação portuguesa que mais cresce e mais rapidamente o faz com os consequentes problemas.

No relatório da sua actividade relativo a 1977, a Câmara Municipal observava: «A localização em Sines do complexo industrial em construção veio agravar assustadoramente as condições de vida dos sinienses e criar desequilíbrios em todos os sectores socioeconómicos, que só a médio e longo prazos se encontrarão definitivamente resolvidos».

«Não é — acentua o município — o complexo industrial que está em causa para a população do concelho: nunca o foi, é sim, a não existência de uma política de



defesa da qualidade de vida dos sinienses e dos trabalhadores do complexo radicados na área de Sines». Daí a queixa fundamental: o decreto que criou o GAS retirou na prática, toda a competência administrativa ao município, relegando a Câmara «para simples espectadora de todo o tipo de arbitrariedades e prepotências que esse organismo praticou a partir de 1971. Fomos assim assistindo, durante alguns anos, à destruição sistemática da nossa terra, sem um mínimo de respeito pelas suas características naturais, culturais, económicas e humanas».

António Macedo e a entrevista ao "DL"

A propósito da entrevista publicada na nossa edição do passado dia 23 do corrente, o dr. António Macedo, sem todavia pôr em causa nenhuma das declarações ali contidas, esteve esta manhã na nossa delegação do Porto, a fim de solicitar a publicação do seguinte esclarecimento:

«No texto da entrevista que concedi a um redactor do «Diário de Lisboa», publicada no dia 23, para além de falta de rigor ou lapsos, que não podem ser imputados, traduzidos em uma ou outra imprecisão, sem relevância de maior, há duas correcções que solicito que sejam feitas sem demora, para não dar curso à coscuvilhice ou maledicência das «almas santas»...

«Primeiro: o «deixar ou abandonar tudo», significaria um protesto contra o inquérito parlamentar (se se não concretizasse, seriamente), contra a ineficácia dos processos-crimes pendentes nos tribunais (e que não tivessem desfecho a curto prazo), contra a reincidência das injúrias, calúnias e infâmias das fascistas e da

RENDAS A 5 CONTOS POR CABEÇA

Após o 25 de Abril, a competência administrativa regressou à Câmara, mas a sua capacidade de resolver os problemas que entretanto se haviam amontoado é profundamente limitada. A Câmara transformara-se em mera espectadora das sucessivas expropriações que destruíram o solo arável e levaram os habitantes da região a procurar asilo na vila, duplicando o já grave problema habitacional, espectadora da destruição da praia (agora é necessário ir tomar banho pelo menos a S. Torpes ou Porto Covo, a dez ou quinze quilómetros), da construção de um hilariante porto de pesca onde a descarga só pode fazer-se na praia-mar, porque os seus desenhadores se esquece-

equipamento social que um tal número de habitações exige paralelamente.

Para o município, porém, são os milhões de contos gastos no megário complexo e no seu porto em condições que muito deixam a desejar.

ENTRAR NO BOLSO DE MILHÕES DE PESSOAS

A situação do porto, aberto às maresias de oeste e sudeste, sem um protector quebra-mar, não permite a atracagem dos petroleiros (os exemplos têm-se repetido) perante uma ondulação um pouco mais forte. E os petroleiros seriam a vocação de Sines. As esperas na atracagem custam algumas centenas de contos ao povo português e as destruições sucessivas no molhe custam milhares — queixa-se o município.

O porto de pesca, por seu lado, é igualmente inútil. A inexistência de um mínimo de estruturas (como a rede de frio) faz com que um barco com bom carregamento prefira aportar a Lisboa, onde conseguirá preços favoráveis. Em Sines, o peixe teria que ser vendido ao desbarato ou destruído. Milhões de contos estão enterrados em Sines, profundamente comprometidos ou inúteis, perdidos na maior parte, por «fruto da estrutura obsoleta e corporativa do Gabinete da Área de Sines», segundo, ainda, a opinião do município.

Abrindo um contencioso há largo tempo surdo entre a população e o GAS, a Câmara Municipal de Sines distribuiu e afixou um comunicado em que levanta estes e outros problemas. O GAS decidiu não estar interessado em levantar a luva. Contactado pela ANOP, limitou-se a informar que a «Câmara tinha o direito de fazer os comentários que entendesse, mas que o GAS não tinha nada que lhe responder». Como o problema não é exclusivo das duas entidades, mas diz respeito aos bolsos de milhões de portugueses, a resposta entende-se mal.

Salt II

Continuação da pag. 1

que existem hoje três vezes mais generais e almirantes nos EUA que nos tempos da segunda guerra, quando as FFAA norte-americanas, nessa altura, tinham efectivos cinco vezes superiores aos de agora.

Para todo este conjunto de empresas e de militares, o orçamento militar é o filão de ouro que lhes garante lucros, subsídios, vencimentos e pensões. Segundo dados da comissão senatorial dos Congressos dos EUA, as companhias industriais militares auferem com o fabrico e venda de armamentos lucros entre os 50 e os 200%. A corrida aos armamentos transformou-se para eles na própria razão da sua existência parasitária. Todas as tentativas de a limitar ou paralisar deparam necessariamente com a sua decidida resistência. Através das suas pressões no Congresso ou noutras instituições governamentais, influenciam também a posição dos EUA nas conversações SALT. Com o intuito de agradar ao complexo militar-industrial, o presidente Carter tem procurado impor à URSS um acordo que assegure vantagens unilaterais aos EUA, alegando que neste caso o SALT II receberá a necessária ratificação pelo Congresso.

Assim, por exemplo, em Março do ano passado, nas conversações realizadas em Moçambique, o secretário de Est-

DESINTERVENÇÃO E INTERVENÇÃO

O interesse que um colega revelou pela decisão ministerial de proceder à imediata «desintervenção» do «Diário de Lisboa», pela insistência, pelo acento tónico, mais parecia uma «intervenção» com o propósito de liquidar um jornal cuja independência e orientação incomodam.

Mas o colega, apesar do relativo sucesso do interrogatório, tenha calma: a água que corre nas valetas daqui até à Primavera arrastará muita curiosidade, muita raiva e muito lixo.

PESCAS PORTUGUESAS

O incansável director-geral das Pescas mal chega de Londres, ei-lo em Madrid, ei-lo no Canadá, ei-lo acolá... Pelo caminho trata os assuntos da Direcção-Geral. Os mais urgentes, por telex, os outros, por posta restante.

E o secretário de Estado das Pescas? Que assuntos trata? Que diz? É fácil explicar: o director-geral é um dirigente das pescas «LONGINQUO» e o outro é «costeiro».

O pior é que há frotas paradas e empresas nacionalizadas (claro!) a fechar a porta. Os trabalhadores da pesca da Mauritânia há 4 meses que não recebem vintém. Talvez o «longinquo» director lhes tenha enviado pelo Natal um postal de Nova Iorque: «White Christmas»!

PRENDA DE NATAL

O diário da manhã «O Dia» teve a sua prenda de Natal. Recebeu do Governo Regional da Madeira vivas felicitações, facto que referiu na primeira página, logo abaixo da frase proferida pelo coronel Jaime Neves, «Não temos receios nem vergonha do passado».

Cyrus Vance propôs à parte soviética assinar um acordo «universal» que previu uma redução igual do número acordado em Vladivostok de portadores de armas estratégicas de duas mil para mil e oitocentas unidades, enquanto o número de rampas de lançamento dos mísseis com ogivas fragmentadas e de manuseio individual passaria de 1320 para 1200 ou 1100 unidades. Aparentemente esta proposta parece ser justa, mas se a URSS a aceitasse, sairia muito prejudicada. Porquê? Se os dois países tivessem liquidado todos os mísseis balísticos intercontinentais, foguetões com base nos submarinos e bombardeiros pesados, a URSS ficaria totalmente privada de meios capazes de atingir o território norte-americano, mas bem próximo da URSS ficariam instalados meios nucleares de estacionamento avançado dos EUA (800 aviões portadores de mísseis e foguetões terrestres), os seus porta-aviões com armas nucleares a bordo continuariam a navegar junto da URSS e seria conservado o armamento estratégico de que dispõem certos aliados dos EUA muito próximos do território soviético.

(Hoje 28 páginas)

África so Sul: A repressão

Economia: O petróleo e o dólar — 4

Chile: "Acta de Madrid"

Cuba: Desenvolvimento pesqueiro



SUPLEMENTO

Síntese
da vida
internacional!

Le Monde
Prensa Latina
Interpress
Novosti

N.º 52/78

Terça-feira, 26 de Dezembro de 1978

Os problemas da África Austral

Para o imperialismo o «apartheid» na África do Sul, o colonialismo na Namíbia e o domínio dos colonos no Zimbabwe estão historicamente condenados. A conveniência táctica, a necessidade de sobrevivência quotidiana do capitalismo, determina a inevitabilidade da sua aliança com tais regimes. Na África Austral, o imperialismo vive mais uma vez um dilema. Trata-se da contradição entre as suas alianças tácitas e o objectivo estratégico de preservar e intensificar a hegemonia política e económica.

Conhecemos bem este problema no período da dominação colonial no nosso País. O imperialismo vivia a contradição apoiando de forma consequente o colonialismo português no plano económico e militar, mas mantinha uma permanente ambiguidade no plano diplomático, por forma a não se deixar arrastar pela queda inevitável do colonialismo.

Observamos presentemente a tentativa do imperialismo em encontrar a fórmula que lhe permita uma solução de compromisso para a actual conjuntura na África Aus-

«Para o imperialismo o objectivo principal da sua acção não é derrubar Smith. Para o imperialismo o objectivo principal é destruir o Movimento de Libertação, é destruir qualquer forma de organização que permita ao povo libertar-se...», afirmou Samora Machel, presidente da República Popular de Moçambique, no decorrer de uma importante conferência de imprensa, realizada em Setembro último, no Maputo, mas pouco divulgada entre nós.

Analisando com pormenor, e em profundidade, toda a manobra anglo-americana e de Smith em torno da luta de libertação dos povos da África Austral, o prestigioso

dirigente da Frelimo e do Estado moçambicano sublinha a dado passo da sua extensa intervenção para os jornalistas que, relativamente ao Zimbabwe, «a Grã-Bretanha e Smith são duas faces duma mesma moeda, a moeda do imperialismo», concluindo que para os povos, embora amantes da paz, «quando a contradição é antagónica e insolúvel só a guerra traz a paz».

Da análise feita por Samora Machel acerca da problemática da África Austral publicamos hoje uma primeira parte, seguindo-se num próximo «Exclusivo» a publicação do restante dessa importante comunicação.

extremistas brancos e extremistas pretos.

O imperialismo mantém, deste modo, a sua opinião pública preparada para legitimar, em qualquer momento, uma eventual intervenção directa.

O imperialismo projecta-se como firme adversário dos regimes minoritários e racistas mas como tutor das vidas dos colonos e dos seus bens, como garante de uma solução sem sobressaltos.

É assim que o imperialismo propõe como possível a coexistência entre a libertação dos povos da África Austral e a manutenção da actual estrutura económica e social de exploração e humilhação.

É preciso que saibamos assumir que a margem de manobra do imperialismo é facilitada pelos nossos próprios erros. Os nossos erros fundamentais derivam da tradicional boa-fé e hospitalidade africana. Há quinhentos anos que recebemos em África como irmãos, como homens, gente que muitas vezes vem com objectivo de dominar e explorar. Com o mesmo espírito recebemos nos últimos anos dirigentes britânicos e, depois, dirigentes norte-americanos que nos

vistos
por

Samora
Machel - 1

tral. O esforço da máquina de propaganda ocidental, ao nível da opinião pública, concentra-se em reduzir a situação da nossa zona ao problema da supremacia das minorias brancas.

trouxeram as suas propostas sobre a solução para a África Austral e em particular, para o Zimbabwe.

Os Países da Linha da Frente e o continente africano em geral receberam esses dirigentes e as propostas com hospitalidade e boa fé. No caso concreto do Zimbabwe o regime é tão desumano e odioso que nos convencemos de que tínhamos realmente um inimigo comum. Estávamos convencidos de que para todos nós o obstáculo do Zimbabwe era Smith e o seu regime ilegal. Pensávamos que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América podiam estar ao nosso lado no apoio à causa da libertação do Povo do Zimbabwe e no afastamento do regime ilegal de Smith.

A nossa franqueza, a lealdade com que os Países da Linha da Frente procuravam aconselhar britânicos e norte-americanos, permitiu ao imperialismo aperfeiçoar a sua estratégia, permitiu ao imperialismo as manobras com que até agora conseguiu preservar o regime de Smith.

Para o imperialismo o objectivo

O imperialismo pretende que Namíbia e Zimbabwe sejam vistos por um processo de simplificação e por analogia com a África do Sul, como países em que o está em discussão é meramente o regime de minoria. A natureza colonial e ilegal dos regimes actuais na Namíbia e Zimbabwe é assim mascarada. A luta armada de libertação nacional é agitada no Ocidente capitalista como a bandeira da guerra racial nesta parte do Mundo, como um conflito que opõe

A URSS felicita o povo albanês

A propósito do 34.º aniversário da libertação da Albânia, o jornal «Izvestia» publicou um artigo que a seguir transcrevemos, e no qual se ficam as relações entre a Albânia e a URSS.

«O povo da Albânia percorreu um logo e espinhoso caminho para recuperar a sua liberdade. Foram muito duros os combates sustentados pelos camponeses contra o fascismo até à vitória comum que ganhou raízes nas lutas travadas nas regiões de Moscovo, Kursk e do Volga. Os soviéticos sabem que os albaneses não se vergaram à vontade do ocupante fascista e que travaram uma luta heroica pela liberdade e independência da sua pátria.

A amizade e cooperação entre os dois países teve um novo impulso depois da guerra e ajudaram a Albânia a ultrapassar numerosas dificuldades surgidas no restabelecimento do seu Estado, com o desenvolvimento da economia e da cultura nacionais.

No fim dos anos cinquenta a Albânia Popular, apoiada nesta relação de amizade e cooperação, ergueu fábricas modernas e fez, com

êxito, a colectivização da agricultura onde, até então, tinham predominado as relações feudais e semifeudais. Num país em que 80 por cento da população era iletrada, o analfabetismo foi definitivamente liquidado.

A aliança e cooperação com a URSS e os outros países socialistas irmãos fortaleceu a Albânia e protegeu-a dos atentados da reacção imperialista. A não ingerência nos assuntos internos, o respeito pela integridade territorial e uma cooperação mutuamente vantajosa, foram os princípios em que assentaram as relações sovieto-albanesas e que, pela sua aplicação consequentemente, foram úteis aos dois países.

Os soviéticos, animados pelos sentimentos sinceros de respeito e amizade para com o povo da Albânia, partilharam com ele os seus conhecimentos e experiência tecnológica, o que contribuiu activamente para o estabelecimento de uma economia moderna no país. A parte soviética forneceu equipamentos completos para a construção de complexos das indústrias de petróleo, mineira, ligeira e alimentar assim como para a agricul-

tura. Centenas de especialistas soviéticos trabalharam lado a lado com os cidadãos da Albânia Popular nos mais diversos ramos da economia, da ciência e da cultura. Empregaram todo o seu esforço e experiência na edificação do socialismo em solo albanês.

As relações positivas estabelecidas entre os dois países socialistas complicaram-se, porém, na década dos anos 50/60, o que de modo nenhum trouxe vantagens ao socialismo e aos respectivos povos. Os soviéticos estão persuadidos que se trata de dificuldades passageiras e que não existem obstáculos intransponíveis para as eliminar. O restabelecimento de uma cooperação fundada na igualdade de direitos e vantagens mútuas, entre a União Soviética e a Albânia, responderia aos interesses dos povos dos dois países e favoreceria o progresso social e a cooperação pacífica na Europa.

Ao felicitar os trabalhadores albaneses, por ocasião do 34.º aniversário da sua libertação do jugo fascista, os soviéticos desejam-lhes êxito na construção do socialismo». ●



Uma alegre manifestação

Confrontado com uma onda de manifestações hostis que nada parece capaz de deter, o regime iraniano decidiu pôr em acção as suas «maiorias silenciosas» e mandou-as manifestar a favor do Xá. Um desses manifestantes, cuja imagem foi captada em Isfahan, colocou um retrato do bem-amada soberano, com um distico «Longa Vida para o Xá», na sua moto e andou-se a passear rindo a bandeiras despregadas sem que ninguém saiba porquê. (Foto Sipa-press).



O Petróleo

e o dólar

Negras perspectivas

O enfraquecimento do dólar aumenta o receio dos meios de negócios europeus ocidentais quanto ao futuro das suas indústrias de exportação. Ao contrário dos Estados Unidos, em que a parte do comércio externo no produto nacional bruto apenas representa 6 a 7 por cento, na Alemanha Federal, atinge cerca de 30 por cento.

A actual baixa do dólar representa ainda um outro perigo para o conjunto do mundo ocidental. Os meios de negócios afirmam que a política monetária dos Estados Unidos poderia levar os países da OPEP, que baseiam os seus cálculos no dólar e sofrem, por consequência, as perdas decorrentes da sua baixa, a decidir uma nova alta de preços.

A Conferência dos ministros das Finanças dos «Cinco», em Versalhes, e dos directores dos bancos centrais, em Bâle, não puderam resolver o problema.

As conversações de M. Blumenthal, ministro americano das Finanças, com o chanceler alemão foram também um malogro. Os dirigentes alemães-ocidentais recusam-se a fazer o jogo económico segundo as regras americanas.

Assim, observa-se que as tentativas de Washington de ultrapassar as suas dificuldades económicas à custa dos seus parceiros, tem consequências nefastas para toda a economia capitalista. «São como passageiros dum bote», escreve a revista «New Republic», «que, na altura em que o barco tomba para um lado, se atiram para a direcção oposta... para o impedir de se virar. Mas ninguém faz o que é verdadeiramente necessário, isto é descer no cais para calafetar a brecha».

Choque de interesses

Há já alguns anos que os preços do petróleo são calculados em dólares americanos.

Nestes últimos quatro anos, os rendimentos que os membros da OPEP tiram da venda do petróleo chamam-se mesmo petrodólares. O papel do dólar como principal divisa nas transações petrolíferas nunca foi contestado, nem mesmo quando os EUA deixaram de o encaixar em ouro e o desvalorizaram por duas vezes.

Todavia, desde Dezembro passado, a imprensa ocidental insinua frequentemente que os países da OPEP consideram um eventual abandono do cálculo dos preços do petróleo em dólares. Esta questão foi examinada numa conferência em Genebra, por representantes da Arábia Saudita, Irão, Iraque, Kuwait e Venezuela. Foi inclusivamente levantada pelo ministro da Indústria Petrolífera da Arábia Saudita, o cheique Yamani, que dificilmente será suspeito de deslealdade para com os EUA e, forçosamente, de desrespeito pelo dólar. O ministro do Petróleo do Kuwait, Al-Kazemi, tomou também uma posição dura nesta questão. Quanto aos Governos de Bahrein, Qatar e dos Emiratos Árabes Unidos, foram ainda mais longe, ao aumentarem em 2 por cento o curso das suas moedas em relação ao dólar, e decidindo calculá-las não em dólares, mas em direitos de saque especiais (D.S.E.), do Fundo Monetário Internacional.

Se os membros da OPEP perderem «subitamente» a confiança no dólar, é porque a sua baixa, acompanhada da alta simultânea das outras moedas ocidentais, reduzem fortemente as receitas reais provenientes da exportação do petróleo, na medida em que os compradores pagam em dólares «magros». Esta operação é particularmente vantajosa para os países da Europa Ocidental e Japão. A mesma soma de marcos alemães e de yens japoneses permite agora comprar mais dólares e, logica-

mente, mais petróleo do que antes.

OPEP à defesa

Para defender os seus interesses financeiros, os países da OPEP decidiram, desde 1972, rever periodicamente os preços do petróleo em função das flutuações do curso das principais moedas ocidentais em relação ao dólar. A alta brutal de preços em 1973/74 devia compensar as perdas sofridas pelos países exportadores devido à desvalorização do dólar, a inflação e a pilhagem das matérias-primas compradas a preços muito baixos. Mas estas medidas têm um efeito muito provisorio. A crise económica, que reduziu a procura do petróleo e provocou a inflação e a desvalorização do dólar, prejudicou e continua a prejudicar consideravelmente a OPEP. A insignificante alta de preços de 1975/77 foi coberta pela inflação. Em 1977, os rendimentos petrolíferos começaram a diminuir devido à desvalorização do dólar.

Em 1977, os países da OPEP conseguiram 131 mil milhões de dólares com a exportação do petróleo, mas perderam seis ou sete mil milhões, devido à desvalorização de 6 por cento do dólar junto-se ainda uma perda de cerca de nove mil milhões de dólares, ou seja, 6 por cento do montante total dos seus investimentos estrangeiros, que, segundo os cálculos do Banco «Morgan Guaranty Trust» teria atingido 155 mil milhões no final de 77. Balanço: as perdas da OPEP provocadas pela desvalorização da moeda americana cifram-se em 15-16 mil milhões de dólares, apenas num ano. Para as compensar, ao preço actual da tonelada de petróleo (94 dólares), era preciso extrair e vender 160 a 170 milhões de toneladas suplementares.

As tentativas da maioria dos membros da OPEP para com-

pensar estas perdas por uma nova alta de preços, na conferência de Caracas em Dezembro de 1977, foram contestadas pela Arábia Saudita e o Irão, partidários de uma política pró-americana de congelamento dos preços e que conseguiram que a questão de um novo preço fosse protelada até à realização da próxima conferência, em Julho de 1978.

Outras razões objectivas impediram os países da OPEP de aumentar os preços: a lentidão do processo de recuperação depois da crise, o aparecimento no mercado mundial de petróleo proveniente do Mar do Norte e do Alasca e as grandes reservas acumuladas pelos principais países consumidores. Verificou-se assim uma oferta superior à procura, o que obrigou certos países da OPEP a consentir nas reduções. A parte da OPEP na produção capitalista mundial de petróleo passou de 65,5 por cento em 1976 para 64 por cento em 1977 (c.f.r.o. quadro).

Os prognósticos também não são muito optimistas. Seguindo as estimativas, o crescimento económico do mundo capitalista cifrar-se-á, este ano, em 3,5 por cento, no máximo, ritmo insuficiente para o aumento preciso de procura do petróleo da OPEP, se se tiver em conta o anterior aumento da sua produção. As profecias feitas pela imprensa ocidental, de uma nova crise de energia para o meio dos anos 80, cederam lugar, como por encantamento, às de uma «abundância petrolífera» ou, pelo menos, da ausência de toda a penúria. Os autores destas «profecias» pensam que as taxas, bastante modestas, do crescimento económico ocidental porão fim às esperanças do projecto aumento de preços da OPEP. O Ocidente lançou-se aparentemente num novo ataque psicológico contra os países exportadores de petróleo.

CAMPEÕES DOS "DIREITOS HUMANOS"

■ Novosti

Os países que recentemente se libertaram da dominação colonial têm ainda bem presente a experiência da opressão e o sabor amargo da ausência dos mais elementares Direitos Humanos.

Durante longos anos as populações desses países combateram de armas na mão pela independência política e económica, pela possibilidade de gerirem, elas próprias, os seus destinos. E hoje, continuam a ser alvo de constantes agressões, por parte dos que não toleram uma nova situação contrária aos seus interesses egoístas.

Os seus irmãos de raça, os povos do Zimbawe e da Namíbia, lutam ainda contra o racismo e a discriminação, pelos seus direitos fundamentais. Do outro lado, na sombra do combate, estão os Estados que se autoproclamam grandes defensores dos «Direitos Humanos».

Quando passam 30 anos sobre a adopção da Declaração Universal dos Direitos do Homem (promulgada pela ONU em 10 de Dezembro de 1948), os jovens países dão um relevo muito particular ao aniversário e denunciam as hipocrisias dos que falam da defesa dos Direitos do Homem para melhor os violarem.

A Imprensa moçambicana afirma, nesta ocasião, as incoerências dos meios dirigentes dos EUA ao lançarem-se numa campanha em torno dos Direitos do Homem.

«Torna-se difícil imaginar facto mais paradoxal que o «interesse» dos Estados imperialistas pela salvaguarda dos Direitos do Homem», assinala o jornal «Notícias da Beira».

Recorde-se, a propósito, os milhões de desempregados nos países capitalistas, a triste sorte dos índios nos Estados Unidos, a discriminação de que são vítimas os imigrantes na Europa Ocidental, a violação flagrante dos Direitos Humanos no Chile, na Coreia do Sul e nos territórios ocupados por Israel.

Alguns dados que ajudarão a compreender melhor o que é que certos Governos entendem por «Direitos Humanos», e o que pretendem quando se empenham na campanha em favor dos Direitos do Homem.

Na Alemanha Federal, por exemplo, a exploração de menores intensifica-se. No sector comercial, nomeadamente, verifica-se que menores trabalham 10 a 11 horas diárias, em «silêncio», sem protestos, temendo vir a engrossar a lista dos 300 mil desempregados existentes entre a juventude.

Na Áustria, os empresários exploram o trabalho infantil, que constitui uma excelente reserva de mão-de-obra barata, em flagrante contradição com a legislação de trabalho em vigor.

Entretanto em França, nas actuais condições, o trabalho não constitui propriamente uma alegria para muitos franceses. Diariamente, na indústria, o sistema antioperário de intensificação do trabalho provoca entre 5 e 6 mortos. Em cada minuto, um operário é gravemente mutilado e regista-se

um acidente de trabalho por segundo.

No Brasil, outro grande pilar da «democracia» e dos «Direitos do Homem» ainda existem... escravos!

Com efeito, milhares de trabalhadores de plantações situadas na selva amazónica estão submetidos a verdadeiras condições de escravatura, sem qualquer liberdade de movimentos, não recebendo remuneração. A polícia local, por seu lado, assegura a «manutenção da ordem» ajudando os roceiros a recuperar os escravos evadidos.

Nos Estados Unidos, fábrica da «democracia», a violação dos direitos civis e a repressão política constituem o dia-a-dia para dezenas de milhões de cidadãos. Mais de dez milhões de desempregados interrogam-se sobre o seu futuro, dezenas de milhares de negros, mexicanos, porto-riquenhos e outros representantes das minorias raciais sofrem na pele a discriminação racial. As mulheres, que constituem 40 por cento da mão-de-obra, são as primeiras a ser despedidas e as últimas a encontrar emprego.

No país dos «Direitos Humanos», para além do desemprego que atinge 52,3 por cento entre os jovens, as condições de vida e de trabalho são particularmente graves para as minorias nacionais sabendo-se que 40 por cento dos negros vivem abaixo do nível oficial de pobreza e que 70 por cento dos índios estão subalimentados. E como denunciou Cyrus Vance, secretário de Estado dos EUA, «as prisões enchem-se de presos políticos».

A REPRESSÃO NA ÁFRICA DO SUL

As prisões sul-africanas estão cheias. Milhares de negros, mestiços ou indianos são encarcerados diariamente nas masmorras racistas, por lutarem pelas condições de vida mais elementares que um povo tem direito. «Zondervoter», a mais terrível prisão sul-africana, é conhecida pelo seu sombrio «corredor da morte». Nas suas masmorras, esperam actualmente a morte e a tortura cerca de 150 pessoas. Em toda a República da África do Sul, estão nessa situação mais de 100 mil africanos.

Todas as manhãs, às seis horas, abrem-se estrondosamente as portas maciças da prisão e pessoas com as mãos atadas atrás das costas são conduzidas por um corredor longo e sombrio. «Corredor da morte», assim lhe chamam os presos da terrível cadeia sul-africana «Zondervoter». Aqui se encontram as celas dos presos condenados à morte. Por trás das portas ouvem-se gritos «Adeus, irmãos!». Dois lances de escadaria e os condenados saem para o pátio onde se encontram as forcas...

Os carcereiros esperam sempre que os presos tremam, se ponham de joelhos e comecem a implorar clemência. Mas não vêem cabeças baixas ou lágrimas. Os africanos

recebem a morte dignamente, com antigas canções rituais.

A seguir à execução, os carrascos tiram a roupa dos corpos dos presos. Aqui, como outrora nos campos de concentração nazis, nada se perde. Muitos presos usaram ainda a mesma mortalha.

Os depoimentos de testemunhas oculares sobre as brutalidades cometidas pelos carcereiros sul-africanos são impressionantes. Ao mínimo pretexto, os presos são espancados com bastões nas plantas dos pés, fustigados, mergulhados com a cabeça na água, etc. Assim, Filip Lekare, de 16 anos de idade, morreu algumas horas depois de ter sido açoitado, informou a revista «Africa», editada em Londres. O preso político Fred Karneson escreveu o seguinte sobre a prisão «Polemur», na cidade do Cabo: «Pessoas acorrentadas, com as costas ensanguentadas depois do espancamento, gritos, gemidos, são o espectáculo mais comum e os sons mais normais deste inferno».

Nos últimos tempos, a morte saiu das prisões da República Sul-Africana e pairou pelas ruas das cidades e vilas deste Estado racista.

Todavia, a taça de paciência dos 18 milhões de africanos da Repú-

blica Sul-Africana transbordou. A ira e a indignação pela desumana ordem racista, comícios de protesto, choques com a polícia, armada até aos dentes. Os primeiros a levantar-se foram os habitantes de Soweto, paupérrimo subúrbio de Joanesburgo, em torno do qual está concentrada a maior parte do proletariado da África do Sul. A brutal repressão dos operários de Soweto serviu de detonador para a explosão de acções anti-governamentais em todo o país. Port Elizabeth, Durban, Pretória, tornaram-se palco de numerosos confrontos com a polícia.

A cidade do Cabo transformou-se numa verdadeira cidade onde passa a linha de combate. Tiroteio, edifícios e automóveis em chamas, barricadas, são frequentes.

A greve declarada nos subúrbios operários de Joanesburgo atingiu proporções nunca vistas. Nela participaram cerca de 300 mil pessoas. Pararam as fábricas e as empresas, imobilizaram-se os transportes públicos. Os grevistas exigiam a liquidação do sistema do «apartheid» e a libertação dos presos políticos.

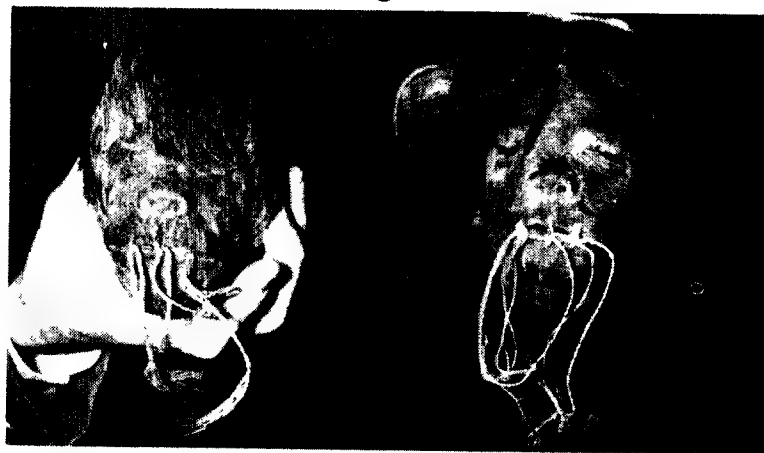
Nas manifestações contra o

► 8

FOTO
EXCLUSIVO



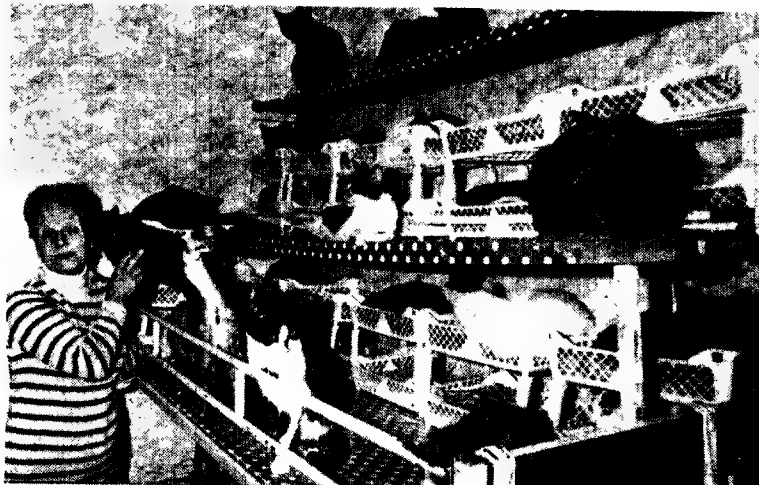
Na cidade de Paris, para manter os passeios limpos, estão a ser construídos urinóis para cães... O que vemos, o primeiro «melhoramento» a favor dos cães de luxo, está situado na esquina das ruas Quincampoix e La Reynie



Na famosa sala de venda parisiense Drouot, vendem-se curiosidades do mundo inteiro. As mais «curiosas» de todas essas curiosidades serão talvez estas duas cabeças humanas reduzidas pelos índios Jivaros do Equador, as quais faziam parte de uma colecção de antiguidades pré-hispánicas recentemente desmantelada. (Foto Keystone).



«Madame Soleil», célebre vidente francesa, foi convidada de hora na Fesa do Vinho Francês, que se realizou em Paris, na Porte de Pantin. Como convidada de honra recebeu o seu peso em garrafas de champagne. Além disso, foi entronizada na «Ordem dos Cruzados do Nobre Cassis», cujo escudo ostenta orgulhosamente nesta foto da AGIP



Todos os gatos perdidos que apareçam nas imediações da casa da senhora Bouchaud, em Yerres (França), escolhem um local ideal para salvarem a pele. Amiga carinhosa de felinos, aquela senhora (que vemos na foto com os seus «gatos adoptivos») dá acolhida a 250 gatos, instalados da forma que a foto Keystone mostra

SAMORA MACHEL

1 ►

principal da sua acção não é derrubar Smith. Para o imperialismo o objectivo principal é destruir o Movimento de Libertação, é destruir qualquer forma de organização que permita ao Povo Libertar-se.

II

A estratégia do imperialismo tem sido, afinal, extremamente coerente.

O imperialismo no Zimbabwe actua com dois destacamentos operacionais: Smith com os seus lacaios e a Grã-Bretanha com os seus parceiros. A sua estratégia operacional é ter sempre prontas duas soluções: uma solução interna e uma solução internacional.

Quando uma das alternativas está na iminência de conduzir à solução do problema, o imperialismo põe em movimento a outra alternativa. Quando a situação interna é difícil para o regime, surge uma proposta que visa

a cumplicidade e participação directa da Grã-Bretanha, iam estudando como contrariar e anular, na prática, os efeitos das sanções.

Concretamente o capitalismo internacional nunca rompeu os seus laços económicos com Smith. O aumento das esporádicas confrontações armadas entre grupos de guerrilha e as forças militares do regime racista alerta o imperialismo para o perigo da consolidação de uma luta armada popular no Zimbabwe.

Nas cadeias de Smith, Denek Robinson, chefe do Special Branch, contacta em 1969 Ndanabingi Sithole, e convence-o a renunciar à via da luta armada. Sithole aceita, mas Robinson exige, em troca da sua libertação, que essa seja uma posição do partido e não uma posição meramente pessoal. Os restantes dirigentes presos rejeitam a proposta de Smith, de que Sithole é mensageiro, pelo que a tentativa fracassa.

esta manobra. Chikerema funda a FROLIZI.

Em 1974, a derrota do colonialismo português põe em causa a correlação de forças na zona. O imperialismo intensifica as suas manobras, tentando evitar o triunfo da FRELIMO e do MPLA. Vorster esforça-se por criar condições e ganhar tempo para a subversão e a diplomacia dos imperialistas, admitindo pela primeira vez a hipótese de um diálogo para a transferência do poder para a maioria no Zimbabwe.

Com a constituição dos Países da Linha da Frente e a derrota das desesperadas tentativas dos colonos de impedir a passagem do poder para as mãos do Povo moçambicano, a correlação de forças na África Austral evolui favoravelmente à causa da libertação dos povos. Neste quadro, se desenvolvem os contactos preparatórios para a reunião de Victoria Falls durante os quais se acorda a paragem da luta armada como contra partida da libertação dos dirigentes nacionalistas encarcerados por Smith e da retirada das forças sul-africanas operando no Zimbabwe.

De Victoria Falls o imperialismo sai ainda vitorioso:

- o ANC fica dividido;
- a luta armada está paralisada;
- a comunidade internacional, desorientada e desmobilizada, não sabe quem nem como apoiar para a libertação do Zimbabwe.

Nestas circunstâncias, enquanto Smith, em Salisbúria, tenta uma segunda solução interna, negociando com Joshua Nkomo, o imperialismo utiliza as suas forças disponíveis para invadir Angola. A humilhante derrota que a República Popular de Angola impõe aos invasores consolida o poder popular no País e torna irreversível a alteração da correlação de forças na zona.

O desprestígio do imperialismo é grande. As vitórias do Vietname, do Laos e do Kampuchea são factos ainda recentes na memória dos povos. As eleições presidenciais nos Estados Unidos aproximam-se.

Paralelamente, após o insucesso do Victoria Falls, os nacionalistas zimbabwianos afirmam a sua determinação em seguir a via da luta armada de libertação nacional, iniciam a reorganização das forças combatentes e criam o ZIPA.

Em 3 de Março de 1976, a República Popular de Moçambique decreta a aplicação integral das sanções ao regime ilegal. Acelera-se o agravamento da si-

tuação interna do regime de Salisbúria.

No dia 19 de Março, uma sexta-feira, Smith rompe publicamente as negociações com Joshua Nkomo em Salisbúria; desiste da solução interna. Na segunda-feira seguinte, dia 22, o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, falando ao Parlamento, apresenta uma nova proposta de solução.

O imperialismo, mantendo a iniciativa, substitui de novo uma solução interna desfavorável por uma proposta de solução internacional. Todo o problema se repropõe assim à discussão.

A proposta britânica preconiza uma conferência com todas as partes envolvidas para a discussão da independência do Zimbabwe. No período preparatório para essa conferência cria-se a Frente Patriótica.

Em Genebra surgem assim três delegações em representação do Zimbabwe. Na mesa, além da Frente Patriótica, sentam-se as delegações chefiadas por Muzorewa e por Sithole. Os Estados Unidos estão presentes como observadores.

Entretanto, no plano interno, o imperialismo ensaia a 3.ª solução ao integrar no governo da Frente Rodesiana os chefes tribais Chirau e Mdiweni.

O resultado da Conferência de Genebra é novamente favorável aos desígnios do imperialismo. A divisão entre os dirigentes nacionalistas agrava-se ainda mais. Smith, ao suspender as conversações sem uma ruptura, cria uma situação de expectativa e indecisão. Com o fim da Conferência de Genebra verifica-se uma grave crise no ZIPA. A luta armada diminui de intensidade.

Em face do abrandamento da luta armada, o imperialismo suspende na prática o prosseguimento da solução internacional. Já não se fala de Genebra. É certo que os contactos com os Países da Linha



Ian Smith com Marcelo Caetano

fazer crer ser a solução internacional a via mais rápida à libertação do Zimbabwe. Quando a solução internacional está em vias de se concretizar e Smith não tem, nesse plano, mais campo de manobra, surge sempre uma tentativa de solução interna. Smith aparece então disposto a entregar o poder. O imperialismo encoraja a alternativa e arquiva todo o processo anterior.

Em 1965, a acção do Povo do Zimbabwe e a conjuntura internacional tornavam politicamente inevitável para a Grã-Bretanha a concessão da independência a esta colónia com a entrega do poder aos dirigentes nacionalistas. A proclamação unilateral da independência foi a primeira tentativa de uma solução interna com vista a isentar a Grã-Bretanha das suas responsabilidades políticas.

Recusando-se pela primeira vez na história, a intervir militarmente numa colónia oficialmente em rebelião, o Reino Unido, com o apoio do imperialismo internacional, organizou a grande farsa diplomática.

As sanções económicas, quando foram decretadas, surgiram ao mundo como uma grande história sobre o regime rebelde. A comunidade internacional engajou-se na sua aplicação. O imperialismo contudo, nunca perseguiu a hipótese de deixar Smith isolado.

Enquanto a maioria dos Países discutia as moções e preparava o isolamento do regime ilegal, os países imperialistas, com

Em 1970, o colonialismo português, elemento essencial à estabilidade do regime de Smith, sofre a derrota decisiva na operação «Nó Górdio». O imperialismo compreende a importância estratégica da derrota.

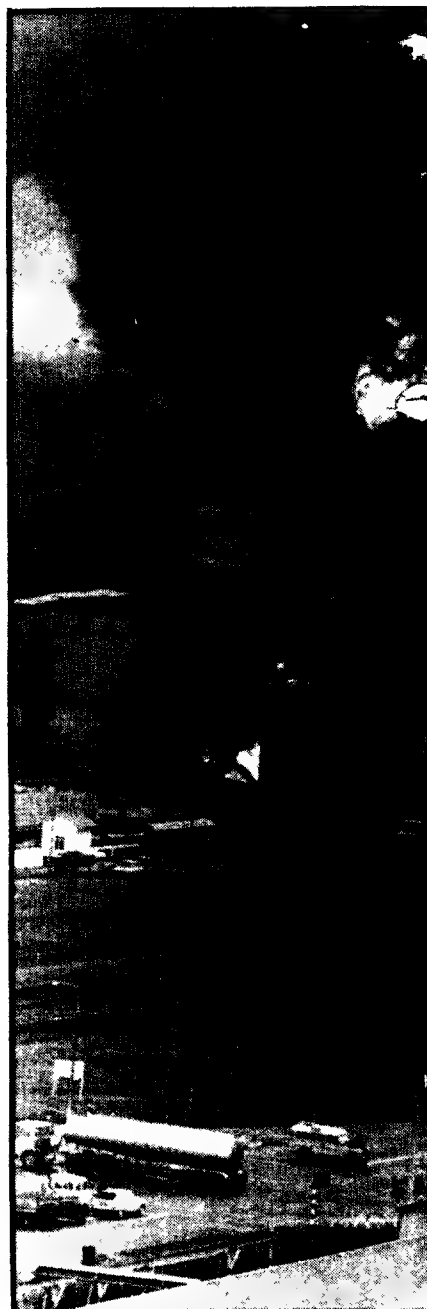
O governo britânico, lança nova ofensiva diplomática baseada nos seis princípios enunciados em 1965/1966, que culminará com o acordo entre Smith e Douglas Home.

No Zimbabwe, os partidos nacionalistas estão banidos. Os seus líderes, presos. Nestas condições o relatório da Comissão Pearce não terá credibilidade internacional. Os nacionalistas compreendem a contradição que vive o imperialismo e fundam o African National Council (ANC) em 1971 para a presidência do qual convidam uma figura religiosa, o bispo Abel Muzorewa.

Smith não pode proibir!

A Comissão Pearce concluiu que o povo do Zimbabwe é contra o acordo entre Smith e Home. Contudo o imperialismo não sairia derrotado desta confrontação: favorecendo a estruturação do ANC como um partido político, sob a direcção do bispo, procura que a resistência popular seja dirigida por uma estrutura que se opõe à luta armada. Pouco depois, Muzorewa começa a criticar e condenar a luta armada de libertação.

No mesmo ano em que se cria o ANC, Chikerema desencadeia, na Zâmbia, a ofensiva divisionista para a destruição da ZAPU. A própria ZANU é afectada por



O ataque que os guerrilheiros da independência do Zimbabwe) lançaram ao depósito de combustível sito a poucos quilómetros de Salisbury, constitui um dos mais duros golpes que o regime de Ian Smith até agora sofreu. Quase totalmente num gigantesco incêndio que destruiu as populações brancas de Salisbury, Joshua N'Komo, este os falsos embargos petrolíferos que o regime de Rodésia. A foto mostra o gigantesco incêndio.

E A ÁFRICA

da Frente se intensificam neste período. Mas o objectivo é corrigir as suas análises e aperfeiçoar os seus planos para o futuro, através das informações colhidas nesses contactos.

Quando, superada a crise, a luta armada volta a intensificar-se, de



vorável aos interesses do povo do Zimbabwe.

Em face da perspectiva de uma evolução perigosa do plano anglo-americano, o imperialismo volta a utilizar a sua habitual estratégia. Ian Smith, no dia seguinte ao da aceitação pública, pela Frente Patriótica, do documento como base válida para as negociações, reabre o diálogo com vista a regionalizar novamente o conflito e desresponsabilizar a Grã-Bretanha.

Desta vez, cabe a Ian Smith intervir para salvar a Grã-Bretanha de uma situação difícil. A iniciativa de Smith comporta a sua 4.ª solução interna que viria a ser oficializada, a 3 de Março deste ano, com a assinatura do chamado Acordo Interno.

A resposta do Povo do Zimbabwe a este «Acordo» é uma ulterior intensificação da luta armada que leva os combates até aos subúrbios de Salisbúria. A crise económica do regime agrava-se de mês para mês.

A perspectiva da independência da Namíbia, com a derrota do plano para a solução interna que o imperialismo também tentou naquele país, reforça as forças favoráveis à libertação dos povos da África Austral. Com o apoio dos Países da Linha da Frente, o plano anglo-americano é sucessivamente aperfeiçoado.

A luta armada desenvolve-se impetuosamente e cobre praticamente todo o país. Smith sente-se à beira do colapso. Como única forma de mais uma vez ganhar tempo, Smith vê-se obrigado a n.

A perspectiva da independência da Namíbia, com a derrota do plano para a solução interna que o imperialismo também tentou naquele país, reforça as forças favoráveis a nós.

Participar na conferência significaria (para Smith) discutir o desmantelamento do Exército do regime, discutir os preparativos necessários para a independência, incluindo a organização das novas forças de defesa e segurança, bem como discutir a Constituição do Zimbabwe independente.

A Frente Patriótica aceita a participação de Smith na Conferência. É precisamente nesse momento,

mente desacreditados, em suma, quando a verdadeira independência do Zimbabwe está tão próxima que, mais uma vez, o imperialismo aplica a sua fórmula: Smith reabre o diálogo para propor a 5.ª solução interna, desviando de novo, do plano internacional, a tentativa de resolução do problema. Isto evita à Grã-Bretanha a iminência de uma inequívoca tomada de posição.

Os jornais dizem que David Owen está pronto a partir a todo o momento para a conferência. Mas não parte.



O bispo Muzorewa, à direita

Smith desencadeia uma ofensiva de contactos com Joshua Nkomo. Chirau e Ndiweni, outros chefes tribais, personalidades religiosas, homens de negócios e até o chefe dos Serviços de Segurança do regime, Derek Robinson, são protagonistas desta ofensiva que cria as condições para o encontro directo de 14 de Agosto.

A posição com que o regime, em todos os contactos efectuados, se apresenta perante Nkomo, pode resumir-se nos seguintes pontos:

- o regime acusa Muzorewa de incapaz e Sithole de instável e confuso;
- o regime considera-se enganado por Sithole e Muzorewa que se teriam apresentado como capazes de conseguirem o cessar-fogo, quando, na realidade, não representam qualquer força significativa;
- o regime intitula-se represen-

moderados e realistas, como sendo os verdadeiros líderes do povo do Zimbabwe. Se a Frente Patriótica tivesse aceitado as recentes propostas de Smith, quanto tempo passaria até que os líderes da Frente Patriótica também fossem apresentados como incompetentes?

Muzorewa e Sithole, quando aceitam participar no governo de Smith, aceitam um compromisso, um compromisso selado pelos massacres, pelos enforcamentos, pela tortura, pelos campos de con-

governo capaz de garantir a paz, a liberdade e o progresso, de defender os interesses do Povo do Zimbabwe?

Todos estamos interessados em que a transferência do poder seja feita na ordem. Mas o que significa isso? Significa não perturbar a estrutura do privilégio, o aparelho estatal, a polícia repressiva e o Exército criminoso? Ou significa acabar com a discriminação, acabar com a injustiça e garantir condições para o exercício da verdadeira democracia?

Um criminoso, chefe de um regime culpado de crimes contra a humanidade, um regime que todo o mundo exige que seja eliminado, não pode arrogar-se o papel de juiz da capacidade do governo que o substituirá ou de árbitro da transferência do poder. Isto é inaceitável.

A actuação da Grã-Bretanha e Estados Unidos demonstra que a convocação do Conselho de Segurança para a nomeação do comissário residente e do chefe militar da força das Nações Unidas, a mobilização da comunidade internacional para as sanções económicas, a afirmação de terem assumido as suas responsabilidades internacionais, não têm sido mais do que manobras para ganhar tempo.

E hoje claro que os governos britânico e norte-americano pouco ou nada fazem para desencorajar as manobras de Smith que anulam as suas propostas de forma tão evidente. Nos próprios discursos públicos dos seus dirigentes a Grã-Bretanha encoraja Smith a prosseguir as suas manobras.

Hoje, são os próprios anglo-americanos que nos vêm dizer que a iniciativa de Smith tem aspectos positivos!

Já haviam sido os anglo-americanos quem tentara fomentar a intriga e o choque de opiniões no nosso seio, dizendo que o Acordo

centração, pela agressão militar contra o povo do Zimbabwe e contra povos vizinhos.

O imperialismo, aliciando Sithole e Muzorewa com o Acordo Interno, compromete-os irremediavelmente numa política contra o seu próprio povo. Nos contactos com Nkomo, Smith despreza Sithole e Muzorewa porque já os liquidou politicamente. Porém quer explicitamente manter na cena política Chirau e Ndiweni, antigos e fiéis servidores do regime, ministros fantoches do governo da Frente Rodesiana.

Smith afirma estar pronto a re-



nunciar ao poder desde que este passe a ser exercido por um governo capaz e que a transferência seja feita na ordem.

Todos estamos interessados em que o poder seja assumido por um governo capaz. Mas capaz de quê? Capaz de continuar os massacres, de continuar as agressões armadas, de continuar a opressão e exploração desenfreada do povo? Capaz de manter a economia colonial, de gerir com eficiência as estruturas de privilégio, de representar a estratégia do imperialismo na África Austral?

Ou estamos interessados em que o poder seja assumido por um

Interno era um passo na direcção correcta. Contudo nunca mencionaram quais os aspectos positivos que essa solução conteria.

Hoje, como ontem, o imperialismo é consequente na sua estratégia, a estratégia que utilizou na história recente do Zimbabwe e em particular na fase que se abre a partir de 1974. Hoje, como ontem, a preocupação fundamental do imperialismo é dividir os países que apoiam a libertação dos povos da África Austral e eliminar o Movimento de Libertação.

(Conclui no próximo
«Exclusivo»)

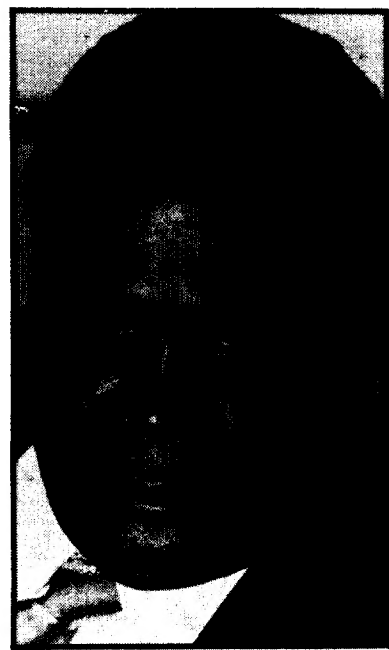
ÁFRICA AUSTRAL

novos surge a iniciativa diplomática do imperialismo. A nova proposta anglo-americana é também a primeira proposta concreta do imperialismo. O documento apresentava aspectos positivos para os nacionalistas. Contudo, continha também cláusulas que atentavam claramente contra a soberania do futuro Estado independente.

Se os nacionalistas, ou parte deles, recusassem a proposta, o imperialismo teria sem dúvida mobilizado a opinião pública para isolá-los como intransigentes e terroristas. Se, pelo contrário, os nacionalistas, na sua totalidade, aceitassem o documento, esta solução constituiria a salvaguarda da estrutura colonial de privilégios económicos e sociais e a capitulação do combate libertador.

A modalidade de aceitação aprovada pela Frente Patriótica e pelos Países da Linha da Frente constitui uma opção mais desfavorável para as intenções do imperialismo.

No plano internacional, as várias conferências e encontros da Frente Patriótica e dos Países da Linha da Frente modificam o plano anglo-americano e fazem dele, cada vez mais, um documento fa-



Nkomo

quando os anglo-americanos já não podem evitar a realização da Conferência Constitucional, quando no plano externo e interno os africanos signatários do «Acordo Interno» estão completa-

tante da vontade do Povo do Zimbabwe;

- o regime, em nome do povo, convida Nkomo a assumir a direcção de um novo governo;
- o regime só aceita a inclusão de Mugabe no governo na medida em que isso é condição posta por Nkomo.

No decurso dos vários contactos, o regime demonstra uma preocupação especial com a pessoa de Joshua Nkomo. Afirma considerá-lo como o único líder capaz de assumir a responsabilidade de dirigir o Zimbabwe.

Só hoje o regime reconhece estas qualidades naquele que manteve sob prisão durante uma década precisamente porque exigia a independência. Porquê? Porque, sabendo que a Frente Patriótica é o representante legítimo do povo em luta, Smith tenta dividi-la para que deixe de constituir uma ameaça.

Nestes contactos o regime apresenta Sithole e Muzorewa como sendo responsáveis pelo fracasso do chamado Acordo Interno de 3 de Março. Trata-se do mesmo regime que, para esse Acordo, apregoou a todo o mundo as qualidades de Muzorewa e Sithole como líderes

Com a participação de destacadas personalidades e organizações dos cinco continentes, realizou-se, como se sabe, em Madrid, no princípio do mês passado uma Conferência Mundial de Solidariedade com o Chile. Estiveram presentes delegados de cem países, representando um vasto leque político, social, cultural, religioso e filosófico. A Conferência, para além das suas sessões plenárias, realizou mesas-redondas de juristas e parlamentares, mulheres, jovens e organizações sindicais.

No final da Conferência foi distribuído um documento, a «Acta de Madrid pela Liberdade no Chile», que a seguir publicamos na íntegra, dado o seu evidente interesse e actualidade.

as suas reivindicações. Juristas enfrentam no debate público a mascarada de uma constituição fascista. As mulheres e todo o povo organizam-se em defesa da vida dos seus familiares desaparecidos. A juventude manifesta cada vez mais claramente a sua rebeldia.

Toda esta luta exige uma resposta do mundo e dos democratas.

Acta de Madrid pela liberdade do Chile

«Há quatro décadas o mundo foi envolvido numa chama bélica que o abrasou. Cinquenta milhões de mortos e a devastação de dezenas de países foi parte do preço necessário para impedir que a barbárie e o totalitarismo se impusessem a toda a humanidade.

A paz assinada em 1945 não trouxe, no entanto, o descanso àqueles cuja meta era a construção de um mundo no qual a razão, a justiça e o respeito fossem as fontes de inspiração que deveriam orientar a convivência entre os homens e povos.

Nestes anos e em diferentes lugares da Terra surgiram e continuam a surgir de vez em quando tentativas para converter a força, o terror, a dependência e a exploração nos instrumentos com que se subjuguem países e continentes. Tenta-se impedir que o génio criador dos povos avance até à construção de sociedades mais justas, mais democráticas e mais livres.

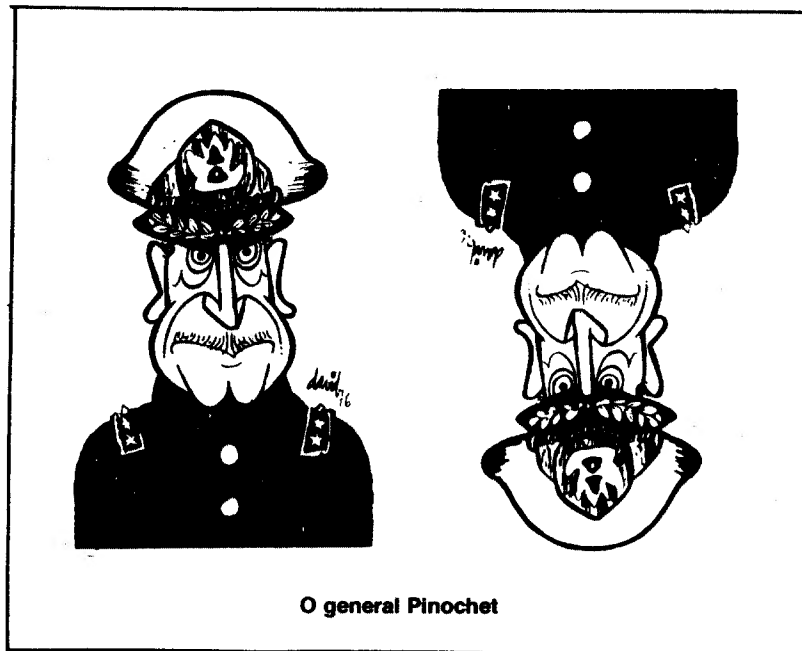
A luta entre umas e outras forças não será longa. Hoje alcança uma nova dimensão, cada vez mais forte, na medida em que os povos vão adquirindo consciência crescente do seu direito de ser protagonistas no que diz respeito ao seu próprio futuro.

Este confronto não tem fronteiras, mas o objectivo central da Conferência obriga-nos a ser mais precisos. No sul da América Latina um país de 10 milhões de habitantes transformou-se num foco que pode converter-se, a serem impostos os desígnios que se concertaram para lhe arrebatar a sua liberdade e as suas conquistas, num factor que concorra para dominar outras nações noutros pontos do mundo. O Chile, e o drama que vive desde 11 de Setembro de 1973, não é um caso isolado ou unicamente consequência de uma crise interna na história deste país. Nele foi alcançado um dos objectivos da estratégia do imperialismo destinada a manter todo um continente submetido ao seu domínio.

Devenis denunciar que esta política não se detém simplesmente na América Latina. Sobejam provas de como, tirando ensinamentos do desenvolvimento de cada uma das experiências, as forças repressivas e inimigas do homem aplicam os seus modelos num ou noutro ponto do mundo.

A luta do povo do Chile e de todos os que se solidarizam com ele e a de todos os povos do mundo que combatem pela sua libertação e pelo direito de eleger, de acordo com as suas próprias realidades, os caminhos que conduzem a melhores destinos.

Hoje, embora, constrangida pela



O general Pinochet

resistência e pela solidariedade, a ditadura chilena de Pinochet continua no poder ao serviço dos interesses de uma minoria e favorece as condições materiais e políticas para institucionalizar o seu regime.

Neste contexto decorrem, neste momento preciso, graves acontecimentos. O Governo ditatorial procura resolver o problema dos prisioneiros desaparecidos preparando novos assassinatos dizendo-os presumivelmente mortos: acentua a repressão às federações e sindicatos dissolvendo e perseguindo as suas organizações mais representativas e que contam com cerca de meio milhão de trabalhadores filiados. Reduz a níveis inconcebíveis a capacidade de compra do povo, condenando toda uma geração à fome com as suas fatais sequelas. Reduz radicalmente os gastos públicos no campo da saúde, da educação, da alimentação, dos transportes, da investigação científica e técnica. Aumenta o desemprego que atinge números desconhecidos no mundo. Em suma, faz com que a mais implacável agressão contra o povo chileno seja uma condição básica necessária para desenvolver o seu esquema económico e político.

Mas o Chile não está de joelhos nem derrotado.

Apesar dos seus milhares de mortos e dos seres humanos desaparecidos, e dos milhares de presos políticos salvos pela solidariedade e dos que ainda continuam encarcerados ou são oprimidos pelo aparelho repressivo e terrorista mais sinistro da sua história, a luta aumenta em conteúdo e em amplitude. Os trabalhadores fazem

Uma resposta coerente e concreta expressa em feitos e não em palavras que não correspondam às condutas objectivas. A luta pelo restabelecimento da democracia, por um lado, e o apoio económico às ditaduras por outro, são atitudes irreconciliáveis e contraditórias. A defesa dos Direitos Humanos deve compreender necessariamente a dos direitos políticos, sociais e económicos. Eles são a base imprescindível da autodeterminação dos povos e da sua possibilidade de ascender a uma vida livre e digna.

Perante tudo isto, há uma pergunta que não podemos deixar de fazer: em que utilizou a Junta fas-



cista os 3000 milhões de dólares que lhe foram entregues nestes últimos anos por governos, organismos internacionais de crédito e pela banca privada? A resposta é só uma: investiram-nos na compra de armas, elementos sofisticados para a repressão, e foram absorvidos por dois ou três grupos financeiros crioulos e pelas todo poderosas multinacionais.

Denunciamos energeticamente aqueles governos e instituições que apoiam com os seus recursos o regime de Pinochet, convertendo-o numa ameaça à paz do Continente, tornando mais longa e difícil a luta dos democratas chilenos.

Por isso, reclamamos o fim da entrega de armas e outros auxílios à Junta Militar, exigimos a manutenção dos instrumentos de fiscalização e protecção dos direitos humanos no Chile, criados pela comunidade internacional, principalmente pelo grupo de trabalho ad-hoc da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas; o esclarecimento imediato da situação dos desaparecidos e a sanção dos culpados do assassinato do ex-chanceler chileno Orlando Letelier.

Esta Conferência mundial tem o dever de assumir um compromisso de acção concreto a fim de impulsionar todas as iniciativas combinadas no seu seio. Deste modo

responderemos adequadamente ao combate das forças políticas e sociais, das organizações sindicais, da juventude, das mulheres e da própria Igreja chilena.

Encontram-se aqui presentes forças que devem impulsionar activamente o cumprimento das resoluções adoptadas nas Nações Unidas e nas numerosas reuniões internacionais.

Acolhemos nos nossos países centenas de milhares de perseguidos pela ditadura. Na maioria dos casos ajudamo-los a enfrentar essa difícil experiência. Mas sentimos que as nossas obrigações não são só essas. Cumpriremos plenamente a responsabilidade contraída ao dar-lhes asilo e apoiaremos sem hesitações o direito de todos eles a viver na sua própria pátria.

A Conferência Mundial de Solidariedade com o Chile fará chegar com força a sua voz a todos os países, em todas as línguas, a todas as tribunas e lugares do mundo. A vitória no Chile de todos os que lutam pela democracia, pela liberdade e pela justiça, será a vitória de todos nós, homens, mulheres e jovens, que em cada hora, diariamente, nos mais diversos rincões do mundo, combatem por estes mesmos objectivos superiores.

Madrid, 11 de Novembro de 1978.

Seminário Internacional contra o desarmamento

O Seminário Internacional subordinado ao tema «Alternativas para a Produção de Armamentos», terminou em Londres, tendo reunido delegados de 17 países, nomeadamente, dos Estados Unidos, da União Soviética, Alemanha Federal, França, Grã-Bretanha, Jugoslávia, Itália, entre outros, e ainda representantes de organizações sindicais e sociais procedentes dos mais diversos países do mundo.

Em dois dias de trabalho os delegados abordaram questões relacionadas com o termo da corrida

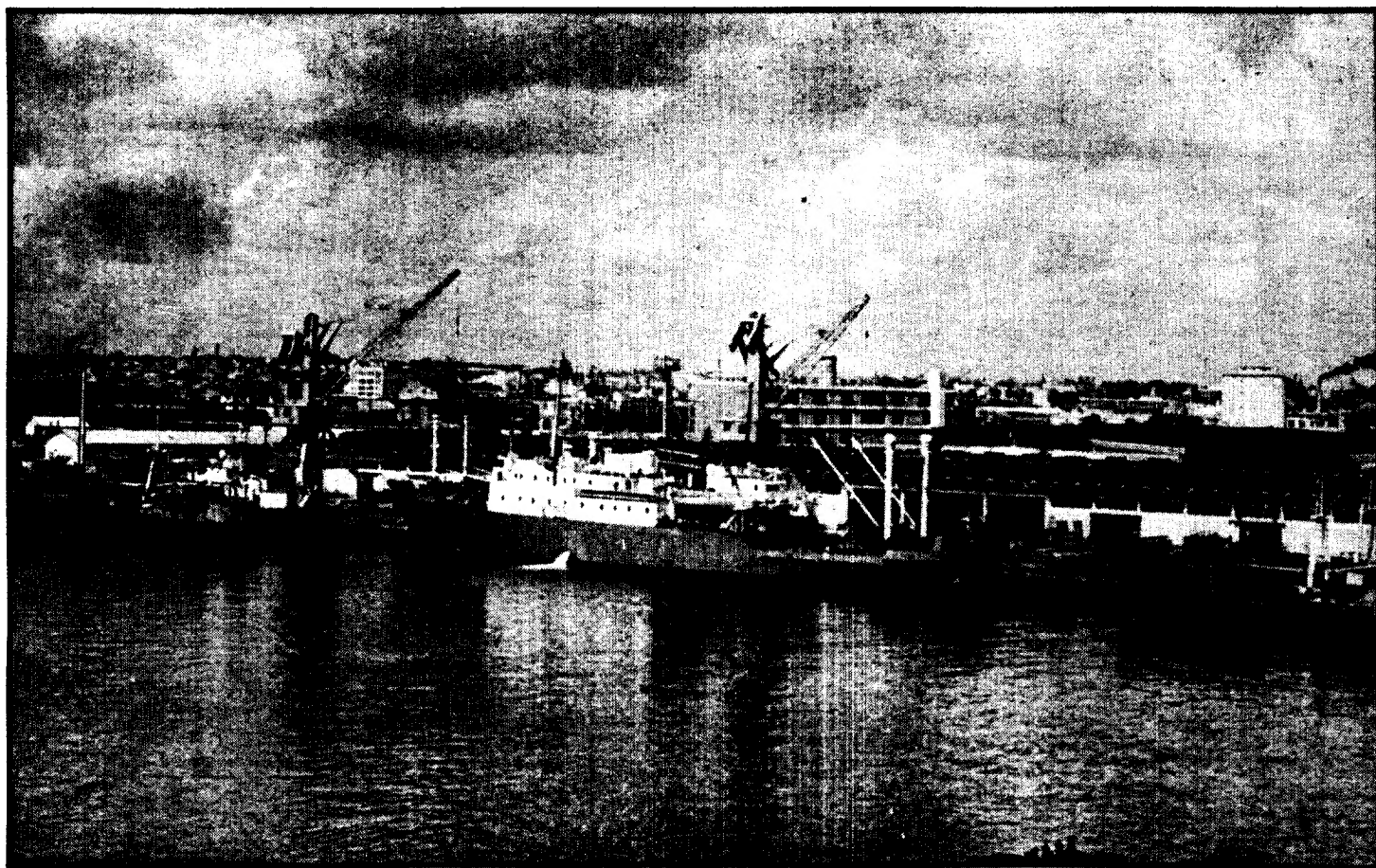
aos armamentos, a supressão do perigo de guerra e o desenvolvimento da cooperação entre os povos. No comunicado divulgado posteriormente é sublinhado «o perigo que representam para a humanidade os planos dos dirigentes norte-americanos de lançar os componentes principais da bomba de neutrões».

No texto elaborado, os participantes ao seminário puseram em relevo a necessidade de se denunciar activamente aquela imprensa, que defende habitualmente os interesses do complexo

militar-industrial e as opiniões dos políticos adeptos da «guerra-fria».

«Todos estes esforços dos «mass-media» reaccionários visam acelerar a corrida aos armamentos» — adverte o comunicado.

No final dos trabalhos, todos os participantes, sem excepção, salientaram a necessidade de organizarem, mais frequentemente, encontros internacionais deste tipo e aprovaram por unanimidade a proposta soviética de se convocar uma conferência sindical mundial sobre os aspectos sociais e económicos do desarmamento.



O porto pesqueiro em Havana é o maior da América Latina

Uma vez criadas as cooperativas e com a contribuição dos barcos saídos dos estaleiros, os pescadores cooperativistas ultrapassam, ano após ano, o total nacional da produção de 1958. Por exemplo, em 1959 foi de 28 mil e 200 toneladas métricas e, em 1964, de 36 mil 300.

A partir desse momento, começou a subida até à meta de 100 mil toneladas métricas de captura total (águas costeiras e oceânicas) que tanto assombrou os especialistas na matéria. Em 1970 foi atingida a meta, ao produzir-se 105 mil 900 toneladas métricas de capturas e, em 1973, foi de 150 mil 283 toneladas métricas.

Porto pesqueiro

Um centro de extraordinária importância para a indústria do ramo é o porto pesqueiro de Havana, o maior da América Latina, cuja construção orçou em 39 milhões de pesos.

O porto conta com 3 molhes para carga e descarga e descarga dos barcos, com sete guias de 5 tone-

■ Lino Fernandez

□ Prensa Latina

O constante desenvolvimento da indústria pesqueira é um dos aspectos principais dos planos do Governo Revolucionário de Cuba, desde o triunfo insurreccional, e os progressos conseguidos até ao momento têm assombrado os especialistas.

Uma das características principais desse desenvolvimento diz respeito aos complexos pesqueiros, modernos centros marítimos que possibilitam um agrupar de forças, uma melhor organização e um maior cuidado no cumprimento dos compromissos assumidos. Por exemplo, o complexo pesqueiro de La Coloma, situado na costa sul da província de Pinar del Rio, constitui uma das mais modernas instalações do país, cuja construção orçou em mais de cinco milhões de pesos e com uma área de 45 mil metros quadrados.

A moderna tecnologia do centro está representada por um frigorífico que ocupa três mil metros quadrados de superfície, uma fábrica de gelo com uma produção de cerca de 180 toneladas em cada período de 24 horas, uma unidade de tratamento de água e um espacoso molhe de acostagem múltipla.

Os primeiros complexos começaram a ser construídos em localidades de arraigada tradição pesqueira: Batanó, Caibarién, Manzanillo, Nueva Gerona (na ilha da Juventude), Santa Cruz e La Coloma.

As obras compreendiam a construção ou ampliação de salas de processamento, fábricas de conservas, de gelo, frigoríficos, oficinas de reparação de aprestos de pesca, assim como o melhoramento das redes de comunicação terrestre e radiofónica.

A pesca em Cuba

Cuba, apesar das suas mil e 600 ilhas e mais de cinco mil e 700 km de costa, viveu de costas viradas para o mar durante muitos anos.

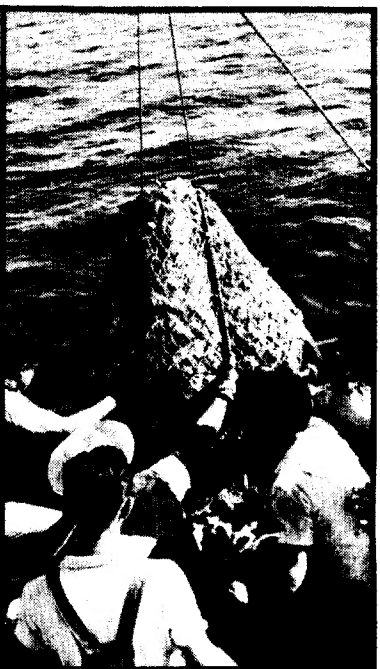
O doutor George C. Salmon, economista da FAO, integrado no programa de assistência técnica à pesca, apresentou em 1963 um relatório, onde assinala que o estado dos recursos marítimos em Cuba era praticamente desconhecido em 1958.

Nunca se pôde precisar a quantidade exacta de embarcações pesqueiras em funcionamento, embora, dado o reduzido número de estaleiros em existência, melhor de varadouros, se considere que o número não ultrapassa os três mil e 500 barcos e, destes, cerca de 70% são a remo ou vela e têm em média um comprimento de 9/12 metros.

Os métodos de pesca utilizados eram tão anacrónicos como as próprias embarcações: o clássico fio e anzol, os cestos e as redes para as espécies com escama.

A lagosta pescava-se com «pincharras» (varas largas com ponta de aço) e também com rede.

Por último o «engó» (bolas de lodo recheadas de carne para atrair o camarão) e a tarrafa para a captura do camarão e em reduzi-



Os pescadores cubanos com as suas novas técnicas e embarcações aumentam ano após ano a produção.

Desenvolvimento pesqueiro

díssima escala o arrasto.

O conjunto destes factores limitava as zonas de pesca às águas da plataforma, embora as embarcações de maior porte se aventurassem a pescar no golfo do México.

No último ano da ditadura de Batista (1958) a produção nacional foi apenas de 21 mil e 900 toneladas métricas.

A partir deste momento, o Governo Revolucionário entregou-se à tarefa de transformar a pesca artesanal herdada. Uma das primeiras medidas foi a humanização das condições de vida e de trabalho dos pescadores e pôr em prática novos planos organizativos.

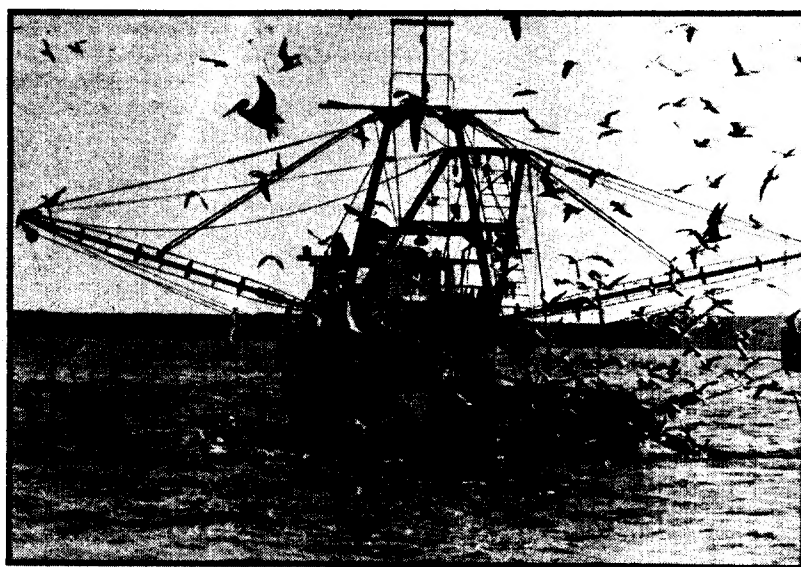
A partir daí, nasceram as cooperativas onde os pescadores começaram a receber créditos indispensáveis, novos processos de pesca, assistência técnica, etc. que se traduziu num aumento progressivo da produção.

Em 1965, os cooperativistas pescaram 32 mil 641 toneladas métricas de peixe e marisco, criaram-se escolas, construíram-se unidades pesqueiras e, em geral, o nível de vida do homem do mar cresceu em 150%.

Construção naval

O Governo Revolucionário propôs-se desde o princípio, como tarefa imediata, construir estaleiros e organizou um programa especial, com o propósito de impulsionar a construção de embarcações pesqueiras por todo o país.

Os estaleiros foram surgindo tanto no norte como no sul da ilha. O programa de novas construções constou ao princípio de três etapas: a primeira para barcos de 25 pés (eta), de 35 pés (sigma) e de 50



Eis um barco camaroeiro em plena actividade e que foi construído em Cuba depois da Revolução.

(omieron); a segunda para barcos de 60 pés (ro) e de 75 (lambda); a terceira para barcos de 60 e de 100 pés (victoria).

No meio desta incessante evolução, o porto de Cárdenas, situado a 120 km a leste de Havana converteu-se em sede dos maiores estaleiros da nação e, assim, surgiram barcos como «El Cocal» que foi o primeiro fabricado em aço em Cuba, com 153 pés de comprimento e 709 toneladas, lançado à água em 1968.

A produção aumenta

A construção em série, já conseguida para os barcos com casco de ferro e cimento e, em desenvolvimento para os de casco de aço, será utilizada ainda para as naves com casco plástico, com fibras de vidro reforçado.

ladas, além de dois molhes de reparação, com guias de 10 toneladas métricas, um dique flutuante para reparar embarcações de até dois mil e 500 toneladas e, outros, para varar navios de cerca de quatro mil e 500 toneladas.

Por outro lado, fundou-se um centro de investigações pesqueiras com o fim de conhecer e localizar as riquezas do mar de Cuba e contribuir para a indústria pesqueira, com o estudo dos peixes, moluscos, crustáceos, etc., seus hábitos, épocas de desova e temperatura em que esta se efectua.

Em conclusão, os factos demonstram que, graças à Revolução, os cubanos alcançaram grandes sucessos neste importante sector da economia, a tal ponto que podem já prestar auxílio a outros povos. ●



POVO MOÇAMBICANO CONQUISTA DIREITO A SAUDE

A campanha nacional de vacinação lançada em Junho de 1976 em Moçambique obteve resultados fortemente satisfatórios. Segundo dados fornecidos pelo Ministério da Saúde, 96 por cento dos moçambicanos foram vacinados contra a varíola, o sarampo, a tuberculose e o tétano.

A luta contra as epidemias e uma larga prevenção das doenças infecciosas estão no centro da atenção dos organismos da saúde cujas iniciativas deram origem ao desaparecimento quase total dos focos de sarampo, da varíola e de outras doenças.

A palavra de ordem «A medicina ao serviço do povo», lançada pela Frelimo e pelo Governo de Moçambique, tornou-se uma realidade. Todas as clínicas e hospitais privados foram nacionalizados. Os serviços médicos passaram a ser gratuitos. A saúde da mãe e da criança está particularmente protegida.

Estão a ser instalados postos clínicos em todas as fábricas e empresas do Estado e em cooperativas agrícolas.

Entretanto, os médicos dos países socialistas concedem um auxílio inestimável a Moçambique, na organização e desenvolvimento do sistema da saúde. Há especialistas soviéticos a trabalhar em Maputo, Beira, Nampula e noutras cidades e aldeias do país.



OS JOGOS OLIMPICOS DE MOSCOVO E A IMPREENSA ESTRANGEIRA

Perspectiva do Hotel «Rossia», junto do rio Moskva, no coração da capital soviética, onde ficarão alojados os 2.500 jornalistas estrangeiros que farão a cobertura dos Jogos Olímpicos de 1980.

CIDADE SÓ PARA ADULTOS

Segundo o jornal oeste-alemão **Die Welt**, está em construção a uns 30 quilómetros da capital canadiana, Ottawa, uma pequena cidade-satélite na qual as crianças não serão aceites como moradores mas simplesmente como visitantes, durante um período máximo de cento e vinte dias por ano. A cidade em questão, **Amberwood Village**, para a qual estão previstas mil casas, já tem bastantes moradores que aceitaram a cláusula, segundo a qual «Só os adultos podem ser residentes permanentes da cidade». Se um habitante de **Amberwood Village** tiver um filho, é pois obrigado, por contrato, a vender a casa.

O construtor desta estranha cidade, casado e pai de três filhos, declara que gosta de crianças mas que compreende as pessoas que apreciam o silêncio e a tranquilidade.

AS ESPERANÇAS E OS CUSTOS



A delegação da Arábia Saudita, fotografada durante a última reunião da OPEP (Organização de

Países Exportadores de Petróleo) no Abu Dabi. As esperanças do mundo capitalista residiam na ca-

pacidade e vontade moderadora dos sauditas para impedir uma séria subida dos preços do petróleo. Contudo, o declínio da divisa norte-americana, e crescente tema de inflação no mundo ocidental têm causado tão sérios prejuízos aos produtores de petróleo que estes reencontraram uma unidade perdida, e fixaram um aumento unitário dos preços do petróleo, que, de modo gradual, subirão até 14,5% (Foto Sipa-press).

O EX-FOTOGRAFO REAL



Anthony Armstrong-Jones ou Lord Snowdon, como se preferir, libertou-se do seu casamento com a princesa Margarida de Inglaterra e decidiu dar seguimento a uma vida muito modestamente com a

sua secretária, Lucy. Aqui vemos os noivos, depois de casados, à saída da conservatória londrina de Kensington. É caso para dizermos: mudam-se os tempos... (Foto Ferial).

A REPRESSÃO NA ÁFRICA DO SUL

3 ►

«apartheid» participam representantes de todas as raças: não só os africanos, mas também mestiços, pessoas de origem asiática, brancos progressistas. Eles não temem a repressão. No entanto, o número de mortos ultrapassou, em três meses do ano passado, as mil pessoas.

Os racistas recrutam para o serviço repressivo delinquentes e toda a escória desclassificada. São armados, encharcados em álcool e drogas, e depois lançados contra os manifestantes desarmados. O repórter Serache, do jornal «Rand Daily Mail», de Joanesburgo (que, como muitos outros jornalistas, foi preso e mantido sem julgamento nem investigação na prisão), rela-

tu uma cena em que um oficial de polícia censurava um bandido a soldo que, possesso de fúria, destruiu tudo à sua passagem: «Ora, foi-lhe ordenado matar os revoltosos e não causar dano aos bens do Estado!...»

Centenas de milhares de africanos opõem a sua elevada consciência política ao terror das autoridades da República Sul-Africana. A tomada de consciência da população africana e a sua organização são um êxito incontestável de todas as forças progressistas da R.S.A.

Nem as masmorras da prisão, as torturas requintadas ou a repressão policial deterão as pessoas que se levantaram em luta contra o «apartheid», por um futuro digno do Homem. ●

EXCLUSIVO

N.º 52/78

